

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS
INTERNACIONAIS**

LAÍS HELENA ANDREIS TRIZOTTO

**A GUERRA DO IRAQUE E A TRANSFORMAÇÃO MILITAR NOS ESTADOS
UNIDOS DA AMÉRICA**

PORTO ALEGRE

2018

LAÍS HELENA ANDREIS TRIZOTTO

**A GUERRA DO IRAQUE E A TRANSFORMAÇÃO MILITAR NOS ESTADOS
UNIDOS DA AMÉRICA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Quedi
Martins

PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Trizotto, Laís Helena Andreis
A Guerra do Iraque e a Transformação Militar nos
Estados Unidos da América / Laís Helena Andreis
Trizotto. -- 2018.
133 f.
Orientador: José Miguel Quedi Martins.

Dissertação (Mestrado Profissional) -- Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências
Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Estratégicos Internacionais, Porto Alegre, BR-RS,
2018.

1. Doutrina Bush. 2. Doutrina Wolfowitz. 3. Guerra
do Iraque (2003). 4. Transformação Militar nos EUA. 5.
Insurgência no Iraque. I. Martins, José Miguel Quedi,
orient. II. Título.

LAÍS HELENA ANDREIS TRIZOTTO

**A GUERRA DO IRAQUE E A TRANSFORMAÇÃO MILITAR NOS ESTADOS
UNIDOS DA AMÉRICA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 06 novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins - Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Heraldo Makrakis
IFRS

Prof. Dr. Nilo André Piana de Castro
UFRGS

Prof. Dr. Érico Esteves Duarte
UFRGS

À Democracia e à Liberdade, que hoje são

Desejos de todos

Pretextos de muitos

Privilégios de poucos

“Americans in 1950 rediscovered something that since Hiroshima they had forgotten: you may fly over a land forever; you may bomb it, atomize it, pulverize it and wipe it clean of life—but if you desire to defend it, protect it and keep it for civilization, you must do this on the ground, the way the Roman legions did, by putting your young men in the mud.”

“Os Americanos redescobriram em 1950 algo que haviam esquecido desde Hiroshima: Pode-se voar sobre uma terra para sempre, pode-se bombardeá-la, atomizá-la, pulverizá-la e livrá-lo de toda a vida – mas se desejar-se defendê-la, protegê-la e mantê-la para a civilização, deve-se fazê-lo no plano terrestre, da forma que as legiões romanas o faziam, colocando seus jovens na lama.”

T.R. Fehrenbach – This Kind of War: The Classic Military History of the Korean War (2000).

RESUMO

O presente trabalho procura estabelecer parâmetros que permitam fazer as vezes de uma retroalimentação entre o que é estabelecido na doutrina militar e suas decorrências na experiência real no Iraque. Nesse sentido, busca-se explorar como as Doutrinas Bush, Wolfowitz e Rumsfeld influenciaram e foram influenciadas pela Guerra do Iraque. A pergunta norteadora da pesquisa, portanto, é: Como o processo de Transformação Militar nos EUA influenciou e foi influenciado pela Guerra do Iraque de 2003? A hipótese é de que o processo de Transformação induziu a diminuição do nível de tropas e a falta de um planejamento posterior pra estabilização no Iraque, minimizando a importância da presença (“boots on the ground”); e a lição extraída do combate bem-sucedido influenciou a crença de que a Força Terrestre era dispensável.

Palavras-chave: Doutrina Bush. Doutrina Wolfowitz. Guerra do Iraque (2003). Transformação militar nos EUA. Insurgência no Iraque.

ABSTRACT

The present work tries to establish parameters that allow one to establish a feedback between what is determined in the military doctrine and its consequences in the military experience in Iraq. Thus we seek to explore how the Bush, Wolfowitz and Rumsfeld Doctrines influenced and were influenced by the Iraq War. The main question for the research, therefore, is: How did the US Military Transformation process influence and was influenced by the 2003 Iraq War? The hypothesis is that the Transformation process led to a decrease in troop levels and a lack of subsequent planning for stabilization in Iraq, minimizing the importance of the presence (boots on the ground); and the lesson from the successful combat influenced the belief that the Land Force was expendable.

Keywords: Bush doctrine. Wolfowitz doctrine. Iraq war (2003). U.S. military transformation. Insurgency in Iraq.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ANTECEDENTES: A GUERRA DE 1991 E O INÍCIO DA TRANSFORMAÇÃO MILITAR	11
2.1	TRANSFORMAÇÃO MILITAR NOS EUA	12
2.1.1	Precedentes: A Guerra do Vietnã e o Surgimento do TRADOC	13
2.1.2	Cosmovisão de William Lind	18
2.1.3	Doutrina de Paul Wolfowitz	22
2.1.4	Plano orçamentário de Donald Rumsfeld	24
2.1.5	Análise crítica	27
2.2	IRAQUE PÓS-1991	29
2.2.1	A Guerra Irã-Iraque e a Guerra do Golfo	29
2.2.2	Balanço da Guerra do Golfo	32
2.2.3	Regime de Sanções Comerciais	34
2.2.4	Regime de Inspeções e Operações Militares	37
2.3	A GUERRA AO TERROR E A DOUTRINA BUSH	41
2.4	GUERRA POLÍTICA: MOTIVOS DECLARADOS E NÃO-DECLARADOS DA GUERRA DO IRAQUE.....	46
2.5	CONCLUSÕES PRELIMINARES.....	53
3.1	O PLANEJAMENTO.....	57
3.1.1	O Plano Final da Invasão	62
3.2	A OPERAÇÃO IRAQI FREEDOM	64
3.2.1	A Batalha por Nasiriyah	65
3.2.2	Pausa Operacional	68
3.2.3	Retomada das Operações: a Passagem de Karbala e o Objetivo Peach	72
3.2.4	Tomada do Aeroporto Internacional Saddam Hussein	77
3.2.5	A Tomada de Bagdá – Incursões Relâmpago	78
3.2.6	O fim da Guerra e a Captura de Saddam Hussein	83
3.2.7	Atuação das Forças Especiais	84
3.3	CONCLUSÕES PRELIMINARES.....	85
4	O PÓS-GUERRA	88
4.1	A TRANSIÇÃO POLÍTICA	89
4.2	AS CAUSAS E ATORES DA INSURGÊNCIA	92

4.2.1	Principais Atores da Insurgência	95
4.3	ESTRATÉGIA AMERICANA DE CONTRAINSURGÊNCIA – OS CASOS DE FALUJA E TAL AFAR.....	98
4.3.1	Faluja: a Operação Phantom Fury	99
4.3.2	O Caso de Tal Afar	105
4.3.3	New Way Forward (Surge): O Aumento de Tropas (2007)	111
4.4	A RETIRADA DAS TROPAS (2008-2011)	114
4.5	SURGIMENTO DO ESTADO ISLÂMICO.....	115
4.6	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	117
5	CONCLUSÃO	120
	REFERÊNCIAS	124

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como tema a relação entre a Transformação Militar nos Estados Unidos da América (EUA) e a experiência estadunidense na Guerra do Iraque (2003-2008). Em suma, seu objetivo geral consiste em prospectar e estabelecer parâmetros que permitam fazer as vezes de uma retroalimentação entre o que é estabelecido na doutrina e a experiência militar real no Iraque.

A retroalimentação, também conhecida como *feedback* ou função de controle, encontra sua origem na Teoria Geral de Sistemas, mais especificamente no âmbito da cibernética. Este processo baseia-se no resultado efetivo, em vez de basear-se no desempenho esperado (WIENER, 1954, p. 24). Dito de outra forma, a retroalimentação baseia-se no resultado real (*output*) do comando inserido (*input*) para adequar o processo ao desempenho esperado através de um novo comando. Em decorrência disto, sua aplicação no que diz respeito ao escopo deste trabalho pode se refletir nas mudanças no planejamento militar ocasionadas pelo surgimento de nova doutrina e às mudanças na doutrina ocasionadas pelo resultado efetivo de sua aplicação. Em virtude disso, são estabelecidos dois objetivos secundários. O primeiro deles é explorar a influência das Doutrinas Bush e Rumsfeld na forma em que se deu o planejamento de guerra. Já o segundo objetivo é analisar a influência dos resultados das operações no Iraque na própria condução política e militar das Operações na Guerra do Iraque e durante as operações de contra-insurgência.

Portanto, estabelece-se a pergunta norteadora principal da pesquisa: Como o processo de Transformação Militar nos EUA influenciou e foi influenciado pela Guerra do Iraque de 2003? A hipótese é de que a Transformação Militar nos EUA passou por um processo de retroalimentação em relação à experiência militar real: a Transformação influenciou o planejamento militar das operações na Guerra do Iraque; e os imperativos resultantes dessas operações, por sua vez, acarretaram mudanças no planejamento e execução dos planos operacionais.

No que diz respeito à metodologia empregada, concerne um esforço instrumental, o qual busca valer-se do conceito de retroalimentação para estipular critérios para análises futuras, onde espera-se poder efetivar comparações mais substanciais acerca das proposições contidas na Transformação Militar e sua efetividade no mundo real.

Feita esta ressalva, de que a presente dissertação apresenta um ensaio preliminar, cumpre destacar que se desenvolve a análise em três etapas sucessivas e complementares. A primeira etapa versa sobre o nível político-estratégico do planejamento de guerra. A segunda aborda os níveis operacional e tático do combate. Por fim, a última etapa traz a experiência das operações de segurança e estabilização e de contra-insurgência como retroalimentação política e militar da aplicação da doutrina da Transformação Militar na Guerra do Iraque.

Este trabalho pretende justificar-se tanto por razões de ordem acadêmica quanto social. Academicamente, pela originalidade da abordagem desenvolvida: a utilização da Teoria dos Sistemas (uma das Teorias da Comunicação) para integrar uma análise dos quatro níveis do planejamento de guerra – político, estratégico, operacional e tático –, tendo em vista a validação ou não de um pressuposto doutrinário. Em termos sociais, pretende justificar-se pela importância do Oriente Médio e, em particular, do Iraque para o Sistema Internacional e, em especial, para o Brasil. Ademais, o debate a respeito da evolução doutrinária dos EUA é, evidentemente, socialmente relevante e atual.

Abaixo, descrevem-se sucintamente os temas dos capítulos subsequentes, a fim de adiantar os assuntos que serão abordados ao longo deste trabalho.

Na primeira parte verifica-se o nível político-estratégico. De início, discute-se a Transformação Militar dos EUA, no que diz respeito às decorrências da Guerra do Vietnã e do surgimento do TRADOC. Logo após, inserem-se os fundamentos teóricos deste processo – a cosmovisão de Willian Lind e a Doutrina de Paul Wolfowitz – que deságuam na concepção de Donald Rumsfeld sobre o Perfil de Força estadunidense e, também, aponta-se brevemente algumas críticas. Na sequência, retrata-se o contexto do Iraque nos anos 1990, tanto durante quanto após a Guerra do Golfo. Além disso, os fundamentos da Guerra ao Terror e da Doutrina Bush são apresentados e, então, diferenciam-se os objetivos declarados dos objetivos reais para a tomada de decisão em favor da guerra. O capítulo seguinte compreende os níveis operacionais e táticos da Guerra do Iraque, dando ênfase ao planejamento e à execução da *Iraqi Freedom*. Já o último capítulo, refere-se ao período pós-guerra em mais de um âmbito. De um lado, explana a transição política no Iraque e as causas e atores da Insurgência. Por outro lado, busca expor a estratégia americana de contra-insurgência. Por fim, busca abordar brevemente o que se considera a principal consequência da invasão e ocupação estadunidense: o surgimento do Estado Islâmico. Finalmente, as conclusões procuram realizar breve um balanço entre os três capítulos do relatório e adiantar temas para trabalhos futuros.

2 ANTECEDENTES: A GUERRA DE 1991 E O INÍCIO DA TRANSFORMAÇÃO MILITAR

O presente capítulo tem como objetivos examinar as mudanças doutrinárias que condicionaram o planejamento das operações na Guerra do Iraque, determinar quais eram as condições do inimigo dos Estados Unidos na Guerra do Iraque e examinar o contexto histórico e político da Guerra do Iraque, qual seja o da Guerra ao Terror e da Doutrina Presidencial Bush. Para isso, indicam-se duas perguntas para o capítulo:

- a) quais os precedentes teóricos e consequências práticas da Transformação Militar liderada por Donald Rumsfeld?;
- b) qual a situação do Iraque quando da Guerra de 2003?; e
- c) qual o contexto político em que se inseriu a Guerra do Iraque de 2003?

As hipóteses que buscam responder a esses questionamentos são:

- a) é possível ver no trabalho de Paul Wolfowitz a gênese de uma cosmovisão acerca do Sistema Internacional (SI) que conformaria a forma com a qual os EUA atuariam: uma única Grande Potência, sem maiores competidores. Já Willian Lind, com a ideia de Guerra de Quarta Geração¹, traz a necessidade de adaptação do Perfil de Força² estadunidense para a Era da Informação. O resultado final são Forças Armadas cujos equipamentos são de alta qualidade, cujos soldados são altamente treinados, mas que carece de massa para enfrentar um adversário de semelhante nível tecnológico (potências que surgem no SI);
- b) o Iraque em 2003 era um país marcado por uma guerra anterior (Golfo – 1991) que, devido às sanções comerciais que lhe foram impostas, ainda tinha sua infraestrutura e Forças Armadas debilitadas como resultado; e
- c) a Guerra do Iraque se insere em um contexto marcado não apenas por uma crise política (da Guerra ao Terror), mas também de crise do modelo econômico estadunidense, que se procurou solucionar com a Guerra ao Iraque.

1 **Quarta Geração da Guerra** – Tem como principais características a dispersão do campo de batalha, a ampla dimensão do conflito e o colapso do inimigo (LIND et al., 1989, p. 22). O conceito será melhor desenvolvido mais adiante neste capítulo.

2 **Perfil de Força** – Refere-se à estrutura organizacional e doutrinária das Forças Armadas. Inclui suas características base (nativas ou estrangeiras, pagas ou não, ad hoc ou permanentes), seu tamanho, a composição de suas armas principais e, também, suas funções, isto é, que tipo de missão as mesmas têm a finalidade de cumprir (REIS, 2015, p. 17).

No contexto da virada do milênio, estava em curso nos EUA o processo de Transformação Militar, colocado em prática pela administração da época, encabeçada pelo Presidente George Walker Bush (Bush Filho) e pelo Secretário de Defesa Donald Rumsfeld. No decorrer deste período, as Forças Armadas estadunidenses passavam por uma renovação paradigmática. Alegadamente de forma a melhor enfrentar os desafios tecnológicos da guerra na Era da Informação. Enquanto isso, o Iraque ainda lidava com as decorrências – políticas, econômicas e sociais – da Guerra do Golfo. Em vista disso, para obter uma melhor compreensão a respeito da conjuntura iraquiana e da mudança doutrinária dos EUA, faz-se necessário uma breve retomada de seus antecedentes: a Guerra do Golfo e suas consequências, a Guerra do Vietnã e o surgimento do TRADOC³. Ainda, a sintética apresentação das visões de Willian Lind, Paul Wolfowitz e Donald Rumsfeld pretende apontar o que se acredita que tenham sido as bases, tanto do ponto de vista da cosmovisão quanto doutrinário, do projeto de Transformação Militar empreendido pelo presidente Bush.

Desse modo, o presente capítulo contém cinco seções. A primeira aborda a Transformação Militar estadunidense, desde seus precedentes – a Guerra do Vietnã e o surgimento do TRADOC – até sua formulação por Rumsfeld. Inclui-se aí cosmovisão de Lind sobre as Forças Armadas norte-americanas, as características da Doutrina Wolfowitz e o Perfil de Força apresentado por Rumsfeld. A segunda, trata da conjuntura do Iraque nos anos 1990, analisando os impactos da Guerra do Golfo e das sanções impostas como consequência dela na situação do país. A terceira seção busca contextualizar a política externa dos Estados Unidos à época da Guerra do Iraque de 2003. A quarta seção busca entender os motivos que levaram os EUA à Guerra e, por fim, a quinta e última seção traz as conclusões preliminares acerca destes importantes antecedentes da Guerra do Iraque.

2.1 TRANSFORMAÇÃO MILITAR NOS EUA

A questão da reforma na Política Externa, de Segurança e de Defesa dos EUA gerou, por vários anos, numerosos estudos, uma vasta literatura e um significativo debate entre os formuladores estadunidenses. A necessidade de uma modificação na doutrina das Forças Armadas dos EUA culminou, em fins da década de 1990, no início

3 **TRADOC** – Comando de Treinamento e Doutrina do Exército dos Estados Unidos, do inglês: *United States Army Training and Doctrine Command*.

da Transformação Militar (MCMASTER, 2003, p. 3). Este processo surgiu contrapondo-se ao Modo Americano de Fazer a Guerra – que teve sua origem ainda na Guerra de Secessão Americana (1861-65) –, conceito definido por Russell Weigley e que se caracteriza pela “mobilização ampla dos recursos humanos, materiais e financeiros da nação para empreender uma estratégia de ocupação do território inimigo e destruição de seus recursos até a obtenção da vitória” (REIS, 2015, p. 45).

A Transformação Militar foi levada adiante pelo Secretário de Defesa Donald Rumsfeld, em harmonia com a perspectiva da Doutrina Wolfowitz e, oficialmente, liderada pelo presidente George W. Bush (Bush Filho) que prometeu “novas ideias e escolhas difíceis”⁴ (MCMASTER, 2003, p. 3, tradução nossa). Assim sendo, esta seção versa sobre essa alteração doutrinária, apresentando as origens do TRADOC na Guerra do Vietnã, discutindo as bases teóricas de Willian Lind e Paul Wolfowitz para a posterior aplicação por Donald Rumsfeld, no que se refere ao Perfil de Força, orçamento e doutrina estadunidense da Transformação Militar e, além disso, trazendo uma breve análise crítica deste processo.

2.1.1 Precedentes: A Guerra do Vietnã e o Surgimento do TRADOC

A Guerra do Vietnã (1965-1973) pode ser considerada uma experiência traumática na história dos Estados Unidos e, principalmente, para suas Forças Armadas. O Exército Americano sofreu com a abordagem política da guerra, já que dependia, até a época, do uso da massa e da mobilização nacional e, portanto, do apoio da população ao esforço de guerra.

A estratégia de atrito⁵ utilizada pelo Exército [até então] criou uma dependência do [apoio] público para sustentar o suporte logístico maciço, o que era consistente com sua [do Exército] própria natureza como um órgão público. A estratégia de atrito empurrou o aspecto social da estratégia para casa, e a guerra que “ninguém ganhou” também seria travada em âmbito doméstico (LOCK-PULLAN, 2006, p. 32, tradução nossa)⁶.

⁴ Do original em inglês: “new thinking and hard choices”.

⁵ **Estratégia de atrito** – Como definida pelo historiador militar alemão Hans Delbrück, procura incapacitar o poder de combate inimigo, esgotando-o com “golpes de todos os tipos”, adotando atitudes como cercar uma fortaleza, ocupar uma província, bloquear as linhas logísticas do inimigo, formar uma aliança ou cortar um destacamento do oponente (LINN, 2002, p. 503).

⁶ Do original em inglês: “The Army’s attritional approach created a dependence on the public for massive logistical support, and this was consistent with its very nature as a public body. The attrition strategy pushed the social aspect of strategy back home, and the war ‘nobody won’ would also be fought at home”.

A forma como se deu o envolvimento americano no Vietnã foi gradual. O Exército americano passou de uma força pequena de consultores, – até 1964 – para uma força maior de fato envolvida no combate mais tarde, com um aumento significativo de tropas, sem nunca declarar guerra de fato⁷. Isso significou a ausência de uma mobilização nacional efetiva em torno do esforço de guerra e em um envolvimento “autolimitado” das forças estadunidenses no conflito (LOCK-PULLAN, 2006, p. 39). Nesse sentido, o próprio caráter restringido da guerra e a indefinição acerca dos objetivos políticos e militares da intervenção – algo que se repetiria na experiência americana no Iraque em 2003 –, agiram como graves debilitadores das forças estadunidenses.

Então, apesar do engajamento do Exército nas batalhas, a natureza e os custos das táticas empregadas – sem considerar os aspectos sociais e políticos envolvidos – levaram ao desaparecimento da vontade política e, com isso, a uma ruptura da identidade e da cultura estratégica da instituição militar (LOCK-PULLAN, 2006, p. 26-43). Com o fracasso em conter as guerrilhas do Vietnã do Norte (que tomariam a capital no sul em 1975), as denúncias de violações aos direitos humanos (como o caso do Massacre de Mĩ Lai⁸) e os escândalos políticos internos do país ligados ao caso Watergate⁹, o apoio da população ao esforço de guerra foi erodindo, ao ponto em que, em 1973, os EUA foram obrigados a se retirarem da Guerra do Vietnã.

⁷ Até 1964, os EUA estavam envolvidos na Guerra do Vietnã através, principalmente, de consultores militares, com cerca de 20 mil homens. Em reação ao incidente do Golfo de Tonkin em 1964 – em que embarcações norte-vietnamitas teriam atacado o destróier estadunidense USS Maddox – o Congresso Americano autorizou o Presidente Johnson a tomar quaisquer passos necessários para repelir ataques às forças estadunidenses, incluindo o uso da força e mesmo sem que o Congresso declarasse oficialmente guerra. Assim, em março de 1965, chegaram ao Vietnã as primeiras unidades das Forças Armadas Estadunidense que participariam oficialmente de combates. Em 1965, chegaram cerca de 180 mil soldados ao Vietnã, sendo que o pico de forças americanas no país foi de 543 mil soldados em 1968. Fonte: Department of Defense Manpower Data Center, Vietnam War Allied Troop Levels 1960-73.

⁸ **Massacre de Mĩ Lai** – Foi o assassinato em massa de civis desarmados (estimativas variam entre 347 e 504 civis) nas aldeias de Mĩ Lai e Mĩ Khe por soldados norte-americanos. As vítimas incluíam idosos, adultos e crianças, de ambos os sexos. As atrocidades cometidas pelos soldados e oficiais (que não serão aqui detalhadas) foram denunciadas pelo Subtenente Hugh Thompson Jr, que presenciou cenas do massacre enquanto buscava resgatar civis feridos. De todos os oficiais e soldados da Companhia C do 1º Batalhão do 20º Regimento de Infantaria da 11ª Brigada da 23ª Divisão de Infantaria americana que tomaram parte no massacre, apenas um chegou a ser condenado pela justiça americana – o Tenente William Calley Jr., que, de toda forma, reduziu sua sentença de prisão perpétua para três anos e meio de prisão domiciliar (COSGROVE, 2013).

⁹ **Caso Watergate** – É como ficou conhecido o escândalo político ocorrido nos Estados Unidos no começo dos anos 1970. Teve início em junho de 1972, com a divulgação na imprensa – feita por dois repórteres – da invasão à sede do Comitê Nacional Democrata, no complexo de escritórios chamado Watergate, em Washington DC. Em seguida, o presidente republicano Richard Nixon tentou encobrir seu envolvimento, porém, maiores investigações foram encabeçadas pelo Congresso. Logo, formou-se uma larga crise moral e de opinião pública, atrelada à corrupção e a uma crescente desconfiança por

Os estágios tardios da Guerra do Vietnã se tornaram um período de fragmentação social, em que a cultura estratégica vacilava. O consenso acerca da política de contenção desmoronou e a identidade social americana se dividiu em críticas sobre a guerra. A cultura política dos EUA também foi destruída pelo escândalo do Watergate e o Congresso desafiou o poder do Executivo, em especial com a reafirmação do poder do Congresso, efetuada pela Resolução sobre os Poderes de Guerra de 1973. A coerência e consenso que sustentavam a cultura estratégica americana se romperam sob a pressão da aventura americana no Vietnã. Uma consequência direta da guerra foi que ela ‘deixou um profundo ceticismo da nação em relação à utilidade geral e à legitimidade do poder militar americano (LOCK-PULLAN, 2006, p. 37, tradução nossa)¹⁰.

Esse ceticismo americano em relação às Forças Armadas teve consequências profundas, mesmo antes da saída dos EUA da guerra. Ainda em 1970, o Presidente Nixon anunciou o objetivo de, até 1973, transformar o sistema de recrutamento do Exército de um modelo de conscritos para um modelo voluntário/profissional (que ficou conhecido como VOLAR – *All-Volunteer Army*). Esse novo modelo de recrutamento, pode-se dizer, marca um afastamento entre as Forças Armadas e a sociedade (LOCK-PULLAN, 2006, p. 36): a população como um todo não é mais representada por esta instituição e, portanto, não se envolve mais com tanta intensidade em seus assuntos.

A quebra do consenso e da coerência estratégica foi extremamente problemática para o Exército estadunidense. O legado do Vietnã foi que esta guerra levou a uma reformulação da política externa e, também, da cultura estratégica americana – tão logo a identidade social tornou-se crítica à guerra – e, por causa disto, é identificada como uma “síndrome” (LOCK-PULLAN, 2006, p. 38). Por conseguinte, surge a necessidade da reestruturação político estratégica das Forças Armadas nos EUA, tanto no nível da Grande Estratégia¹¹ quanto no âmbito mais administrativo do Departamento de Defesa e das Forças. Na esfera da Grande Estratégia, a Doutrina Presidencial Nixon¹² é

parte da população. Por fim, o escândalo culminou com a renúncia de Nixon em 1974, historicamente a única renúncia feita por um presidente americano (FISHER, 2012).

¹⁰ Do original em inglês: “The later stages of the Vietnam War became a period of social fragmentation and the strategic culture faltered. The consensus over containment fell apart and the American social identity split over criticism of the war. The political culture of the US was also wracked by the scandal of Watergate and Congress challenged the power of the executive, especially with the reassertion of Congressional power realized in the War Powers Resolution in 1973. The coherence and consensus behind American strategic culture ruptured under the strain of the adventure in Vietnam. A direct consequence of the war was that it ‘left a deep national skepticism about the overall utility and legitimacy of American military power’”.

¹¹ **Grande Estratégia**– Definida como “a articulação das capacidades políticas, militares e econômicas para atingir e defender seus interesses securitários vitais, tais como percebidos pelas lideranças políticas e por setores da burocracia formuladora de políticas” (REIS, 2016, n.p.).

¹² **Doutrina Presidencial Nixon** (1969-1974) – Também chamada de Doutrina Guam, postulava a divisão do esforço de segurança entre aliados regionais, a dispersão da base industrial de defesa entre os mesmos e o uso de meios de pagamento para desafiar a URSS no Terceiro Mundo, acumulando

substituída pela Doutrina Presidencial Carter¹³ (REIS, 2016, n.p.). Enquanto isso, a resposta das Forças Armadas à desmoralização e aos questionamentos acerca de sua legitimidade, trazidos pelo período final da Guerra do Vietnã, é a reorganização administrativa, que ficou conhecida como Operação STEADFAST (LOCK-PULLAN, 2006, p. 54).

A Operação STEADFAST, sob o comando do Chefe de Estado do Exército, o General Creighton Abrams, foi a responsável pelo estabelecimento, em 1973, do TRADOC – Comando de Treinamento e Doutrina do Exército dos Estados Unidos. O TRADOC assumiu o comando de todo o desenvolvimento de doutrina do Exército – antes sob a tutela do Comando de Desenvolvimento de Combate –, do treinamento individual dos soldados e das escolas de formação e centros de treinamento do Exército – ambos antes sob a tutela do Comando Continental do Exército (ROMJUE; CANEDY; CHAPMAN, 1993, p. 5-7). Assim, o TRADOC assumiu, resumidamente, todo o desenvolvimento doutrinário, ensino e treinamento do Exército. Em outras palavras:

[...] a reorganização de 1973 trouxe sob a responsabilidade do TRADOC as responsabilidades entrelaçadas de atividades de desenvolvimento do Exército, pelas quais soldados e líderes eram treinados e instruídos, sua doutrina de combate era formulada, suas unidades táticas eram estabelecidas e suas requisições de armamento eram definidas (ROMJUE; CANEDY; CHAPMAN, 1993, p. 7, tradução nossa)¹⁴.

Importa notar que, até então, a doutrina militar era um resultado do processo de treinamento de soldados e líderes e do equipamento disponível. Com a profissionalização do Exército e a Reorganização STEADFAST, é a doutrina militar que passa a guiar o treinamento e as requisições de material; o TRADOC passa a requerer as tecnologias que seriam desenvolvidas e não a simplesmente escolher, dentre as que estavam disponíveis, aquelas que melhor conviessem. O processo de desenvolvimento de armamentos passa a ser da consciência para a realidade, o que não tinha precedentes à época.

pequenas vantagens que, à época, visivelmente haviam neutralizado a derrota americana no Vietnã, em 1973 (REIS, 2016, n.p.).

¹³ **Doutrina Presidencial Carter** (1977-1981) – Sustentava que o futuro dos EUA dependeria do Golfo Pérsico e, portanto, previa o engajamento direto de forças estadunidenses no Oriente Médio, a fim de reestabelecer a hegemonia do país na região. A decisão de criar uma Força de Deslocamento Rápido reflete uma das formas de concretização deste entendimento, bem como o aumento dos gastos militares e a elevação da retórica anticomunista (REIS, 2016, n.p.).

¹⁴ Do original em inglês: “the 1973 reorganization drew together under TRADOC the closely related Army development activities by which troops and leaders were trained and instructed, their fighting doctrine was formulated, their tactical units were built and their weapon requirements were defined”.

Saindo do Vietnã, o Exército americano não se encontrava apenas traumatizado por uma grande crise de identidade, mas também se encontrava defasado em doutrina e equipamentos em relação a seu principal competidor na arena internacional: a União Soviética (URSS). (TOFFLER; TOFFLER, 1994, p. 61-62; ROMJUE; CANEDY; CHAPMAN, 1993, p. 8). Nesse sentido, era necessária uma nova doutrina militar e, também, novas tecnologias que atendessem às necessidades do confronto com a potência soviética.

Acreditava-se que o combate “quente” que daria fim à Guerra Fria aconteceria no Fronte Central da OTAN, bem em meio ao território alemão, onde estavam concentradas as tropas da OTAN e do Pacto de Varsóvia, posicionadas ao longo da linha que dividia as duas Alemanhas. Este cenário, de acordo com Mearsheimer (1982, p. 6-10), apresentava uma correlação de forças extremamente desfavorável ao campo ocidental. Com a Reorganização STEADFAST, o TRADOC, portanto, ficava responsável pela mudança doutrinária que responderia aos desafios do confronto com a URSS. A primeira destas respostas veio em 1976, na forma da Doutrina da Defesa Ativa.

A Defesa Ativa propunha, no caso de as forças da OTAN serem atacadas pelas forças do Pacto de Varsóvia, uma estratégia defensiva de atrito, até que a chegada de forças de apoio permitisse ataques em profundidade sobre as reservas inimigas. Entretanto, a doutrina foi alvo de críticas, à época, principalmente do setor civil da sociedade. Além de ser centrada, principalmente, na esfera tática da guerra, por ser fortemente baseada em posições defensivas e de atrito, a Defesa Ativa tinha o potencial para exaurir em demasia as forças dos EUA e da OTAN na região, o que não seria bem-visto pela opinião pública doméstica, ainda mais na era pós-Vietnã (FRIEDMAN, 2016, p. 32-36; REIS, 2016, n.p.). Além disso, havia o receio de diversos comandantes das forças armadas de que a Defesa Ativa não seria suficiente para vencer as forças soviéticas na Frente Central da OTAN. Segundo eles, a Defesa Ativa daria conta apenas dos primeiros escalões das forças soviéticas, mas os escalões de reserva, que se seguiriam ao primeiro escalão, ainda ficariam incólumes (LOCK-PULLAN, 2006, p. 70-71).

É neste contexto que o Gen. Don Starry assume o comando do TRADOC; com a doutrina sofrendo severas críticas dentro e fora das forças armadas, Starry buscou contribuições de diversos setores da sociedade para atualizar a doutrina em uma nova direção, no que ficaria conhecida como a Batalha Ar-Terra (ALB), do inglês: *AirLand*

Battle (LOCK-PULLAN, 2006, p. 71-72). A ALB vai um passo além da Defesa Ativa, tendo como foco os ataques simultâneos na frente de combate e, em profundidade, na retaguarda inimiga, utilizando-se da coordenação profunda entre forças aéreas e terrestres. Buscava-se, dessa forma, interditar os movimentos inimigos na retaguarda. Para isso, o conceito operacional prevê o emprego conjunto e integrado de forças terrestres, aéreas e navais em operações em profundidade, manobras de ação indireta, ataques aéreos decapitantes e de interdição, e operações especiais, tudo isso presidido pelo uso intenso de tecnologia no campo de batalha, objetivando uma guerra curta, com poucas baixas e custo limitado (REIS, 2016, n.p.; TRIZOTTO, 2016, n.p.).

Esta mudança na doutrina tornou necessário, também, o desenvolvimento tecnológico de novos sistemas de armamentos, que conformariam as capacidades (tecnologias físicas e não-físicas) necessárias para a execução das operações de ALB. As tecnologias desenvolvidas a partir das requisições desta, também conhecidas como as “Grandes Cinco”¹⁵, seriam essenciais para a execução da Batalha Ar-Terra no Iraque, em 1991, e continuam mesmo hoje como espinha dorsal do Exército dos EUA.

2.1.2 Cosmvisão de William Lind

Como referido anteriormente, a Transformação Militar dos EUA baseia-se em uma série de fundamentos teóricos que dizem respeito ao estudo da guerra, entre os quais está a ideia de que podemos estudar a evolução da guerra com base em gerações. Esse modelo de “gerações”¹⁶ da guerra é a principal contribuição à área de Estudos Estratégicos de William S. Lind, um autor estadunidense, ativista e comentarista político, que participou como diretor do *think-tank*¹⁷ conservador *Free Congress Foundation*. Ele tornou-se o mais notável expoente da Guerra de Quarta Geração, cujos

¹⁵ As “Grandes Cinco” – Do inglês: *the Big Five*, referem-se ao Carro de Combate Principal (MBT) M1 Abrams, ao Veículo de Combate de Infantaria (IFV, do inglês: *Infantry Fighting Vehicle*) M2 Bradley, ao Helicóptero de Ataque AH-64 Apache, ao Helicóptero de Transporte Utilitário UH-60 Blackhawk e ao Míssil Superfície-Ar (SAM) MIM-104 Patriot. Embora estes tenham sido os principais sistemas de armas desenvolvidos como requisição da ALB, ainda importa citar o Sistema de Lançadores Múltiplos de Foguetes, criado também por requisição da ALB, e sistemas de armas como o Tomahawk Land Attack Missile, E-3 Sentry, o E-8 JSTARS, o F-14 Tomcat, o F-15 Eagle, o F-16 Fighting Falcon, o F/A-18 Hornet e suas variantes, que, mesmo desenvolvidos antes do lançamento da ALB, foram essenciais para sua execução.

¹⁶ Para o autor, o conceito de geração é empregado com o significado de uma “mudança qualitativamente dialética” (LIND et. al., 1989, p. 22; LIND, 2005, p. 17).

¹⁷ **Think Thanks** – “O surgimento dos think tanks está associado justamente à formulação de discursos, divulgação e promoção de ideias [...]. Em linhas gerais pode-se caracterizar os think tanks como sendo institutos que promovem ideias e formulam discursos, definidos de acordo com as suas produções e interesses vinculados” (PIVATTO JUNIOR, 2017, p. 43).

princípios de campo de batalha disperso e múltiplos atores – que não restritamente os Estados – convergem com o entendimento da posterior Transformação Militar.

O ponto de partida da construção teórica do autor surgiu nos anos 1980, fruto de seu trabalho para apresentar o conceito de “guerra de manobra” – doutrina estadunidense vigente na época, e classificada por ele como terceira geração – ao Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA. Assim, o artigo publicado em 1989, por Lind e seus coautores militares¹⁸, marca o início do debate sobre a existência de um modelo geracional da guerra. A questão central desta publicação é questionar se, dadas as mudanças no campo militar, não seria o momento de surgir uma nova geração – no caso, a quarta. A partir disso, são descritas as três gerações anteriores, tendo como pressuposto uma abordagem evolutiva do histórico desenvolvimento militar.

A Primeira Geração da Guerra é conhecida como “guerra de linha e coluna” e durou, aproximadamente, entre 1648 a 1860 (LIND, 2005, p. 12). Ela teria se desenvolvido como uma resposta tanto a fatores tecnológicos quanto a fatores sociais. No primeiro caso, a disposição das tropas em linhas e colunas potencializava o poder de fogo dos mosquetes¹⁹ (LIND et al, 1989, p. 22). No segundo caso, a relevância desta geração engloba a criação de uma cultura militar e a ordenação do campo de batalha²⁰ (LIND, 2005, p. 12). De acordo com Lind et al. (1989, p. 22), as colunas dos exércitos revolucionários franceses refletiam tanto o espírito da revolução como o baixo nível de treinamento das tropas conscritas. Por isso, o exército de Napoleão é considerado o grande representante desta primeira geração.

Já a Segunda Geração da Guerra é descrita como “(...) uma resposta ao fuzil de alma raiada, ao carregamento pela culatra, ao arame farpado, a metralhadora e o tiro indireto” (LIND et al, 1989, p. 22, tradução nossa)²¹. Para Lind et al. (1989, p. 22), nesta geração, o poder de fogo assumia o lugar da mão de obra humana como força principal da guerra. As táticas passaram a priorizar o poder do armamento e a movimentação individual, ainda que mantivessem formações em linha. Desse modo, essa geração reforça a crença no poder de fogo indireto, possível graças às modificações

¹⁸ **Coautores Militares** – Coronel Keith Nightengale, Capitão John F. Schmitt, Coronel Joseph W. Sutton, e Tenente-Coronel Gary I. Wilson (LIND et. al., 1989, p. 22).

¹⁹ Já que estes possuíam pouca precisão e necessitavam de diversos procedimentos para recarga, os quais deveriam ser executados em sincronia (LIND et al, 1989, p. 22).

²⁰ Isto foi resultado da padronização de uniformes, armamentos, cadeias de comando instituídas, treino de procedimentos para tiro com o mosquete e, subsidiariamente, do próprio estabelecimento formal dos Estados-nação após a assinatura do Tratado de Westfália em 1648 (LIND, 2005, p. 12).

²¹ Do original em inglês: “was a response to the rifled musket, breechloaders, barbed wire, the machine gun, and indirect fire”.

tecnológicas²² nos armamentos. Apesar da falta de precisão cronológica²³ no modelo do autor, a segunda geração é exemplificada através do modelo dos franceses durante a Primeira Guerra Mundial, empregando a guerra de atrito e a sincronia de ações como forma de manter a cultura da ordem no campo de batalha (LIND, 2005, p. 12-13).

A Terceira Geração da Guerra tem a manobra como seu conceito definidor. Lind afirma que, ao contrário da geração anterior, esta teria surgido primariamente de ideias e não de tecnologias. Sua origem é assim explicada pelo autor:

Conscientes de que não poderiam prevalecer em uma disputa material por causa de sua fraca base industrial na Primeira Guerra Mundial, os alemães desenvolveram táticas radicalmente novas. Com base em manobras no lugar do atrito, as táticas da terceira geração foram as primeiras táticas verdadeiramente não-lineares. O ataque dependia da infiltração para superar e colapsar as forças combatentes inimigas, em vez de buscar se aproximar e destruí-las. A defesa era em profundidade e, muitas vezes, convidava a penetração, configurando o inimigo para um contra-ataque (LIND et al, 1989, p. 23, tradução nossa)²⁴.

Cronologicamente, esta geração surge após 1918, também como um produto da Primeira Guerra Mundial. Desta vez, foi desenvolvida pelas Forças Armadas alemãs, cuja tática posteriormente empregada na Segunda Guerra Mundial ficou conhecida como “guerra relâmpago” (do alemão: *Blitzkrieg*). Em termos gerais, para Lind, a terceira geração baseia-se na velocidade, surpresa e manobra, promovendo um deslocamento rápido de forças pequenas e, portanto, tornando a massa um fator menos relevante (LIND, 2005, p. 13; LIND et al., 1989, p. 23).

Por fim, na Quarta Geração da Guerra, o intuito do ataque mira tanto a infraestrutura política quanto a sociedade civil (LIND, 1989, p. 24). Neste sentido, as operações psicológicas tornam-se um elemento operacional e também estratégico, na forma de intervenção na imprensa e nos meios de comunicação, por exemplo. Desse

²² Cabe ressaltar que esse incremento tecnológico é considerado o principal vetor da evolução geracional da 1ª para a 2ª, motivando posteriormente a adequação das táticas pelos exércitos (LIND et al, 1989, p. 23)

²³ Pode-se questionar se existiria uma brecha na teoria, um intervalo de anos entre 1860 (definido como ano do término da primeira geração) e 1914 (início da Primeira Guerra e, com ela, a segunda geração), em que nenhuma geração se aplicaria à guerra. Em todo caso, em mais de um artigo, Lind menciona que algumas características da segunda geração ainda são aplicadas por algumas unidades do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA (LIND et al, 1989, p. 24-25; LIND, 2005, p. 13), demonstrando que a evolução de gerações não é completamente encadeada cronologicamente e nem uniformemente adotada.

²⁴ Do original em inglês: “Aware they could not prevail in a contest of materiel because of their weaker industrial base in World War I, the Germans developed radically new tactics. Based on maneuver rather than attrition, third generation tactics were the first truly nonlinear tactics. The attack relied on infiltration to bypass and collapse the enemy's combat forces rather than seeking to close with and destroy them. The defense was in depth and often invited penetration, which set the enemy up for a counterattack”.

modo, Lind enfatiza como características principais desta quarta geração: a dispersão do campo de batalha, a dimensão do conflito (que agora abarca a toda a sociedade) e o componente de colapso do inimigo: a destruição física somada a destruição da vontade e da moral do combatente (LIND et al., 1989, p. 22-25).

A tecnologia possui um papel singular neste âmbito, dadas as possibilidades derivadas dos avanços na digitalização da guerra, a exemplo das armas de energia direta²⁵ e dos sistemas robotizados munidos de inteligência artificial ou remotamente pilotados. Lind questiona como esses novos recursos podem impactar a organização das Forças Armadas e a condução da guerra no campo da tática, presumindo que o tamanho das unidades combatentes poderia ser diminuído, sem prejuízo, se somado à alta tecnologia (LIND et al., 1989, p. 23-24). Então, como quando da introdução da arma de fogo ou das armas de repetição nos campos de batalha, a digitalização²⁶ promoveu um intenso debate sobre para quem e de que modo seriam extraídos os benefícios do uso dessas novas tecnologias.

Constata-se, portanto, que a Transformação Militar empreendida na virada do século XXI está em conformidade com a análise de Lind. Isto porque os princípios trazidos pelo autor, representantes da geração vigente, levam a crer que a definição da guerra não está mais fundamentada no efetivo da Força e nos meios de combate convencionais, mas sim em forças flexíveis e nas tecnologias emergentes, já que, em resumo, a Quarta Geração da Guerra:

[...] parece estar amplamente dispersa e em grande parte indefinida; a distinção entre guerra e paz será desfocada até desaparecer. Será não-linear, possivelmente ao ponto de não ter campos de batalha ou frentes definíveis. A distinção entre “civil” e “militar” pode desaparecer. [...] O sucesso dependerá fortemente da eficácia das operações conjuntas, pois as linhas entre responsabilidade e missão tornam-se muito difusas (LIND, 1989, p. 23, tradução nossa)²⁷.

²⁵ **Armas de Energia Direta** – De acordo com Ávila (2008, p. 94) “esta é uma designação genérica para vários tipos de armas que utilizam partes do espectro eletromagnético (sobretudo comprimentos de onda na faixa dos lasers e micro-ondas) para fins militares diretamente ligados ao uso da força, direcionando energias com potências muito mais altas do que as potências aplicadas em usos domésticos ou mesmo industriais”. Lind prevê os impactos do uso desses armamentos na esfera da tática, já que permitiriam a pequenas unidades atacar grandes alvos, invulneráveis a armas convencionais. Para uma discussão aprofundada dos impactos dessas tecnologias no nível estratégico, ver Ávila (2008), especialmente o capítulo 4.

²⁶ Lind et al. (1989, p. 24) aponta como desvantagens a crescente dependência de tais tecnologias, bem como a origem de novas vulnerabilidades, como o vírus de computador.

²⁷ Do original em inglês: “Fourth is a goal of collapsing the enemy internally rather than physically destroying him. Targets will include such things as the population's support for the war and the enemy's culture. [...] In broad terms, fourth generation warfare seems likely to be widely dispersed and largely undefined; the distinction between war and peace will be blurred to the vanishing point. It will be nonlinear, possibly to the point of having no definable battlefields or fronts. The distinction

2.1.3 Doutrina de Paul Wolfowitz

Paul Wolfowitz foi, entre 1989 e 1993, Subsecretário para Políticas de Defesa do governo do presidente George H. W. Bush (Bush Pai). E entre 2001 e 2005, foi Secretário de Defesa Adjunto do governo do presidente George W. Bush (Bush Filho). Durante seu mandato como Subsecretário para Políticas de Defesa, foi o autor majoritário do documento *Defense Planning Guidance*²⁸ para os anos fiscais 1994-1999 (que, mais tarde, ficou conhecido como Doutrina Wolfowitz), vazado à imprensa em 1992²⁹. O documento explicita os objetivos e linhas gerais da política externa dos EUA no pós-Guerra Fria e, neste sentido, deveria guiar a ação das Forças Armadas.

A Doutrina Wolfowitz pode ser relacionada ao momento político-econômico à época no Sistema Internacional (SI) e nos EUA, em particular. Com o fim da Guerra Fria, acreditava-se que os EUA haviam assumido a primazia sobre o SI, com uma lacuna tecnológica entre si e seus potenciais competidores. Nesse sentido, havia a aparente convicção de que o avanço tecnológico estadunidense era tal que, mantendo um poder militar suficiente, seus competidores não seriam motivados a alcançá-los. Assim, o domínio estadunidense poderia ser perpetuado através de um comportamento construtivo aliado à ordem política e econômica estabelecida, o que desencorajaria as nações industriais avançadas de desafiar a liderança do país (WOLFOWITZ, 1992b, p. 1-3; TYLER, 1992). Essa forma de pensamento é que levou à definição de prioridades ligadas ao combate ao terrorismo e a promoção do livre mercado e da democracia ao redor do globo.

Desse modo, os interesses securitários nacionais do país foram traduzidos em quatro objetivos estratégicos (WOLFOWITZ, 1992a, p. 1-2; WOLFOWITZ, 1992b, p. 1-2):

- a) a prevenção da emergência de um novo polo no Sistema Internacional, garantindo a manutenção da unipolaridade;

between ‘civilian’ and ‘military’ may disappear. [...] Success will depend heavily on effectiveness in joint operations as lines between responsibility and mission become very blurred”.

²⁸ Documento interno, emitido pelo Secretário de Defesa dos EUA, que fornece orientação na forma de metas, prioridades e objetivos, incluindo restrições fiscais, para a atuação dos departamentos militares e das agências de Defesa (USA, 2005, p. 149).

²⁹ Neste sentido, o documento veiculado na mídia foi posteriormente editado para termos mais amenos, por isso diferem-se as versões de fevereiro e abril de 1992. Apesar disto, o documento só foi oficialmente desclassificado pela *Interagency Security Classification Appeals Panel* em 2008 e, mesmo nesta versão, o conteúdo só está parcialmente disponível.

- b) a promoção da democracia e do livre mercado a nível mundial, criando vínculos de cooperação entre os países com estes princípios;
- c) a formação de um sistema de alianças flexíveis para atuar em prol do interesse estadunidense, com foco especial nas regiões críticas³⁰, evitando o surgimento de uma ameaça nessas áreas;
- d) a redução das fontes de instabilidade regional e a limitação da violência³¹, caso ocorram conflitos. Nesse sentido, a Doutrina Wolfowitz (1992b, p. 2-3, 22-24) previa a ação unilateral quando não houvesse condições de se formar alianças, e mesmo a ação preemptiva contra ameaças à segurança dos EUA.

Para o Oriente Médio, em particular, o principal objetivo era a garantia do acesso contínuo aos recursos naturais da região, em especial o petróleo.

Importa notar que a Doutrina Wolfowitz se encontra dentre as principais precursoras do que ficou conhecido como a Doutrina Bush (que será desenvolvida adiante). Em conformidade com o pensamento de Lind, o *Defense Planning Guidance* de Wolfowitz também anuncia uma diminuição da importância da força e das capacidades militares, num contexto internacional de supremacia estadunidense:

Estamos em condições de garantir nossa segurança com muito menos forças e consideravelmente menos recursos do que o necessário no passado. O desafio é adaptar e reduzir nossas forças de acordo com esse ambiente de segurança muito mais favorável e, além disso, continuar moldando o ambiente em desenvolvimento de uma forma que não precisamos retornar às políticas mais caras, embora necessárias, do passado (WOLFOWITZ, 1992a, p. 1, tradução nossa)³².

Em síntese, o documento orienta que a Política Externa, de Segurança e de Defesa dos EUA pode ter três decorrências principais:

- a) A solução normativa global para a manutenção da paz é a disseminação da democracia liberal
- b) Que a sustentação desta teria como condição a manutenção da democracia estadunidense

³⁰ As quais são: Europa, Leste Asiático, Oriente Médio / Golfo Pérsico e América Latina (WOLFOWITZ, 1992b, p. 2).

³¹ Buscando, através da promoção da democracia e do livre mercado, desencorajar a disseminação das tecnologias destrutivas, particularmente das armas de destruição em massa (WOLFOWITZ, 1992b, p. 2).

³² Do original em inglês: “We are in a position to provide for our security with far fewer forces and considerably less resources than required in the past. The challenge is to adapt and reduce our forces consistent with this much more favorable security environment and, further, to continue shaping the developing environment in a way that we need not return to the more costly, albeit necessary, policies of the past”.

- c) Que o fiador de ambas seria uma espécie a presença militar em Bases Avançadas (Forward Military Presence). Ou seja, a paz mundial seria mantida através da disseminação das democracias liberais, garantidas pela presença militar pulverizada nas regiões do globo.

Estes podem ser evidenciados através dos fragmentos a seguir:

Paz – (...) os Estados Unidos devem mostrar a *liderança* necessária para encorajar a cooperação sustentada entre os principais poderes democráticos[...]para que também possam aproveitar a ‘*zona de paz*’ democrática (WOLFOWITZ, 1992b, p. 2, grifo nosso, tradução nossa)³³.

Democracia liberal – [...] redução das instabilidades regionais e da violência encorajando a *ampliação e consolidação de governos democráticos e economias abertas* (WOLFOWITZ, 1992b, p. 3, grifo nosso, tradução nossa)³⁴.

Forward Military Presence – Nossa estratégia é projetada para preservar essa posição *mantendo nossas alianças fortes* e nossas ameaças fracas. [...]Podemos fornecer mais segurança a um custo reduzido. Se um poder hostil procurar apresentar um *desafio regional* novamente, ou se uma nova ameaça ou aliança global antagônica surgisse no futuro, teríamos a *capacidade de nos contrapormos* a ela (WOLFOWITZ, 1992b, p. 6, grifo nosso, tradução nossa)³⁵

2.1.4 Plano orçamentário de Donald Rumsfeld

A efetivação deste projeto só foi possível através do Secretário de Defesa Donald Rumsfeld, que assumiu suas funções em janeiro de 2001 – ao lado de Bush Filho –, com o objetivo de modificar o Perfil de Força das Forças Armadas dos EUA. Seu programa ficou conhecido como Transformação Militar (do inglês: *Military Transformation*), cujo conceito foi definido pelo secretário como:

(...) um processo que molda a natureza mutável da competição e cooperação militar por meio de novas combinações de conceitos, capacidades, pessoas e organizações que exploram as vantagens de nossa nação e protegem contra nossas vulnerabilidades assimétricas para sustentar nossa posição estratégica, que ajuda a sustentar a paz e a estabilidade no mundo (RUMSFELD, 2003, p. 3, tradução nossa)³⁶.

³³ Do original em inglês: “the United States must show the leadership necessary to encourage sustained cooperation among major democratic powers [...]so they too can joy the democratic ‘zone of peace’”.

³⁴ Do original em inglês: “reduce sources of regional instability and limit violence should conflict occur, by encouraging the spread and consolidation of democratic government and open economic systems”.

³⁵ Do original em inglês: “Our strategy is designed to preserve this position by keeping our alliances strong and our threats small. [...] We can provide more security at a reduced cost. If a hostile power sought to present a regional challenge again, or if a new, antagonistic global threat or alliance emerged in the future, we would have the ability to counter it”.

³⁶ Do original em inglês: “a process that shapes the changing nature of military competition and cooperation through new combinations of concepts, capabilities, people and organizations that exploit

Para Rumsfeld, essa Transformação inaugurava um novo paradigma na forma como a guerra seria travada, baseado em um entendimento muito específico da Nova Ordem Internacional. Como mencionado anteriormente, os EUA acabavam de sair da década de 1990, na qual finalmente haviam derrotado a URSS, o que se seguiu de uma vitória impressionante no Oriente Médio, com a Operação Tempestade do Deserto. As teorias do Fim da História de Francis Fukuyama (1992) e da Paz Democrática de Michael Doyle (1986) prevaleciam nas mentes dos articuladores políticos e militares não haveriam mais competidores contra a hegemonia estadunidense, os EUA haviam se provado como a única superpotência mundial, que não seria novamente desafiada por outros Estados, já que as democracias liberais quase nunca entram em guerra. Assim, as futuras conflagrações se dariam, principalmente, contra forças não-estatais (organizações terroristas) ou contra pequenos Estados rebeldes (caso do Iraque). Os EUA não precisariam mais de uma força esmagadora para lutar contra seus iguais, mas sim de tecnologia superior e de ponta para esmagar seus inimigos menores e dissuadir seus potenciais competidores.

As diretrizes deste processo foram institucionalizadas no documento *Transformation Planning Guidance*, lançado pelo Departamento de Defesa, sob o comando de Rumsfeld, em 2003. Este documento elenca cinco razões para justificar a Transformação:

- a) a dificuldade com o *status quo*, no sentido de que se os EUA apenas mantivessem a vantagem militar já existente, a contínua distribuição econômica mundial e, principalmente, a difusão das tecnologias fariam com que, comparativamente à aceleração de outros países, os EUA perdessem força;
- b) o crescimento das ameaças assimétricas³⁷, que apresentam novos desafios não solucionáveis apenas com a força convencional;
- c) os crescentes desafios de *force-on-force*, já que potenciais adversários – em virtude da difusão de conhecimento e tecnologias – estavam desenvolvendo habilidades³⁸ para confrontar diretamente as vantagens estadunidenses;

our nation's advantages and protect against our asymmetric vulnerabilities to sustain our strategic position, which helps underpin peace and stability in the world”.

³⁷ Como, por exemplo, o uso de minas por terroristas ou o uso por adversários de armas de destruição em massa (químicas, biológicas, radiológicas, nucleares e altos-explosivos) (RUMSFELD, 2003, p. 4).

- d) a oportunidade histórica, dada pela tendência implícita no desenvolvimento tecnológico;
- e) o alto risco da não-transformação, que levaria à erosão da superioridade militar e da relativa paz, prosperidade e estabilidade da conjuntura vigente (RUMSFELD, 2003, p. 4-5).

Esta formulação teve como consequência uma reforma no processo de aquisições do país, que passou a adotar uma abordagem mais empresarial e de negócios no gerenciamento de sua agenda de Defesa. Esta tinha como base a ideia de que, com a transição da era industrial para a Era da Informação, as forças deveriam ser constantemente adaptadas para superar novas ameaças. Comparativamente, na era industrial a ênfase era dada à massa e, na nova Era da Informação, a competência da guerra é dada pelo poder das forças distribuídas em redes e da compreensão situacional compartilhada (RUMSFELD, 2003, p. 5-6).

Em vista disso, durante o governo de Bush Filho, o Departamento de Defesa – em conjunto com o Pentágono – desenvolveu uma nova maneira de determinar as condições para alocação dos recursos no âmbito militar. A ênfase passou a ser dada à interoperabilidade conjunta, em um sistema integrado, incluindo o uso das tecnologias modernas para operar de modo efetivo nos novos cenários operacionais e estratégicos (MCMASTER, 2003, p. 4-5).

Portanto, os custos deveriam ser redistribuídos, não mais com uma finalidade quantitativa e sim gerando investimentos qualitativos para o aumento da tecnologia. Em suma, o presidente Bush e Rumsfeld buscavam “construir uma força futura definida menos pelo seu tamanho e mais por sua mobilidade e velocidade, mais fácil de deslocar e sustentar em outros teatros, que se baseasse mais intensamente na furtividade, no armamento de precisão e nas tecnologias da informação”³⁹ (USA, 2001a, n.p., , tradução nossa).

³⁸ Alguns exemplos são as capacidades de guerra eletrônica e cibernética, espaciais e de anti-acesso, como submarinos, minas e mísseis cruzadores e balísticos (RUMSFELD, 2003, p. 5).

³⁹ Do original, em inglês: “(...) building a future force that is defined less by size and more by mobility and swiftness, one that is easier to deploy and sustain, one that relies more heavily on stealth, precision weaponry and information technologies” (BUSH, 2001a, online).

2.1.5 Análise crítica

Importa notar que o processo de Transformação Militar acima descrito, conduzido pelas lideranças políticas e militares estadunidenses, não se deu de forma unânime. Mesmo à época, surgiram diversas críticas. Entre estas, destaca-se o trabalho – publicado ainda em 2003 – do Tenente-Coronel Herbert McMaster, que inclusive serviu durante a Operação Iraqui Freedom e, mais recentemente – entre 20 de fevereiro de 2017 e 9 de abril de 2018 –, tornou-se Assessor de Segurança Nacional do atual presidente Donald Trump.

McMaster (2003, p. 1) argumenta que o a reforma que estava sendo empregada tinha como base a utilização de conceitos como a “superioridade de informação”⁴⁰ e o “conhecimento dominante sobre o espaço de batalha”⁴¹, os quais permitiam o desenvolvimento de uma visão irreal da futura guerra convencional. Isto porque estas concepções legitimam a ideia de que a posse das tecnologias emergentes viabilizaria a obtenção, pelas Forças Armadas dos EUA, de um alto grau de certeza nas posteriores operações militares. Esta suposição infundada – nas palavras do autor: uma falácia perigosa – resultaria em uma lacuna crescente entre as capacidades bélicas estadunidenses e de seus adversários e, portanto, significava uma ameaça aos melhores esforços dos funcionários militares e civis do setor, já que dá brecha para vulnerabilidades nas forças do país.

O tenente-coronel reconhece as oportunidades decorrentes das tecnologias modernas – como o aprimoramento de sensores, comunicações e recursos de gerenciamento de informações –, que possibilitam o aumento da eficácia das Forças Armadas. McMaster (2003, p. 2) retifica que não é o caso de o Departamento de Defesa abandonar completamente a busca pela Transformação Militar de suas competências. No entanto, adverte que interpretações equivocadas sobre a condição da guerra impedem mudanças efetivas e dificultam o pleno aproveitamento das capacidades militares dos EUA. A necessidade então vigente era de um esforço concentrado para

⁴⁰ **Superioridade de informação** – Definida como um desequilíbrio em seu favor (frente a um adversário) no que tange o domínio da informação, ou seja, é a capacidade de coletar, processar e disseminar um fluxo ininterrupto de informações e, até mesmo, interferir no conhecimento do inimigo – desse modo, sendo possível conduzir operações sem uma efetiva oposição (MCMASTER, 2003, p. 1).

⁴¹ **Conhecimento dominante do espaço de batalha** – Significa possuir uma ampla consciência de todos os elementos relevantes à decisão dentro de um campo de batalha definido, assim, podendo prever – com um alto grau de certeza – as ações inimigas a curto prazo e resultados de combate (MCMASTER, 2003, p. 1).

definir a natureza da guerra convencional futura nos níveis operacional e tático e, com isto, promover uma reforma na Política de Defesa do país. Para ele, o passo inicial era abandonar explicitamente as suposições de que a guerra porvir estaria sentada no campo da certeza e de que as forças estadunidenses seriam capazes de alcançar e manter o domínio da informação durante as operações de combate. Senão, o grande empenho no processo de Transformação Militar resultaria em uma desvantagem, em vez de beneficiar e fortalecer as Forças Armadas dos EUA.

Em 2005, John Mearsheimer – notável teórico do realismo ofensivo nas Relações Internacionais – também aponta algumas críticas a esta perspectiva estadunidense. O autor atenta à percepção de que os EUA tinham posse de um extraordinário acervo bélico e, pela crença de haverem atingido seu auge, o país tornou a privilegiar este poder militar frente a diplomacia. Esta convicção ilustra a dispensabilidade de aliados para efetuar seus negócios, o que explica o favorecimento estadunidense ao unilateralismo no Sistema Internacional e a interpretação de que suas capacidades intimidariam outros oponentes (MEARSHEIMER, 2005, p. 1-2).

A chave para entender por que os neoconservadores acham que a força militar é um instrumento tão extraordinariamente eficaz para governar o mundo é que eles acreditam que a política internacional opera de acordo com a lógica do “bandwagoning”. Especificamente, eles acreditam que, se um país poderoso como os Estados Unidos está disposto a ameaçar ou atacar seus adversários, virtualmente todos os Estados do Sistema – amigos e inimigos – entenderão rapidamente que [...] se cruzarem com o poderoso Tio Sam, vão pagar um preço muito alto (MEARSHEIMER, 2005, p. 2, tradução nossa)⁴².

Nessa lógica, o resto do mundo temeria os EUA e, portanto, a doutrina Bush não necessitava de um amplo exército. Inclusive, um grande efetivo seria contraproducente, já que impediria a agilidade e a flexibilidade dos militares. Portanto, esse raciocínio promovia a confiança em “[...] tecnologia furtiva, armas guiadas com precisão entregues pelo ar e forças terrestres pequenas, mas altamente móveis, para obter vitórias rápidas e decisivas” (MEARSHEIMER, 2005, p. 2, tradução nossa)⁴³.

Além disso, a ideologia política adotada alegava que as democracias são naturalmente inclinadas a agir pacificamente em relação umas às outras e apenas agem

⁴² Do original em inglês: “The key to understanding why the neo-conservatives think that military force is such a remarkably effective instrument for running the world is that they believe that international politics operate according to ‘bandwagoning’ logic. Specifically, they believe that if a powerful country like the United States is willing to threaten or attack its adversaries, then virtually all of the states in the system – friends and foes alike – will quickly understand that [...] if they cross mighty Uncle Sam, they will pay a severe price”.

⁴³ Do original em inglês: “on stealth technology, air-delivered precision-guided weapons, and small but highly mobile ground forces to win quick and decisive victories”.

de forma belicosa contra Estados não democráticos. Desse modo, o papel dos EUA como promotores da democracia liberal, previsto por Doyle, levaria ao fim das guerras, como teorizado por Fukuyama. Estes valores embasavam à decisão de empreender a Guerra no Iraque, sustentando que uma operação bem-sucedida no país iria, num efeito dominó, alastrar-se em toda a região (MEARSHEIMER, 2005, p. 3). Idealmente, a operação no Iraque se daria de forma rápida. A grande crítica de Mearsheimer (2005, p. 3) está justamente na ausência de uma política de estruturação de Estado, na falsa crença eleita de que a implementação dos valores democráticos se daria à base da força e se sustentaria, no longo prazo, de forma orgânica. Segundo o autor, a população estadunidense “nunca exigiu uma explicação de como o exército dos Estados Unidos, que nunca foi particularmente bom na construção de nação, realizaria uma engenharia social massiva em uma cultura estrangeira e provavelmente hostil” (MEARSHEIMER, 2005, p. 3, tradução nossa)⁴⁴.

2.2 IRAQUE PÓS-1991

Para que se possa fazer qualquer julgamento de valor ou de aplicabilidade/geminação do planejamento e doutrina utilizados pelos EUA contra o Iraque em 2003 ou contra outros adversários, é necessário, antes, entender – ao menos em linhas gerais – em que estado se encontrava o Iraque àquela época. Para tanto, procura-se, nesta seção, construir um balanço geral do que foram os anos 1990 no Iraque. Não seria possível fazê-lo sem mencionar os custos da Guerra do Golfo de 1991, suas causas e suas consequências para a economia e, principalmente, para a preparação militar do Iraque. Além disso, outro fator importante foram as sanções comerciais impostas durante a década e suas decorrências. Busca-se, ainda que brevemente, ilustrar ambos os assuntos.

2.2.1 A Guerra Irã-Iraque e a Guerra do Golfo

Em 1979, a Revolução Iraniana e a intervenção soviética no Afeganistão suscitaram uma profunda modificação doutrinária nos parâmetros estratégicos que até

⁴⁴ Do original em inglês: “never demanded an explanation as to how the United States military, which has never been particularly good at nation-building, was going to do massive social engineering in a foreign and probably hostile culture”.

então orientavam a Política Externa e de Segurança dos EUA. Embora a bipolaridade e a competição estratégica a ela associada – Guerra Fria – tivessem irradiado pelo mundo todo, suas frentes mais importantes de confrontação permaneciam sendo aquelas nas quais a Segunda Guerra Mundial havia sido definida. Resumindo, empilhavam-se exércitos e armas nucleares na Europa e na Ásia-Pacífico, onde a Guerra Fria assistia a seus “episódios quentes” (Coreia e Vietnã). Já a América Latina – a despeito da Crise de Cuba de 1962 –, o sul da Ásia, a África e mesmo o Oriente Médio – onde travavam-se guerras por procuração –, não contavam com concentrações expressivas de tropas ou armas, quer dos EUA ou da União Soviética (URSS).

Então, neste cenário originou-se a Doutrina Presidencial Carter⁴⁵, que sustentava que o futuro estadunidense dependeria do Golfo Pérsico e, portanto, o país deveria reestabelecer sua hegemonia na região, especialmente na zona compreendida pelo Irã e pelo Paquistão. A decisão de criar uma Força de Deslocamento Rápido reflete uma das formas de concretização deste entendimento, bem como o aumento dos gastos militares e a elevação da retórica anticomunista (REIS, 2016, n.p.). Diferentemente do que havia sido a política estadunidense em todo o desenrolar da Guerra Fria, esta nova doutrina previa o engajamento direto de forças americanas no Oriente Médio, notadamente na fronteira imaginária que perpassa o Golfo e separa a Península Arábica do restante da Ásia. Embora formalmente dirigida contra a URSS e elaborada nos termos de uma resposta ao envolvimento soviético no Afeganistão, o indício neocolonialista não passou despercebido dos contemporâneos iraquianos. Duas semanas depois do anúncio do presidente estadunidense, Saddam Hussein proferiu um discurso que passou a ser divulgado como “Doutrina Hussein”, no qual afirmava que a coletiva árabe rejeitava qualquer presença externa no Golfo – valendo-se dos preceitos do eminente presidente estadunidense James Monroe para fazer frente à Carter (MILLER; MYLROIE, 1990, p. 102).

Em 1979, com a eclosão da Guerra Irã-Iraque e a Paz de Camp David, alterou-se a polaridade no Oriente Médio, com a polarização deslocando-se do eixo árabe-israelense para o persa-árabe. Esta nova polarização acarretou evidentes benefícios para os EUA que, graças ao sistema de crédito de parceiros e aliados, pode manter uma

⁴⁵ Antes disso, os EUA pautavam-se pela Doutrina Presidencial Nixon, também chamada de Doutrina Guam, que postulava a divisão do esforço de segurança entre aliados regionais, a dispersão da base industrial de defesa entre os mesmos e o uso de meios de pagamento para desafiar a URSS no Terceiro Mundo, acumulando pequenas vantagens que, até aquela data (1979), visivelmente haviam neutralizado a derrota americana no Vietnã (1973) (REIS, 2016, n.p.).

posição de ambiguidade que serviu na época para manter os dois contendores (Irã e Iraque) afastados da URSS: ao mesmo tempo em que eram acusados de fornecer peças de reposição ao Irã, mantinham um comércio com o Iraque que chegava à monta de US\$3 bilhões anuais durante a década de 1980.

Logo após o fim da conflagração – em 1988 – que exauriu e arrasou ambos os beligerantes, Saddam Hussein, por conta da dívida externa e da disputa territorial com o Kuwait, passou a ameaçar este país de invasão. O fez reiteradas e repetidas vezes para diplomatas ou mesmo em pronunciamentos em foros internacionais. Os EUA mantiveram uma atitude cautelosa e ambígua. De um lado, passaram a restringir o acesso do Iraque a tecnologias sensíveis – ou mesmo de emprego dual –, por outro lado, fizeram-se de desentendidos frente às exigências de Saddam, que desejava que os mesmos pressionassem o Kuwait para as negociações. Esta ambiguidade da diplomacia estadunidense é ilustrada na conversa mantida entre a embaixadora americana no Iraque, April Glaspie, com Hussein, pouco antes de eclodirem as hostilidades – em todo o caso, a último contato oficial de um diplomata estadunidense com o presidente do Iraque (MILLER; MYLROIE, 1990, p. 164).

Deste modo, não foi apenas o Iraque, mas o mundo todo que se surpreendeu com a dureza dos termos e ações empreendidas pelos EUA quando se consumou a ocupação do Kuwait pelo Iraque. Em 1989, a queda do muro de Berlim pode ser tomada como o evento símbolo do fim da Guerra Fria. A própria URSS via-se envolvida em dificuldades internas de monta considerável. Os EUA obtiveram uma espécie de unanimidade mundial – eventualmente sem precedentes –, mas, ainda assim, nem mesmo o início da Operação Escudo no Deserto (do inglês: *Desert Shield*) serviu para convencer o presidente do Iraque de que os EUA (e, à esta altura, a ONU) falavam sério. Eventualmente, os termos duros dentro dos quais foram feitas as exigências ao Iraque podem ter feito o ditador preferir enfrentar a guerra do que a desmoralização e o risco de deposição interna – o que se daria de todo o modo, mas apenas 12 anos depois, e em outra guerra.

Nesse contexto, iniciam-se as preparações estadunidenses para a guerra, através da já citada Operação Escudo no Deserto, a qual previa a transferência de pessoal e armamentos dos EUA e seus aliados para território saudita. A Operação provinha de um plano operacional já existente nos EUA, designado única e exclusivamente para proteger os campos de petróleo sauditas de possíveis ataques – fossem estes executados por outros países árabes ou pela antiga URSS (FINLAN, 2003, p. 13-16). Com o aceite

do rei, começaram os esforços para o envio de tropas de uma larga coalizão à Arábia Saudita. O envio de tropas, de fato, se estendeu por meses, durante os quais foram alocados cerca de 400 mil homens e milhões de toneladas de suprimentos e equipamentos foram deslocados para a região.

Os primeiros ataques da Operação Tempestade no Deserto iniciaram na madrugada do dia 17 de janeiro de 1991. A Operação seria empreendida em duas fases: a primeira (que durou cerca de 40 dias) constituída pelo bombardeio de centros de comando e controle, infraestrutura e posições no Iraque e Kuwait; e a segunda (cuja duração foi de cerca de 100 horas) constituída pelo avanço em solo de tropas da coalizão.

2.2.2 Balanço da Guerra do Golfo

A Guerra do Golfo de 1991, obviamente, teve altos custos para o Iraque. Além do equipamento e infraestrutura destruídos durante a Operação Tempestade do Deserto, a morte de grande parte da população economicamente ativa do país durante a guerra e o pesado embargo comercial estabelecido pelas Resoluções 661, 686 e 687 do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) com certeza dificultaram o processo de reconstrução econômica e social do país.

Em termos militares, as perdas em equipamentos e armamentos foram grandes. De acordo com o *Gulf War Air Power Survey* – encomendado pelo CENTCOM⁴⁶ e redigido por Eliot Cohen (1993) – cerca de 400 das 700 aeronaves de combate que o Iraque possuía antes da Guerra foram destruídas ou ficaram retidas no Irã, sendo que apenas 33 delas foram abatidas no ar; o restante havia sido destruído em solo durante a fase de bombardeios (COHEN, 1993, p. 58; 64). Além disso, acredita-se que o Iraque tenha perdido 90% de seus MBTs⁴⁷, 80% de suas peças de artilharia e 50% de seus APCs⁴⁸ (FINLAN, 2003, p. 64), sem contar diversos veículos de transporte de carga e pessoas e outros sistemas de armas prejudicados (SAMs, mísseis terra-mar, mísseis balísticos, etc.).

⁴⁶ **CENTCOM** – Comando Central dos Estados Unidos, do inglês: United States Central Command.

⁴⁷ **MBT** – Carro de Combate Principal (do inglês: *MainBattleTank*). Trata-se de “um veículo motorizado, de forte blindagem, apreciável poder de fogo, que se movimenta sobre lagartas, e que é dotado de agilidade e mobilidade” (MONTEIRO, 2017, p. 11). No Exército Brasileiro, é conhecido como Viatura Blindada de Combate Carro de Combate.

⁴⁸ **APC** – Carro de Transporte de Pessoal (APC, do inglês: *ArmouredPersonelCarrier*) com blindagem para proteção. Normalmente não possui armamento, a não ser o carregado por seus ocupantes.

Infelizmente, não se pode contar com um número preciso acerca das mortes de militares ou civis iraquianos na Guerra do Golfo. As estimativas da morte de militares iraquianos durante a guerra variam entre 22 mil (número estimado pelo *Gulf War Air Power Survey*, do CENTCOM) e 200 mil (FINLAN, 2003, p. 64). Já as mortes de civis podem variar entre mil e 15 mil mortes, em decorrência dos bombardeios estratégicos da coalizão (CHANT, 2001, p. 82; COHEN, 1993, p. 249). Seja qual for o número escolhido, deve-se admitir que tamanha mortalidade de jovens em idade economicamente ativa (como o são os conscritos das Forças Armadas) deve causar um efeito perverso sobre a economia e o desenvolvimento de um país.

Ainda quanto aos efeitos da guerra, deve-se lembrar dos prejuízos à infraestrutura energética e de transportes do país. Segundo Cohen (1993, p. 93), ao fim da Guerra do Golfo, 37 pontes rodoviárias e nove pontes ferroviárias haviam sido destruídas pelos ataques da coalizão, além dos bombardeios em entroncamentos e gargalos do sistema de transporte entre o Iraque e a frente do Kuwait. “Ao fim da guerra, com a exceção das Rotas 6 e 8, todas as rodovias estavam efetivamente embargadas, e mesmo aquelas duas retinham apenas frações de suas capacidades prévias à guerra” (COHEN, 1993, p. 96, tradução nossa).⁴⁹ Enquanto isso,

A capacidade da ferrovia Bagdá-Basra foi inteiramente eliminada pelos prejuízos às pontes descritos previamente. A perda da ferrovia era potencialmente mais significativa do que os números podem sugerir, pois mesmo antes da guerra aérea, ela era o principal meio de transporte para blindados e artilharia autopropulsada do Iraque central ao Teatro do Kuwait. (COHEN, 1993, p. 97, tradução nossa)⁵⁰.

Por sua vez, a infraestrutura de energia do país (eletricidade e petróleo) sofreu cerca de 890 ataques. Nos primeiros onze dias da Operação Tempestade do Deserto, foram realizados 60% dos ataques sobre a infraestrutura de energia elétrica, cujo abastecimento comercial foi rapidamente interrompido em todo o país.

[...] quase 80% da capacidade instalada de geração de energia iraquiana foi suficientemente avariada ou destruída por ataques diretos, ou então isolada da rede nacional através de ataques em transformadores e instalações de

⁴⁹ Do original em inglês: “By the end of the war, all but Routes 6 and 8 effectively were closed, and even those two retained only fractions of their prewar capacities”.

⁵⁰ Do original em inglês: “The capacity of the Baghdad to Basra rail line was entirely eliminated by the bridge damage described previously. The loss of the rail line was potentially more significant than these numbers alone would suggest, for before the air war, it was the principal means for transporting armor and self-propelled artillery from central Iraq to the Kuwait theater”.

comutação, tornando-as (as instalações incólumes) indisponíveis (COHEN, 1993, p. 73 , tradução nossa)⁵¹.

Quanto às capacidades petrolíferas iraquianas, a “CIA eventualmente concluiu que os ataques aéreos da Coalizão haviam tornado inoperante mais de 90% da capacidade iraquiana de refino de petróleo” (COHEN, 1993, p. 76, tradução nossa)⁵². Além disso, foram realizados raids sobre postos de estocagem e reserva de combustíveis que poderiam ser de uso também militar.

Todos esses danos em infraestruturas (interrupção das linhas de transportes e do abastecimento de energia) foram fatores determinantes na economia da década que se iniciava no Iraque. Além dos prejuízos econômicos, os estragos ao sistema energético ainda causariam ao Iraque um grande número de mortes civis, mesmo após o fim da guerra. Daponte (1993, p. 65), estima cerca de 111 mil mortes de civis iraquianos por efeitos secundários à guerra, como infecções dos tratos gastrointestinal e respiratório, causadas, em grande parte, pela perda da capacidade de potabilização de água para o consumo e de tratamento dos esgotos (processos dependentes de energia elétrica).

2.2.3. Regime de Sanções Comerciais

Em 6 de agosto de 1991, quatro dias após a invasão do Kuwait, o Conselho de Segurança da ONU emitiu a Resolução 661, que tratava, em termos práticos, do embargo econômico ao Iraque. Estava inaugurado um regime de sanções severas que só seriam eliminadas após a invasão do Iraque, em 2003. Este regime traria diversos prejuízos à capacidade de reconstrução iraquiana, a sua economia e, principalmente, sua população.

A Resolução 661 determinava que todos os Estados vinculados à ONU deveriam barrar quaisquer importações advindas do Iraque (ou Kuwait após a data da invasão, em 02 de agosto de 1990) e quaisquer exportações com destino ao Iraque (com a possível exceção de medicamentos e, sob avaliação de Comitê específico em casos de admitida calamidade humanitária, alimentos); também estavam proibidas transferências de quaisquer recursos econômicos ou financeiros ao Iraque ou a seus nacionais (ONU, 1990, n.p.). Mais tarde, com a Resolução 670, de 25 de setembro do mesmo ano, foi

⁵¹ Do original em inglês: “almost eighty-eight percent of Iraq’s installed generation capacity was sufficiently damaged or destroyed by direct attack, or else isolated from the national grid through strikes on associated transformers and switching facilities, to render it unavailable”.

⁵² Do original em inglês: “The CIA eventually concluded that Coalition air strikes had rendered more than 90 percent of Iraq’s petroleum refining capacity inoperative”.

estabelecido um efetivo bloqueio naval ao Iraque. Além disso, a Resolução 670 também continha um elemento de ameaça: seriam tomadas “medidas” para impedir que países que buscassem descumprir a Resolução 661 continuassem a desobedecê-la.

Com o fim da Guerra do Golfo, o Conselho de Segurança aprovou, em 3 de abril de 1991, a Resolução 687, com os termos do cessar-fogo entre o Kuwait (e as nações que o apoiavam) e o Iraque. A resolução mantinha as sanções econômicas ao Iraque até que se considerasse que o Iraque havia cumprido um conjunto de condições estabelecidas – a renúncia completa à posse ou desenvolvimento de armas biológicas, químicas ou nucleares; o desmantelamento e renúncia ao desenvolvimento de mísseis de alcance superior a 150 quilômetros; o aceite a um regime de supervisões pela Comissão Especial das Nações Unidas⁵³(UNSCOM) e pela Agência Internacional de Energia Atômica⁵⁴ (IAEA); o comprometimento do Iraque em não apoiar ou abrigar grupos terroristas em seu território. Nas palavras do presidente George H. W. Bush (Bush Pai), “até que o Iraque convença o mundo de suas intenções pacíficas – de que seus líderes não utilizarão novas rendas para rearmar e reconstruir sua máquina de guerra – o Iraque não deve ter acesso aos instrumentos de guerra”⁵⁵ (USA, 1991, n.p., tradução nossa). Desse modo, a Resolução 687 também reforçou o embargo à venda de armas e à transferência de tecnologias de uso dual ao Iraque. Os termos utilizados foram vagos o suficiente para, mesmo com o cumprimento das exigências propostas, o embargo não ter sido removido. Além disso, o parágrafo 16 da Resolução – reforçando o já publicado na Resolução 674 (aprovada em 29 de outubro de 1990) – indicava o Iraque como responsável legal por quaisquer perdas, danos ou prejuízos sofridos pelo Kuwait ou Estados terceiros (ou seus nacionais ou corporações) resultantes da invasão e ocupação ilegais do Kuwait.

Em abril de 1995, a Resolução 986 do Conselho de Segurança autorizou trocas limitadas de petróleo por recursos humanitários, mas tal arranjo só foi aprovado pelo governo do Iraque em novembro 1996. O programa ficou conhecido com *Oil-for-Food* (em português: Petróleo por Comida), e as primeiras entregas iniciaram em 1997.

⁵³ **UNSCOM** – Comissão Especial das Nações Unidas (do inglês: *United Nations Special Commission*). Responsável por garantir o cumprimento, pelo Iraque, das exigências relacionadas ao desmantelamento dos programas de armas químicas e biológicas e de mísseis.

⁵⁴ **IAEA** – Agência Internacional de Energia Atômica (do inglês: *International Atomic Energy Agency*).

⁵⁵ Do original em inglês: “Until Iraq convinces the world of its peaceful intentions – that its leaders will not use new revenues to rearm and rebuild its menacing war machine – Iraq must not have access to the instruments of war”.

Entretanto, a iniciativa não era suficiente para cobrir as necessidades humanitárias e, principalmente, infraestruturais do Iraque.

As sanções econômicas ao Iraque tiveram efeitos macroeconômicos e sociais graves. No âmbito macroeconômico, estima-se que a renda per capita tenha declinado em cerca de 75% entre 1990 e 1993, aumentando a desigualdade entre classes. Além disso, os primeiros oito anos do embargo provocaram uma perda estimada em 120 bilhões de dólares, ligada à exportação de petróleo:

Em 1990, antes das sanções e da Guerra do Golfo, o Iraque produzia cerca de 3 milhões de barris de petróleo por dia, dos quais exportava 2,5 milhões. Isto gerava ganhos de exportação na monta de 19 bilhões de dólares por ano, fornecendo 95% dos fundos do orçamento nacional e 64% do PIB do país. Entretanto, este comércio internacional foi cortado em cerca de 90% pelas sanções (GARFIELD, 1999, p. 12, tradução nossa)⁵⁶.

Além disso, importa destacar que, mesmo com o programa Petróleo por Comida, as necessidades humanitárias do país não eram completamente satisfeitas. Dos 7,7 bilhões de dólares gerados pelo programa, apenas cerca de 55% ficavam destinados de fato à compra de recursos, enquanto o restante era direcionado à Administração da ONU e ao pagamento do fundo para reparações relativas à guerra – também criado pela Resolução 687 (GARFIELD, 1999, p. 12).

No âmbito social, os danos também foram graves. Garfield (1999, p. 29) destaca a relevância das condições específicas do Iraque ao contribuírem para sua vulnerabilidade às sanções. Segundo o autor, o Iraque sofreu sanções multilaterais e que abrangiam uma larga variedade de produtos e que foram implementadas de forma imediata (não deixando tempo para a acumulação de estoques que poderiam mitigar a situação) e simultânea a outras situações de risco econômico e social; além de ser um país altamente dependente de importações.

Antes das sanções, o Iraque era ainda mais dependente de importações de comida, com 70% de todas as proteínas e calorias importadas. Entre 1991 e 1996, a desnutrição aguda entre crianças de menos de 5 anos aumentou de 3 para 11%. A desnutrição crônica aumentou de 19 para 31%. Já a porcentagem de crianças nascidas em hospitais com menos de 2,5 quilogramas aumentou de 5 para 22% (GARFIELD, 1999, p. 17, tradução nossa)⁵⁷.

⁵⁶ Do original em inglês: “In 1990, prior to sanctions and the Gulf War, Iraq produced about 3 million barrels of oil a day, of which it exported 2.5 million. This generated export earnings of US\$19bn a year providing 95 per cent of the funds for the national budget and 6 per cent of the country’s GDP. However, this foreign trade was cut by an estimated 90 per cent by sanctions”.

⁵⁷ Do original em inglês: “Iraq was even more dependent on imported foods with about 70 per cent of all proteins and calories imported prior to sanctions. From 1991 to 1996, acute malnutrition among under

Ademais, Garfield (1999, p. 13-15) argumenta que as sanções econômicas não afetam apenas os estoques de medicamentos. Os serviços de saúde são, também, altamente dependente dos equipamentos que garantem seu funcionamento, de infraestrutura funcionante (desde energia e água potável à refrigeração de medicamentos e aparelhos de raios-X), de condições adequadas de alimentação e disponibilidade de ambulâncias – a título de exemplo, em Bagdá em 1996, apenas 5 das 100 ambulâncias públicas estavam funcionando, uma vez que a importação de pneus reserva estava proibida devido a seu potencial uso militar (GARFIELD, 1999, p. 16).

Infraestruturas físicas e médicas enfraquecidas – devido à falta de importações vitais, mas também devido à redução de fundos para investimento em capital, manutenção e custos de funcionamento (por sua vez resultados da perda de receitas como consequências de um embargo) – tencionam a capacidade do sistema de saúde de oferecer serviços e responder a emergências médicas (GARFIELD, 1999, p. 1, tradução nossa)⁵⁸.

Finalmente, em novembro de 2001 – após intenso debate –, foi aprovada a Resolução 1382 do Conselho de Segurança da ONU, que modificava o regime de sanções. A resolução estabelecia uma lista de produtos que poderiam ter uso dual – civil e militar – e que, portanto, necessitariam de aprovação da Organização para serem importados pelo Iraque. Nesse caso, a UNMOVIC⁵⁹ e a Agência Internacional de Energia Nuclear revisariam todos os contratos propostos para importações do Iraque e aprovariam item a item. Produtos que não estivessem no catálogo seriam aprovados automaticamente, enquanto os que estivessem citados seriam fiscalizados pelo comitê de sanções, sendo negada a compra de objetos que possivelmente fossem ter uso militar. Esta foi a última modificação no regime de sanções antes da guerra de 2003.

2.2.4 Regime de Inspeções e Operações Militares

O fim da Guerra do Golfo não acarretou no fim da presença militar estadunidense na região. Com as rebeliões nas regiões curdas ao norte e xiitas ao sul do país, e a violenta repressão do governo iraquiano aos levantes, os EUA e o Reino Unido

fives rose from 3 to 11 per cent. Chronic malnutrition rose from 19 to 31 per cent. The percentage of children born in hospitals under 2.5 kilos rose from 5 to 22 per cent”.

⁵⁸ Do original em inglês: “Weakened physical and medical infrastructure – due to lack of vital imports, but also due to a reduction in state funds for capital investment, maintenance and running costs (itself the result of lost revenue as a consequence of an embargo) – strain the ability of the health system to provide services and respond to medical emergencies” (GARFIELD, 1999, p. 1).

⁵⁹ **UNMOVIC** – Comissão das Nações Unidas de Vigilância, Verificação e Inspeção (do inglês: *United Nations Monitoring, Verification and Inspection Commission*). Assumiu o mandato da UNSCOM.

impuseram zonas de exclusão aérea ao norte⁶⁰ e ao sul⁶¹ do país, sob o pretexto de impedir a repressão do governo e, em particular, o uso de armas químicas e biológicas contra estas regiões.

A Resolução 687 do Conselho de Segurança da ONU, como já mencionado, estabelecia a criação de um regime de inspeções para garantir que o Iraque cumprisse com o disposto nos parágrafos 8 e 12 da Resolução. Tais parágrafos determinam que o Iraque:

8. [...] deve aceitar incondicionalmente a destruição, remoção ou inutilização, sob supervisão internacional, de:

(a) todas as armas químicas e biológicas e todos estoques de agentes, subsistemas e componentes, e todas as instalações de pesquisa, desenvolvimento, apoio e fabricação a elas relacionados;

(b) todos os mísseis balísticos com alcance superior a 150 quilômetros e suas peças principais e instalações de conserto e fabricação a eles relacionadas.

[...]

12. [...] deve concordar incondicionalmente em não adquirir ou desenvolver armas nucleares ou materiais utilizável para sua fabricação, ou quaisquer subsistemas ou componentes, ou instalações de pesquisa, desenvolvimento, apoio ou fabricação relacionados aos mesmos; a submeter ao Secretário Geral e ao Diretor Geral da Agência Internacional de Energia Atômica, dentro de quinze dias da adoção da presente resolução uma declaração sobre as localizações, quantidades, e tipos de todos os itens acima especificados; a colocar todo seu material utilizável para a produção de armas nucleares sob o controle exclusivo, para custódia e remoção, da Agência Internacional de Energia Atômica, [...]; a aceitar, em conformidade com o disposto no parágrafo 13 abaixo, inspeções *in loco* urgentes e a destruição, remoção e inutilização, conforme apropriado, de todos os itens acima especificados(ONU, 1991, n.p., tradução nossa)⁶².

Os parágrafos 9, 10 e 13, por sua vez, determinavam que o Secretário Geral e o Diretor Geral da IAEA deveriam submeter ao Conselho de Segurança planos para as inspeções *in loco*, que garantiriam a destruição das armas químicas, biológicas,

⁶⁰ As **Operações Provide Comfort I e II** – lançadas em abril e julho de 1991 – e **Northern Watch** – lançada em janeiro de 1992 – estabeleceram uma zona de exclusão aérea no território iraquiano ao norte do paralelo 36.

⁶¹ A **Operação Southern Watch** – lançada em agosto de 1992 – estabeleceu uma zona de exclusão aérea o território iraquiano ao sul do paralelo 32.

⁶² Do original em inglês: “8.(...) unconditionally accept the destruction, removal, or rendering harmless, under international supervision, of:(a) All chemical and biological weapons and all stocks of agents and all related subsystems and components and all research, development, support and manufacturing facilities;(b) All ballistic missiles with a range greater than 150 kilometres and related major parts, and repair and production facilities; (...) 12. (...) unconditionally agree not to acquire or develop nuclear weapons or nuclear-weapons-usable material or any subsystems or components or any research, development, support or manufacturing facilities related to the above; to submit to the Secretary-General and the Director-General of the International Atomic Energy Agency within fifteen days of the adoption of the present resolution a declaration of the locations, amounts, and types of all items specified above; to place all of its nuclear-weapons-usable materials under the exclusive control, for custody and removal, of the International Atomic Energy Agency; (...) to accept, in accordance with the arrangements provided for in paragraph 13 below, urgent on-site inspection and the destruction, removal or rendering harmless as appropriate of all items specified above”.

atômicas e dos mísseis iraquianos e assegurariam que o Iraque não desenvolvesse mais tais capacidades. O parágrafo 9, em especial, criava a UNSCOM, responsável pela supervisão do processo de destruição/remoção dos mísseis e das armas químicas e biológicas iraquianas. Já a IAEA ficaria responsável por supervisionar o processo de desmantelamento das capacidades nucleares do país (UNSC, 1991, n.p.).

As primeiras inspeções iniciaram ainda em 1991, sofrendo tentativas constantes de interferência do Iraque, que só concordaria de fato com todos os planos de inspeções em novembro de 1993. Logo, a década de 1990 se passou em meio a diversos impasses relacionados à interferência do Iraque no regime de inspeções, e, em resposta, diversas resoluções do Conselho de Segurança intimando o país a cumprir com o disposto na Resolução 687 (e anteriores).

Em janeiro de 1993, foram realizados ataques aéreos e missilísticos ao Iraque, voltados às capacidades antiaéreas no sul do país (13 de janeiro, no escopo da Operação Southern Watch) e a uma instalação de fabricação de artefatos nucleares, nos arredores de Bagdá (17 de janeiro). Em junho de 1993, um novo ataque missilístico foi lançado contra instalações de inteligência em Bagdá, em resposta a uma suposta conspiração para o assassinato do ex-presidente George H. W. Bush, em abril do mesmo ano. Ao fim de 1993, o Iraque enfim concorda com os planos de inspeções.

Já em 1994, foram despachados do Iraque os últimos carregamentos de urânio altamente enriquecido, em direção à Rússia. A partir de então, o Iraque busca constantemente o fim das sanções comerciais ao país. Entretanto, sofre resistências, principalmente dos EUA e do Reino Unido, que insistem no desarmamento iraquiano completo antes do fim das sanções comerciais. Sob pressão de China e Rússia, o Conselho de Segurança aprovou, no ano seguinte, o programa Petróleo por Comida, através da Resolução 986, conforme já mencionado anteriormente.

Em agosto de 1996, elementos do exército do Iraque atacaram a cidade de Arbil, no Curdistão iraquiano, controlado pela União Patriótica do Curdistão⁶³ (PUK). Os EUA consideram isto como uma violação direta da Resolução 688 do Conselho de Segurança e, então, iniciam a Operação Desert Strike: uma série de ataques utilizando mísseis cruzadores baseados em navios de combate, submarinos – USS Laboon

⁶³ **PUK** – União Patriótica do Curdistão (do inglês: *Patriotic Union of Kurdistan*). Partido curdo criado em 1975, dissidente do Partido Democrático do Curdistão (KDP). O ataque das forças iraquianas aconteceu em meio a um contexto de guerra civil entre forças dos dois partidos, que ocorria desde 1994. Saddam, vendo no pedido de ajuda do KDP uma oportunidade de retomar controle sobre a região norte do país, realizou uma incursão blindada contra a cidade de Arbil, controlada pelo PUK.

(DDG58), USS Shiloh (CG67), USS Russel (DDG59), Hewitt (DD 966) e Jefferson City (SSN759) – e em aeronaves (B-52), advindas da base estadunidense em Guam. No total, foram 44 mísseis cruzadores vetorados contra estações de defesa antiaérea iraquiana. Ao final da Operação, a zona de exclusão aérea sul foi aumentada, abrangendo agora todos os territórios ao sul do paralelo 33.

Entre 1997 e 1998, as relações iraquianas com os inspetores da UNSCOM e da IAEA são crescentemente tensionadas, com diversos impasses relacionados à inspeção de novos locais no Iraque. Em março de 1997, a Secretária de Estado dos EUA, Madeleine Albright, em discurso à Universidade de Georgetown, expressa a relutância dos EUA em reverterem o regime de sanções ao Iraque imediatamente após o país comprovar o cumprimento com as obrigações estabelecidas na Resolução 687. Segundo Albright:

Nós [a Administração dos EUA] não concordamos com nações que argumentam que, se o Iraque cumprir com suas obrigações relacionadas às armas de destruição em massa, as sanções devem ser retiradas. Nossa visão, que é inabalável, é de que o Iraque deve fornecer prova de suas intenções pacíficas. E ele só poderá fazer isso a partir do cumprimento de todas as resoluções do Conselho de Segurança a que está submetido. É possível conceber tal governo sob [a administração de] Saddam Hussein? [...] a evidência esmagadora é de que as intenções de Saddam Hussein nunca serão pacíficas (ALBRIGHT, 1997, n.p., tradução nossa)⁶⁴.

Pode-se considerar que este tipo de atitude, por parte da Administração estadunidense, tenha sido um desestímulo ao cumprimento, por parte dos iraquianos, das resoluções do Conselho de Segurança. Afinal, se as sanções não iriam ser retiradas, qual o estímulo para que o Iraque cumprisse com o determinado? As tensões escalaram nos meses que se seguiram, com a cooperação iraquiana oscilando grandemente. A situação culminou com a retirada, em 16 de dezembro de 1998, dos inspetores da UNSCOM e da IAEA do Iraque, horas antes do início de novos ataques britânico-estadunidenses, sob o escopo da Operação Desert Fox.

A Operação Desert Fox ocorreu entre 16 e 19 de dezembro de 1998. A campanha teve como pretexto, à época, o não cumprimento iraquiano das resoluções do Conselho de Segurança e a interferência iraquiana nas inspeções da UNSCOM, além de alegações de que o país havia expulsado os inspetores da Organização. O objetivo

⁶⁴ Do original em inglês: “We do not agree with the nations who argue that if Iraq complies with its obligations concerning weapons of mass destruction, sanctions should be lifted. Our view, which is unshakable, is that Iraq must prove its peaceful intentions. It can only do that by complying with all of the Security Council resolutions to which it is subject. Is it possible to conceive of such a government under Saddam Hussein? (...) the evidence is overwhelming that Saddam Hussein's intentions will never be peaceful”.

principal seria o de atingir alvos militares e securitários, degradando a capacidade nuclear iraquiana.

A Operação, entretanto, foi cercada de controvérsias: além de acusações acerca da interferência dos EUA no trabalho da UNSCOM e dos alvos escolhidos, existem questionamentos acerca dos motivos que levaram à operação. Afinal, o Presidente da UNSCOM à época, Richard Butler, admitiu – mais tarde, em seu livro intitulado *Saddam Defiant* (2000) – não ter sido expulso do Iraque em 1998. Pelo contrário, Butler foi aconselhado, pelo embaixador americano Peter Burleigh, a retirar seu time de inspetores do Iraque de forma a protegê-los de possíveis prejuízos da Operação Desert Fox (BUTLER, 2000, p. 224).

Em todo caso, a UNSCOM não voltou a realizar inspeções no Iraque depois de 1998. Em 1999, através da Resolução 1284 do Conselho de Segurança, foi criada a Comissão das Nações Unidas para Monitoramento, Verificação e Inspeção (UNMOVIC), que assumiu as funções da antiga UNSCOM. A UNMOVIC nunca chegaria a aterrissar no Iraque para inspeções, muito embora em setembro de 2002 – depois do severo discurso do Bush Filho à ONU, sugerindo a futura invasão ao Iraque –, Bagdá tenha aceitado incondicionalmente a volta das inspeções da Organização. Infelizmente, a Administração Bush parecia não mais estar interessada no simples desarmamento do Iraque. Nada além da deposição de Saddam Hussein traria um fim ao ímpeto estadunidense.

2.3 A GUERRA AO TERROR E A DOCTRINA BUSH

O século XXI foi inaugurado de forma trágica em 2001. Em 11 de setembro daquele ano, foram realizados atentados contra as Torres Gêmeas do World Trade Center em Nova Iorque e ao Pentágono em Washington. Três aeronaves de linhas aéreas domésticas foram dirigidas a estes prédios, e uma quarta (interceptada) contra a Casa Branca. As evidências apontavam para a organização terrorista Al Qaeda como autora dos ataques, com o apoio do regime talibã no Afeganistão. Esta conjuntura levou ao início do que ficou conhecido como a Guerra ao Terror e desencadeou a Operação Enduring Freedom, com o objetivo de derrubar o regime talibã no Afeganistão e capturar as principais lideranças da Al Qaeda no país (VISENTINI, 2014, p. 99-102).

Dessa forma, os atentados às Torres Gêmeas em Nova Iorque e ao Pentágono em Washington certamente constituíram-se como eventos símbolos da década que se

iniciava, servindo como sérios determinantes da política externa dos EUA. Essa nova fase da Política Externa e de Segurança dos EUA pode ser caracterizada com base no que ficou conhecido como Doutrina Presidencial Bush (VISENTINI, 2014, p. 106-108).

O documento seminal da Doutrina Bush foi a primeira edição da Estratégia Nacional de Segurança dos Estados Unidos da América (National Security Strategy of the United States of America), lançado em 2002 (NSS/2002). O documento refletia as novas visões norte-americanas a respeito de sua segurança nacional e as medidas que seriam tomadas para garanti-la no plano internacional. A Doutrina Bush tem como antecedente principal a doutrina Wolfowitz (cujo documento seminal foi o Defense Planning Guidance para os anos fiscais entre 1994 e 1999), já discutido neste trabalho. Cabe lembrar que entre os principais pilares da doutrina Wolfowitz estavam: a manutenção dos EUA como potência incontestada no Sistema Internacional; a ação preventiva como forma de defesa; e ações unilaterais para a eliminação de ameaças, além de considerações específicas sobre os objetivos norte-americanos em relação à Rússia e ao Oriente Médio.

A Doutrina Bush se afastava, entretanto, do viés tomado pela diplomacia estadunidense até o momento (ALBRIGHT, 2003, online). O multilateralismo, até então característico das ações estadunidenses, seria substituído pelas alianças flexíveis e pela ação unilateral. A dissuasão convencional seria substituída pela preempção como forma de defesa. O país deveria assumir o papel de promotor da democracia (nos padrões praticados no país) e do livre comércio através do Globo. E o inimigo maior contra o qual os EUA lutariam no século XXI seriam as organizações terroristas – principalmente aquelas em busca de acesso às armas de destruição em massa (ALBRIGHT, 2003, n.p.; USA, 2002b, p. 3, 6, 15).

Em relação ao Sistema Internacional, a Doutrina Bush via os Estados Unidos em uma situação de unipolaridade, em que as principais ameaças do século anterior (Rússia e China) encontravam-se em uma situação de cooperação com os Estados Unidos. Nesse sentido, os Estados Unidos possuiriam força e influência sem precedentes ou iguais no mundo e a principal ameaça ao modo de vida e aos ideais americanos tomava a forma do terrorismo internacional e dos Estados falidos. Segundo o documento, a força da nação deveria ser utilizada, portanto, para promover os valores democráticos e o livre mercado no sistema internacional, para estender a democracia, os valores humanos e a liberdade pelo mundo (USA, 2002b, p. 1-7, 13-24).

A luta contra o terrorismo internacional, por sua vez, assumiu um aspecto de Cruzada: os EUA, como campeões da democracia e do mundo livre, em um embate com as forças antidemocráticas terroristas (FIALA, 2007, p. 167; BIANCHI, 2002, p. 32). Não seriam feitas distinções entre as organizações terroristas e países que as abrigassem – como colocado pelo Presidente Bush (filho) em discurso ao Congresso em 20 de setembro de 2001, ou se estava ao lado dos Estados Unidos, ou se estava ao lado do terrorismo (USA, 2001b, n.p.) –, e as ameaças representadas por tais organizações deveriam ser destruídas antes que chegassem às fronteiras estadunidenses. Ainda, a Guerra ao Terror teria aspectos convencionais e psicológicos, abrangendo aspectos da guerra legal e de opinião pública (CHENG, 2011) – conceitos que serão discutidos com maior detalhe na próxima seção. Os problemas representados pelo terrorismo internacional seriam dilatados, ainda, pela busca do desenvolvimento de armas de destruição em massa por parte de organizações terroristas e estados que lhes financiassem (USA, 2002b, p. 5-7; 13-16).

A NSS/2002 também considerava necessária uma mudança estratégica para proteger os Estados Unidos e seus aliados do uso de Armas de Destruição em Massa. Com a virada do Século XXI e a neutralização da ameaça soviética, a maior ameaça relativa a Armas de Destruição em Massa passa a ser representada pelos “Estados-Pária” (rogue states)⁶⁵. Contra estes estados, a dissuasão baseada na ameaça de retaliação não seria uma forma adequada de proteção contra as Armas de Destruição em Massa dos “Estados-Pária”, que estariam dispostos a arriscar a vida de suas populações, e organizações terroristas, muito difusas e intangíveis para constituírem alvo para um segundo ataque preciso. Nesse sentido, a NSS/2002 defendia o uso da preempção⁶⁶ contra a ameaça iminente representada por estes inimigos:

Os Estados Unidos por um longo tempo mantiveram a opção de tomar ações preemptivas para conter uma ameaça suficiente a nossa segurança nacional. Quanto maior a ameaça, maior o risco da falta de ação – e mais convincente o argumento pela tomada de medidas antecipatórias para nos defendermos,

⁶⁵ **Estados-Pária** – Segundo a National Security Strategy de 2002, seriam Estados que brutalizam sua população, desrespeitam o Direito Internacional, buscam o desenvolvimento e obtenção de Armas de Destruição em Massa, patrocinam o terrorismo internacional e rejeitam valores democráticos e humanitários (USA, 2002b, p. 13-14). Muitos relacionam esta pretensa categoria aos países citados pelo Presidente George Bush (filho) em seu Discurso sobre o Estado da União em 29 de Janeiro de 2002 como pertencentes ao “Eixo do Mal” (AxisofEvil): Irã, Iraque e Coreia do Norte (USA, 2002a, n.p.).

⁶⁶ A **preempção** é aceita no Direito Internacional, em casos em que se verifica uma ameaça iminente (mobilização de exércitos, forças aéreas e marinhas com o intuito de ataque). A NSS/2002 defende que o conceito de ameaça iminente deve ser adaptado às características de um adversário que não utiliza meios convencionais, e são, portanto, menos previsíveis (USA, 2002b, p. 15).

mesmo que a incerteza permaneça acerca de quando e onde o inimigo pretende atacar. Para prevenir ou evitar tais atos hostis de nossos adversários, os Estados Unidos agirão, se necessário, preemptivamente (USA, 2002b, p. 15, tradução nossa)⁶⁷.

Por fim, importa ainda destacar que embora o documento favorecesse o multilateralismo – através da formação de alianças flexíveis –, também deixava bastante claro que os Estados Unidos não vacilariam em agir unilateralmente:

Nós vamos romper e destruir as organizações terroristas: [...] Defendendo os Estados Unidos, o povo americano, e nossos interesses domésticos e internacionais através da identificação e destruição da ameaça antes que ela alcance nossas fronteiras. Os Estados Unidos se esforçarão constantemente para assegurar o apoio da comunidade internacional, entretanto, não hesitaremos em agir sozinhos, se necessário, para exercer nosso direito a autodefesa ao agir preemptivamente contra tais terroristas, para impedi-los de prejudicar nosso povo e nosso país; (USA, 2002b, p. 6, tradução nossa)⁶⁸.

Importa destacar que a Doutrina Bush é símbolo de uma inversão dos valores fundantes da sociedade estadunidense que vinha ocorrendo desde a década de 1970. Segundo Hahn (2006), foram três crises que se acumularam para formar a chamada Grande Crise: a crise cambial, evidenciada pela desvinculação do dólar em relação ao padrão dólar-ouro (1971); a crise do petróleo, com o aumento coordenado dos preços do barril de petróleo em resposta à Guerra do Yom Kippur (1973); e a crise financeira, causada pelo aumento repentino dos juros (1979). Estas crises significaram uma mudança do padrão de acumulação de capital e “trouxeram a necessidade de um novo modo de gerir a produção, de organizar as empresas, a própria soberania estatal e, naturalmente, acarretaram uma revolução nos assuntos militares (RMA)” (HAHN, 2006, p. 145-146). As respostas à crise no âmbito da economia corresponderam à segmentação e desnacionalização da produção, à terceirização e à utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (HAHN, 2006, p. 147).

⁶⁷ Do original em inglês: “The United States has long maintained the option of preemptive actions to counter a sufficient threat to our national security. The greater the threat, the greater the risk of inaction – and the more compelling the case for taking anticipatory action to defend ourselves, even if uncertainty remains as to the time and place of the enemy’s attack. To forestall or prevent such hostile acts by our adversaries, the United States will, if necessary, act preemptively”.

⁶⁸ Do original em inglês: “We will disrupt and destroy terrorist organizations by:(...)Defending the United States, the American people, and our interests at home and abroad by identifying and destroying the threat before it reaches our borders. While the United States will constantly strive to enlist the support of the international community, we will not hesitate to act alone, if necessary, to exercise our right of self-defense by acting preemptively against such terrorists, to prevent them from doing harm against our people and our country;”.

As três crises dos anos 1970 transformaram os EUA em grandes captadores de capitais e exportadores de plantas industriais, buscando reduzir os custos de produção e compensando o déficit comercial através dos serviços – transformando o próprio dólar e seus papéis em investimentos seguros e lucrativos. Ao mesmo tempo, entretanto, o déficit comercial deixa os EUA extremamente dependentes da importação de capitais para equilibrar as contas externas e seus gastos públicos (HAHN, 2006, p. 148-149).

Os avanços no mundo econômico se deram em paralelo ao desenvolvimento da concepção atual de Comando e Controle (C2) – e de suas evoluções, Comando, Controle, Comunicações, Computadores, Morte, Inteligência, Vigilância e Reconhecimento (C4KISR, na sigla em inglês) –, e de tecnologias para o aumento da precisão de mísseis e bombas, que tornaram os insumos para guerra – e, portanto, a guerra em si – mais baratos. Progressivamente, as respostas engendradas pelas empresas foram sendo utilizadas no campo militar:

Como exemplo de segmentação da produção aplicada à esfera militar, assistimos a uma nova divisão internacional do trabalho de segurança. Nos anos 90, os EEUU “delegaram” a países como Arábia Saudita, Paquistão e Turquia a condução de operações encobertas na Rússia. Constituíram ações de grande envergadura, das quais resultaram guerras civis com dezenas de milhares de mortos e que, entre seus meios, contaram com a articulação da Al Qaeda.

A “terceirização” foi traduzida na contratação de mercenários. Estima-se que seu efetivo no Iraque, em 2005, esteja próximo do próprio exército de ocupação americana, numa proporção de 80 mil “contratados”, para perto de 115 mil soldados regulares.

As TIC [Tecnologias de Informação e Comunicação], por sua vez, permitem quase uma fusão entre as operações encobertas e ações militares “cirúrgicas”. No Afeganistão, em 2001, tivemos um exemplo eloqüente disso. Apenas 200 paramilitares da CIA, com apoio de mercenários da “aliança do norte” e de bombardeiros B52, já haviam “fixado” o dispositivo militar Talibã, que contava com 60 a 80 mil homens, antes mesmo de o primeiro soldado regular (Boinas Verdes) pôr os pés no território afegão. O que potencializou extraordinariamente o poder de fogo desses 200 homens foi um dispositivo laser portátil, que guiava bombas lançadas dos B52, e mísseis lançados, a partir da frota, diretamente sobre seus alvos (HAHN, 2006, p. 147-148).

As mudanças no plano da tática (barateamento de equipamento militar, “nova divisão do trabalho internacional em segurança”) acabam condicionando mudanças na política e estratégia estadunidense ao mudarem a percepção sobre os custos da Guerra. Era menos custoso criar revoluções e caos nas periferias que reconstruir países e criar possíveis competidores econômicos para as próprias empresas estadunidenses.

A mera perspectiva de que a Rússia e a Europa Leste pudessem representar um novo desafio para empresas americanas, associada à percepção de que arrasar aqueles países através da subversão, do terrorismo e do separatismo representaria risco “baixo” e do custo “barato”, fechou as portas à idéia de

um plano Marshall que teria colocado, definitivamente, aqueles países na órbita americana. [...]

Os Estados Unidos desistem, na prática, de exportar valores, abdicam da doutrina Monroe, da democracia e da soberania, e passam a exportar a guerra (HAHN, 2006, p. 149).

Segundo Hahn (2006), a Guerra se transforma em um meio comum da política estadunidense, enquanto os instrumentos da política e da economia são subordinados ao planejamento militar, utilizados para enfraquecer adversários. A Guerra, por sua vez, procura abastecer os Estados Unidos gás e petróleo baratos, buscando incentivar o retorno da produção industrial para o âmbito doméstico simultaneamente à manutenção da captação de investimentos externos. Dessa forma, perseguem-se “os fins da política exclusivamente através do meio militar e valer-se da diplomacia e da economia para perseguir fins militares estritos” (HAHN, 2006, p. 150).

Embora Hahn não mencione diretamente a Doutrina Bush, esta última resume bem a inversão dos valores estadunidenses retratados no trabalho da autora. A reversão de princípios fundantes do próprio Sistema Internacional e da ordem internacional vigente (representada pela ONU) – como o direito a soberania e a restrição da guerra à autodefesa, respectivamente – é “justificada” sob o pretexto dos valores humanos e da democracia, inaugurando-se assim, conceitos como o de “soberania limitada” e “guerra preventiva” (HAHN, 2006, p. 149).

2.4 GUERRA POLÍTICA: MOTIVOS DECLARADOS E NÃO-DECLARADOS DA GUERRA DO IRAQUE

Os anos 1990, com os diversos conflitos em torno do regime de inspeções ao Iraque, prepararam o terreno para a guerra política contra o Iraque que teria lugar nos anos 2000, intensificada pelo contexto dos ataques terroristas de 11 de setembro. Cheng (2011) procura definir os conceitos dos “Estilos de Combate Político em Condições Informatizadas”, das “Três Guerras” ou do que, aqui, escolhemos nomear “Guerra Política”. Em um aspecto geral, entendem-se como os processos pelos quais se busca moldar a forma como a informação é percebida, com o objetivo de “[...] enfraquecer a vontade e o apoio ao inimigo, manter a própria moral popular e militar, e influenciar visões e posições globais”⁶⁹ (CHENG, 2011, p. 170, tradução nossa). Tratam-se de três

⁶⁹ Do original em inglês “(...) weaken their opponent’s will and support, maintain their popular and military morale, and influence global views and positions” (CHENG, 2011, p. 170).

formas de operações ou campanhas: a Guerra Psicológica, a Guerra de Opinião Pública e a Guerra Legal.

A Guerra Psicológica é o mais básico dos três estilos, e busca instrumentalizar política, economia, cultura e religião de forma a aproximar de si os aliados e retirar apoio dos inimigos. Em um aspecto estrito, pode ser focada na erosão do psicológico do aparelho militar inimigo, fazendo-o crer que não há forma de vencer. Em um aspecto mais amplo, trata-se de utilizar os elementos do poder nacional para reforçar a moral interna e o compromisso de aliados (CHENG, 2011, p. 171-176). Em termos simples, a Guerra Psicológica busca romper a coesão da chamada Trindade Clausewitziana – correspondente ao Governo, Sociedade e Forças Armadas⁷⁰ – inimiga ao mesmo tempo em que se procura manter intacta a própria coesão.

A Guerra de Opinião Pública diz respeito ao uso da mídia em todas as suas formas para influenciar a opinião pública em favor próprio (e contra o inimigo), buscando alterar o balanço de forças e evitar oposição interna ou externa em relação ao conflito que se quer travar. Pode ter dois enfoques: legitimar o esforço de guerra empreendido perante o público (noção de guerra justa, pelos motivos corretos) ou mostrar que se está lutando a guerra em observância das regras internacionais (*jus in bello*) (CHENG, 2011, p. 176-184).

Por fim, a Guerra Legal diz respeito ao uso das leis – domésticas, internacionais e de guerra (*jus ad bellum* e *jus in bello*) – como argumento para se estabelecer superioridade moral em um conflito. Nesse sentido, busca-se estabelecer o adversário como transgressor de leis, colocar-se como obediente a elas e, no caso de transgressão própria, justificar as violações. Também pode-se criar regras como forma também de sinalizar ao mundo o que se pensa ser legítimo, ou mesmo os casos em que se entrará em guerra (CHENG, 2011, p. 184-188).

Todos estes “Estilos de Combate Político em Condições Informatizadas” foram utilizados contra o Iraque nos anos 2000, com a intenção de blindar o esforço de guerra americano no Oriente Médio contra críticas domésticas e da comunidade internacional e de conseguir aliados contra o regime iraquiano.

No âmbito da Guerra de Opinião Pública, a mídia americana e internacional já era saturada com a demonização do regime iraquiano, e de Saddam Hussein em

⁷⁰ **Trindade Sociedade- Forças Armadas-Governo** – Esta trindade é derivada da trindade paradoxal estabelecida por Clausewitz, composta da violência, do ódio e da inimizade. Sendo que estes três aspectos dizem respeito, respectivamente, às pessoas (povo), ao comandante e seu exército (Forças Armadas) e ao governo (CLAUSEWITZ, 1984, p. 93).

particular, desde o fim da Guerra do Golfo de 1991. Nesse sentido, a constante disputa acerca do regime de inspeções no Iraque preparou um terreno fértil para que se enraizassem as acusações de Bush acerca do regime iraquiano. Nos anos 2000 este esforço se intensificou⁷¹, com as repetidas acusações de que o regime iraquiano continuaria a elidir o desenvolvimento de armas de destruição em massa e a inclusão do Iraque na pretensa categoria dos países pertencentes ao “Eixo do Mal” – os Estados-Pária do Sistema Internacional que apoiariam o terrorismo internacional (CHENG, 2011, p. 178-181).

No âmbito da Guerra Legal foram dois esforços principais. O primeiro procurava legitimar o uso de guerra preventiva contra o Iraque. Assim, buscou-se defender que os EUA teriam o direito de utilizar-se da preempção como forma de defesa contra o terrorismo internacional (conforme explicitado mesmo na NSS/2002, ou Doutrina Bush). Com este argumento buscou-se convencer – com sucesso – o próprio Congresso Americano a autorizar o uso da força contra o Iraque e, posteriormente, pretendeu-se obter a chancela do Conselho de Segurança ONU para as ações preemptivas contra o país – sem sucesso. Quando esta abordagem não teve resultado, buscou-se determinar que o Iraque estaria em flagrante descumprimento do Direito Internacional ao desobedecer as Resoluções do Conselho de Segurança da ONU e interferir no regime de inspeções estabelecido pela Resolução 687 (CHENG, 2011, p. 186). Nesse sentido, em novembro de 2002, o Conselho de Segurança aprovou a Resolução 1441, que determinava que o Iraque estaria em violação das resoluções anteriores (principalmente a Resolução 687), dando ao país uma última oportunidade para cumpri-las. A falha em fazê-lo acarretaria “sérias consequências” (ONU, 2002). É interessante mencionar que o Iraque havia aceitado o retorno incondicional das inspeções ainda em 16 de setembro de 2002, mas que as negociações para tal retorno não foram concluídas.

Entretanto, é pouco provável que qualquer iniciativa iraquiana fosse dissuadir os EUA de travarem a guerra de 2003. Os EUA estavam ativamente engajados, desde a década passada, na interferência no regime de inspeções, ora procurando dificultar o processo, ora procurando inibir e desacreditar possíveis resultados positivos das

⁷¹ O **Escritório de Comunicações Globais** (Office of Global Communications) foi criado na Casa Branca depois da decisão de ir a guerra. Ele criou um plano para a propaganda que influenciaria a opinião pública doméstica e internacional. Além disso, eram providos tópicos de discussão a órgãos de notícias domésticos e internacionais quando se tratasse da discussão acerca da Guerra do Iraque, e oficiais das Forças Armadas marcavam presença regularmente para discutir as Operações (CHENG, 2011, p. 179).

inspeções. Alguns dos próprios inspetores da UNSCOM trazem relatos acerca deste tipo de política. É o caso de Scott Ritter, inspetor da UNSCOM, que, em seu livro *Iraq Confidential* (2005) traz em grande detalhamento a extensão desta interferência. Para Ritter, crítico da atuação dos EUA durante as inspeções e, posteriormente, da invasão ao Iraque, “o comportamento do governo e das agências de inteligência dos Estados Unidos durante meu período como um inspetor não foi o de um governo que estava falando sério sobre o desarmamento”⁷² (RITTER, 2005, p. 290, tradução nossa).

Já Eric Fournier, diplomata francês e assessor político de Richard Butler⁷³, em entrevista a Christopher Kremer (autor do livro *Carpet Wars* de 2002), depõe também em primeira mão sobre a pressão estadunidense sobre Richard Butler para que as inspeções não tivessem um resultado definitivo, no sentido de confirmarem o desarmamento do Iraque:

Depois da coletiva de imprensa, durante a qual ele [Richard Butler] havia falado positivamente sobre a conclusão da questão do desarmamento, Richard recebeu uma ligação de Washington ou Nova Iorque, e pelas suas respostas eu imagino que uma pessoa do alto escalão do Departamento de Estado estivesse do outro lado da linha, e essa pessoa não estava feliz com a possibilidade de qualquer resultado positivo para o Iraque. No momento em que demonstramos confiança em demasia, tínhamos pessoas demais saindo da escuridão e gritando ‘Seus Idiotas’ (FOURNIER apud KREMER, 2002, Capítulo 19, tradução nossa)⁷⁴.

Ademais, existem evidências de que, mais que interferir com o regime de inspeções, os EUA tinham ciência de que não haviam armas de destruição em massa no Iraque e, mesmo, de que haviam plantado evidências para suportar seu pleito à Guerra. Nesse sentido, Ronald Suskin (2008) traz diversas entrevistas corroborando tais suspeitas.

A justificativa dos EUA para a invasão ao Iraque era sustentada, mesmo internamente, pela ameaça representada pelo país, que estaria:

- a) perseguindo ativamente a retomada de seu programa nuclear; e
- b) desenvolvendo armas biológicas em seu território.

⁷² Do original em inglês: “The behavior of the United States government and its intelligence agencies during my time as an inspector was not that of a government that was serious about disarmament” (RITTER, 2005, p. 290).

⁷³ Como já mencionado anteriormente neste trabalho, Richard Butler foi Presidente da UNSCOM entre 1998 e 1999.

⁷⁴ Do original em inglês: ““After the press conference at which he had been positive about closing the whole disarmament issue, Richard received a call from Washington or New York, and from his responses I could gather that there was a very highly placed person at the State Department on the other end, and that they were not very happy at the prospect of any positive outcome for Iraq. The moment we showed too much confidence, we had too many people coming out of the darkness saying, “You fools!””.

A principal evidência para a primeira hipótese foram documentos repassados do serviço de inteligência italiano para os serviços britânico e americano, que afirmavam que o Iraque havia procurado adquirir Urânio “Bolo Amarelo”⁷⁵ da Nigéria. A CIA fez investigações sobre os documentos e não encontrou provas conclusivas que os corroborassem, mas, ainda assim, as acusações foram incluídas no discurso sobre o Estado da União em janeiro de 2003. Mais tarde, descobriu-se que os documentos repassados pelo serviço de inteligência italiano eram falsificações, e que as acusações não tinham fundamento (SUSKIN, 2008, p. 172-175).

A segunda hipótese tinha como evidência principal o testemunho de um informante sob o codinome de Curveball. Rafid Ahmed (Curveball) era um desertor iraquiano que havia migrado para a Alemanha e estava em contato com o serviço de inteligência do país. Ahmed testemunhava acerca de laboratórios móveis de agentes biológicos, desenvolvidos para elidir um programa biológico iraquiano das inspeções da UNSCOM, montado em trailers. O serviço de inteligência alemão, que em certa medida não tinha total confiança no informante, nunca deu à CIA acesso direto a Curveball, no que foi aconselhado pelo próprio representante da CIA na Alemanha, Joe Wippl. Em diversas ocasiões, Wippl aconselhou oficiais alemães a não darem à CIA acesso a Curveball. Importa destacar que a CIA tinha plena consciência de que Wippl orientava a inteligência alemã de tal forma, e diversos setores eram favoráveis a sua demissão (SUSKIN, 2008, 176-179).

Ao fim e ao cabo, a inteligência fornecida por Curveball provou-se falsa: os trailers que supostamente produziam armas químicas, na realidade, produziam apenas hidrogênio para balões meteorológicos. Wippl, que havia sido descoberto pela CIA, acabou sendo recontratado, tempos depois, como contato entre o Congresso e a CIA. Mesmo depois de demitido, continuou na folha de pagamentos da Agência, enquanto trabalhava na Universidade de Boston (SUSKIN, 2008, 176-179).

Mesmo que se considere que a administração estadunidense tenha acreditado, de boa fé, na falsa inteligência provida pelos documentos do serviço de inteligência italiano e pelas informações de Curveball, acredita-se, ainda, que a Administração Bush

⁷⁵ **Urânio “Bolo Amarelo”** – Trata-se de um composto de urânio, contendo cerca de 80% de óxido de urânio. Corresponde a uma etapa intermediária no processamento de urânio, posterior à mineração, mas anterior ao seu enriquecimento. É majoritariamente composto pelo isótopo Urânio-238 (mais que 99%), de baixa radioatividade. Para que possa ser utilizado para geração de energia ou para a fabricação de bombas, o Urânio “Bolo Amarelo” deve passar pelo processo de enriquecimento, em que são “separados” os isótopos de Urânio-235, de maior radioatividade e que tem capacidade de fissão nuclear (e, portanto, pode ser utilizado para a geração de energia e fabricação de bombas) – o isótopo Urânio-238 não é fissível e, portanto, não pode ser utilizado para estes propósitos.

ainda possuía inteligência de igual ou maior valor indicando o contrário: que os programas nuclear e biológico iraquianos não estavam sendo reconstruídos (SUSKIN, 2008, 179-184).

Em 2002, o serviço de inteligência francês colocou o chefe da base da CIA na França, Bill Murray, em contato com o Ministro das Relações Exteriores iraquiano, Najji Sabri. Sabri, cujos dois irmãos haviam sido assassinados no regime de Saddam, havia desenvolvido uma conexão com o serviço de inteligência francês e estava disposto a ser pago para repassar inteligência à CIA informações sobre o regime iraquiano. A inteligência fornecida por Sabri era de que o regime iraquiano não possuía armas de destruição em massa, nem se esforçava para obtê-las (SUSKIN, 2008, p. 179-182). Segundo o informante,

Se Saddam estava ansioso para obter uma arma nuclear, ele estava mais longe que nunca de obtê-la e não estava fazendo progressos nessa frente; qualquer vestígio de um programa de armas biológicas era insignificante; e se quaisquer armas químicas restassem no Iraque, elas não estavam mais nas mãos de Saddam Hussein ou de seu aparato militar (SUSKIN, 2008, 180, tradução nossa)⁷⁶.

Entretanto, assim que se soube que a inteligência fornecida por Sabri contradizia o pleito de que haveriam armas de destruição em massa no Iraque, o interesse da Administração Bush cessou. O depoimento de Sabri foi classificado como “desinformação” e só seria acolhido se o ministro iraquiano decidisse desertar o país. O mais impressionante, ainda, é que o relatório final acerca do depoimento de Sabri – que havia ficado a cargo do escritório da CIA em Nova Iorque – contradizia completamente o que havia sido dito pelo ministro iraquiano. Uma versão deste relatório foi repassada à inteligência britânica e, mais tarde, ao Primeiro Ministro britânico, Tony Blair (SUSKIN, 2008, 181-182).

Por fim, Suskin (2008) também oferece evidências de uma missão da inteligência britânica, em fevereiro de 2003, confirmadas pelo próprio chefe do MI-6, Richard Dearlove. A missão teria envolvido múltiplos encontros encobertos entre Michael Shipster, agente britânico, e Tahir Jalil Habbush, chefe da inteligência iraquiana. Novamente, o chefe da inteligência iraquiana teria insistido que inexistiam armas de destruição em massa no Iraque, e que Saddam resistia em admitir

⁷⁶ Do original em inglês: “If Saddam was eager for a nuclear weapon, he was as far as ever from having one and was making no progress on that front; any vestige of a bioweapons program was negligible; and if any chemical weapons remained in Iraq, they were no longer in the hands of either Saddam Hussein or his military.”

completamente tal fato por se preocupar com a reação de vizinhos como o Irã. Dearlove confirmou que todas estas informações foram repassadas imediatamente à Casa Branca, mas foram ignoradas (SUSKIN, 2008, 182-184; 190-196).

Posteriormente, após a invasão dos Estados Unidos, que sem dúvidas tiveram a chance de vasculhar o território iraquiano livres da interferência do governo de Saddam Hussein, não foram encontradas armas de destruição em massa sob posse iraquiana. Após a guerra, a UNMOVIC acabou por concluir que as armas químicas e biológicas que o Iraque possuía antes de 1991 haviam, de fato, sido destruídas pelo próprio governo iraquiano após a Guerra do Golfo naquele ano, em concordância com os depoimentos dados pelo governo iraquiano. Além disso, também se concluiu que todo o material para a confecção de armas nucleares antes possuído pelo Iraque havia sido removido durante as inspeções⁷⁷.

Não existe uma formula para se comprovar que algo definitivamente não exista. Assim, pela lógica, cabe àquele que alega a existência de algo o fardo de comprovar de forma definitiva tal existência. As falhas da inteligência americana no Iraque podem corresponder a uma de duas possibilidades: ou a incompetência dos serviços de inteligência americanos, ou à fraude consciente de provas para convencer a opinião pública da necessidade da guerra. O fato é que a existência de armas de destruição em massa foi um dos motivos declarados na arena internacional para justificar a invasão do Iraque. Resta, portanto, buscar iluminar os motivos não-declarados do conflito.

Ao que parece, e por seus resultados mais visíveis, a Guerra do Iraque de 2003 teve o objetivo não-declarado de destruir o Capitalismo Monopolista de Estado(CME) no Iraque. O conceito de CME surge durante a Primeira Guerra Mundial para “designar o conjunto de medidas tomadas e aplicadas pelo Estado capitalista com a finalidade de controlar, orientar, coordenar e planificar a economia de guerra” (TEIXEIRA, 1983).

⁷⁷ Ainda para corroborar a ausência de programas de desenvolvimento de armas de destruição em massa, pode-se examinar O Relatório Abrangente do Assessor Especial do Diretor de Inteligência Central sobre as Armas de Destruição em Massa Iraquianas (Comprehensive Report of the Special Advisor to the DCI on Iraq's WMD) – também conhecido como Relatório Duelfer, resultado do trabalho do Grupo de Avaliação do Iraque (Iraq Survey Group) – e o Relatório do Inquérito sobre o Iraque (Report of the Iraq Inquiry) – também conhecido como Relatório Chilcot. O primeiro dos relatórios tinha o objetivo de analisar o histórico das capacidades em armas de destruição em massa do Iraque, buscando determinar a existência ou não de um programa de armas de destruição em massa à época da Operação Iraqi Freedom. Já o Relatório Chilcot foi encomendado pelo governo britânico buscando avaliar se (a) a invasão ao Iraque em 2003 havia sido correta e necessária aos interesses britânicos e; (b) se o Reino Unido poderia estar preparado para os eventos que se seguiram (a invasão e suas consequências). Ambos os relatórios concluem que não haviam armas de destruição em massa no Iraque na década de 2000 e que o regime iraquiano não estava procurando reestabelecer seu desenvolvimento.

O desmonte do CME no Iraque foi realizado através do desmonte da burocracia e das forças armadas nacionais e pela liberalização e abertura econômica do Iraque, realizados durante o período de ocupação, sob a liderança de Paul Bremer (como veremos na parte 4 desta dissertação). A desbaathificação, levada a cabo por Bremer e pelos antigos exilados do Conselho Governante do Iraque, correspondeu a um expurgo do que restou burocracia estatal iraquiana, o estamento que poderia dar seguimento às políticas de Saddam no tocante ao planejamento e controle da economia e da nacionalização do setor produtivo iraquiano.

Também durante o período de ocupação, foram alteradas as estruturas da economia iraquiana: A liberalização e abertura econômica permitiram a entrada de investimentos externos diretos americanos no Iraque sem qualquer barreira para expatriação de lucros. O setor bancário do país também foi aberto aos bancos estrangeiros, bem como o setor petrolífero, com a Lei dos Hidrocarbonetos (aprovada em 2007). A abertura econômica foi total e, pode-se dizer, brutal, no sentido em que, de um golpe só, asfixiou qualquer iniciativa empresarial iraquiana antes que pudesse, mesmo, surgir. Qualquer empresa nascente na conjuntura de crise iraquiana sairia em desvantagem frente ao mercado mundial.

2.5 CONCLUSÕES PRELIMINARES

O presente capítulo perseguiu, simultaneamente, três objetivos bastante distintos, mas interligados pela temática comum da Guerra do Iraque, quais sejam:

- a) examinar as mudanças doutrinárias que condicionaram o planejamento das operações na Guerra do Iraque, que culminaram com a Transformação Militar guiada por Donald Rumsfeld;
- b) determinar em que condições se encontravam o Estado iraquiano e suas capacidades militares no período que antecedeu a Guerra do Iraque; e
- c) examinar o contexto político da Guerra do Iraque, qual seja o da Guerra ao Terror e da Doutrina Presidencial Bush, buscando lançar uma luz sobre os motivos que levaram os EUA ao envolvimento no Iraque.

Dessa forma, procura-se sintetizar aqui os resultados dos esforços empreendidos acima.

Dada a conjuntura pós-Vietnã, o processo de reforma do Exército (profissionalização, centralização da formulação e ensino da doutrina e mudança da

mesma) corresponderia ao primeiro movimento de transformação consciente e voluntário do Perfil de Força estadunidense: de um exército de massas, conscrito, dependente da mobilização nacional; para um Perfil de Força profissional, altamente tecnológico, mas que ainda era, em parte, dependente da logística militar tradicional. Este novo Perfil de Força entraria em combate no Iraque em 1991 – na ocasião da Guerra do Golfo, demonstrando toda a nova gama de capacidades dos EUA, à época, superpotência incontestada da arena internacional.

O Iraque, entretanto, foi extremamente debilitado na década de 1990. Isto devido aos prejuízos causados pela Guerra do Golfo de 1991 e, também, pelas sanções econômicas impostas ao país, as quais impediram sua recuperação produtiva, econômica e em termos de capacidade militar. Ademais, os anos 1990 tiveram o mérito de consolidar a controvérsia acerca das inspeções da UNSCOM na opinião pública mundial. Conseqüentemente, notou-se o efeito desta alegação – mesmo que de mérito disputável – na condenação ou aceitação da guerra praticada pelos EUA. Assim sendo, evidentemente, considera-se que o Iraque era um Estado ainda mais fraco no final da década do que no seu início, quando recém havia saído da confrontação de quase dez anos com o Irã. Em realidade, não se pode afirmar que sua invasão por Forças Armadas do calibre das estadunidenses constitua um feito tão glorioso.

Nesse ínterim, ganhou maior espaço no debate sobre a Grande Estratégia estadunidense a tese da Guerra de Quarta Geração de William Lind e seu entendimento da carência de uma reforma militar no país. Em conjunto com a gestão da Política Externa e de Defesa promovida pelo presidente Bush Pai, o projeto de Paul Wolfowitz traz novas adequações no plano fiscal e doutrinário. Por fim, Donald Rumsfeld concretiza a Transformação Militar das Forças Armadas dos EUA: afastando-se do Modo Americano de Fazer a Guerra de Weigley e da antiga era industrial, o governo de Bush Filho deu prioridade a um Perfil de Força mais enxuto e com maior mobilidade, adaptado às necessidades da era informacional.

É importante destacar aqui três decorrências da Doutrina Wolfowitz que se repetiriam na Doutrina Bush e, portanto, nas justificativas para a Guerra ao Terror:

- a) a primeira é de que se acredita que a paz mundial será mantida através da supremacia estadunidense
- b) da promoção da democracia liberal e
- c) da presença militar em Bases Avançadas para atuação nas regiões. Ou seja, a paz mundial seria mantida através da disseminação das democracias

liberais, garantidas por uma força de mobilidade estratégica global para intervir em diferentes situações. Trata-se de uma perversão da Teoria da Paz Democrática de Michael Doyle (1986): assumindo-se que países democráticos não entram em guerra, o comprometimento estadunidense passa a ser com a disseminação da democracia liberal (inclusive no sentido econômico) como forma de manter a paz. Em suma, trata-se de um comprometimento com a mudança de regime de todos que não se conformarem à democracia liberal. E esta mudança de regime seria operada pelas forças de mobilidade estratégica global.

Estas forças de deslocamento contam com repercussões próprias:

- a) a troca da presença em bases pela mobilidade estratégica a nível global exige que os equipamentos que acompanham a Força também sejam facilmente transportados pelo globo, implicando contingentes e equipamentos leves para que possam se deslocar com agilidade.
- b) o sustento da Força pela logística tradicional passa a ter um custo muito alto (deslocamento não apenas do equipamento pelo globo, mas também do suprimento). A resposta dada a este problema veio através da utilização da *Supply Chain* global como forma de sustentar as tropas, ou seja, a terceirização da logística. Esta terceirização não implica o abandono de sua proteção, pelo contrário. Entretanto, ao invés da logística puramente militar, a Força em si não fica mais responsável pela segurança da linha de suprimentos.
- c) entram para exercer esta tarefa as forças de segurança privadas, contratadas pelas próprias companhias que fazem a logística. Por mais nobre que esta tarefa seja, as Companhias Militares Privadas (PMCs, sigla em inglês de *Private Military Companies*) não estão suficientemente preparadas para exercê-la. É o que nos mostrou o exemplo de Faluja, do qual trataremos no último capítulo deste trabalho.

Assim, pretende-se ter dado conta dos dois primeiros objetivos e parcialmente do terceiro. Resta, portanto, retomar as conclusões preliminares acerca dos objetivos da Guerra do Iraque.

Viu-se acima que existem razões para suspeitar-se de uma incompatibilidade entre as razões declaradas da Guerra do Iraque – quais sejam impedir o Iraque de desenvolver armas de destruição em massa e coibir o apoio iraquiano à organizações

terroristas internacionais – e suas razões reais. Argumentou-se que o motivo não-declarado da Guerra do Iraque tenha sido o desmonte do Capitalismo Monopolista de Estado no Iraque, com o objetivo de abrir seus mercados para o investimento estadunidense.

3 A GUERRA DO IRAQUE (2003)

Este capítulo tem o objetivo de analisar o planejamento e as operações de combate da Guerra do Iraque. Deste objetivo, deriva a pergunta central que guia o capítulo: Quais as características principais do planejamento e das operações no Iraque?

Como hipótese provisória, considera-se que o planejamento para a Guerra do Iraque foi marcado pelos cortes de contingente e pela displicência com a qual foram tratadas às fases de estabilização da Guerra. As operações, de fato, foram marcadas pelo sucesso, mas contra um adversário formal em condições de extrema desvantagem tecnológico qualitativa.

É preciso destacar, desde já, que a vitória militar não se traduziu diretamente em uma vitória política estadunidense, uma vez que a fase seguinte da guerra, correspondente à estabilização e construção de um Estado iraquiano, acarretou um envolvimento custoso e prolongado aos Estados Unidos que, ao fim e ao cabo, resultou na derrota política da criação de uma ameaça terrorista ainda maior, correspondente ao Estado Islâmico.

3.1 O PLANEJAMENTO

O objetivo principal de curto prazo para a Operação Iraqui Freedom era a mudança de regime, ou seja, a retirada de Saddam Hussein do poder e a eliminação do aparelho estatal que o suportava. No longo prazo, almejava-se um Iraque estável e em paz com os vizinhos na região, cuja integridade territorial fosse mantida, com um governo democrático que renunciasse ao desenvolvimento de armas de destruição em massa e que cessasse o apoio a organizações terroristas. Militarmente, os objetivos eram subsidiários das idéias acima: desestabilização e derrubada do regime baathista, dar suporte a um novo governo democrático, destruição da capacidade e infraestrutura de produção de armas de destruição em massa, destruição das redes terroristas no Iraque; proteger aliados e libertar prisioneiros políticos do regime de Saddam, e fornecer apoio aos esforços internacionais pela estabilidade de longo prazo no Iraque (DALE, 2008, p. 9-10).

Como já referido, o planejamento para as operações militares no Iraque já vinha sendo executado desde a década de 1990. Por óbvio, este planejamento sofreu

modificações, principalmente tendo em vista as recomendações presentes na nova Doutrina Operacional e, também, a influência dos tomadores de decisões da época, em particular do Secretário de Defesa, Donald Rumsfeld.

Durante o planejamento mais imediato, as principais questões debatidas entre civis e militares envolvidos diziam respeito ao tamanho da força a ser empregada, ao cronograma a ser executado pelas forças (tempo total da OIF), e sobre a sincronização entre poder aéreo e terrestre. Do lado militar, o principal responsável pelo planejamento foi o Gen. Tommy Franks, comandante do Comando Central (CENTCOM) estadunidense. No lado civil, por óbvio, o principal responsável foi o próprio Secretário Rumsfeld.

Desde o início, havia uma grande insistência por parte de Rumsfeld por uma força mais enxuta e por um cronograma curto para a invasão. Além disso, as percepções civis e militares divergiam ainda quanto à sincronicidade entre forças aéreas e terrestres durante o ataque inicial; enquanto grande parte dos militares desejava (a exemplo da primeira Guerra do Golfo) uma campanha aérea que precedesse o avanço terrestre de grandes contingentes, o pessoal civil (e principalmente Rumsfeld) insistia em uma investida simultânea, com um contingente muito menor (CORDESMAN; DAVIES, 2008, p. 9; DALE, 2008, p.13).

Inicialmente, os planos para a invasão eram baseados no plano 1003-98, da década de 1990. Este se assemelhava muito às operações durante a primeira Guerra do Golfo: previam-se entre 400 e 500 mil homens, com um cronograma de execução longo e uma grande concentração de forças precedente às operações de fato (DALE, 2008, p. 11). Entretanto, ao fim de 2001, Rumsfeld solicitou a Franks uma versão completamente nova, com um contingente menor e um tempo de deslocamento mais rápido. A partir de então, Franks criou uma série de planos para a invasão, como o “Generated Start”⁷⁸, o “Running Start”⁷⁹ e o “5-11-16-125”⁸⁰, com o tamanho da força

⁷⁸ O Plano “**Generated Start**” contaria com a infiltração antecipada de elementos da CIA como forma de conseguir inteligência e de criar relações amigáveis, possivelmente entre os próprios militares, seguida da infiltração de unidades de Operações Especiais, principalmente no Norte e Oeste do Iraque. O principal esforço convencional iniciaria com campanhas aéreas e terrestre quase simultâneas – o ataque terrestre deveria ter um efeito surpresa sobre as forças iraquianas, que esperariam uma repetição do padrão da Guerra de 1991: uma longa campanha aérea seguida de uma curta investida terrestre. As forças estadunidenses continuariam entrando no teatro de operações, com uma força máxima de aproximadamente 275 mil homens (DALE, 2008, p.12).

⁷⁹ O Plano “**Running Start**” lidava com a possibilidade de o regime iraquiano antecipar o cronograma estadunidense através de uma provocação, como o uso de armas de destruição em massa. Assim, considerava-se uma força menor, com um cronograma de execução mais curto. Ainda assim, contaria com a infiltração antecipada de times da CIA e de unidades de Operações Especiais. A campanha

sendo constantemente diminuído, de acordo com as exigências de Rumsfeld (DALE, 2008, p. 10-11).

Alguns dos principais comandantes (nomeadamente o Ten. Gen.⁸¹ William S. Wallace e, em alguma medida, também o Ten. Gen. McKiernan) não se sentiam confortáveis quanto ao tamanho deste contingente, que consideravam demasiado reduzido para a campanha. Durante a guerra, o Ten. Gen. William S. Wallace, comandante do V Corpo de Exército, já havia falado ao New York Times e ao Washington Post acerca da dificuldade em proteger as linhas de suprimentos superestendidas contra os guerrilheiros fedayeens⁸² (DWYER, 2003, online). Mais tarde, em entrevista à PBS em 2004, o mesmo Ten. Gen. Wallace disse que, à época, “não estava completamente confortável com o número de homens” (WALLACE, 2004, online, tradução nossa). Sua posição foi, em parte, corroborada pelo Ten. Gen. McKiernan⁸³, em entrevista a mesma rede de televisão:

Eram um tamanho de contingente e capacidades de combate que estavam dentro de uma margem de risco aceitável... Você conseguia tudo que queria? A resposta é não, porque havia uma priorização na logística, no transporte estratégico em navios, que influenciava as condições. Mas direi a você sem enganos que a Força que eu tinha como comandante do componente terrestre no dia G era a força pela qual eu havia pedido, e era suficiente para executar a missão que me foi designada (MCKIERNAN, 2004, online, tradução nossa)⁸⁴.

aérea iniciaria cerca de 25 dias antes do começo da investida terrestre. Contar-se-ia com cerca de 18 mil homens no início da investida terrestre, mas com mais tropas chegando ao teatro durante a operação em um fluxo contínuo (DALE, 2008, p.12).

⁸⁰ O Plano “5-11-16-125” consistia em uma versão híbrida entre o Generated Start e o Running Start. As operações começariam com uma campanha aérea, e a ofensiva terrestre também iniciaria mesmo antes de todas as forças haverem chegado ao teatro de operações, contando-se com um fluxo contínuo de tropas. O nome do plano deriva de seu cronograma: Notificação Presidencial com 5 dias de antecedência, 11 dias para o fluxo de tropas para o teatro de operações, 16 dias de campanha aérea e um cronograma total de 125 dias. O nome do plano foi mantido, mesmo depois de alterações neste cronograma (DALE, 2008, p. 12-13).

⁸¹ Na hierarquia militar brasileira, não existem as patentes de “Brigadeiro General” (Brigadier General), Major General, Tenente General (Lieutenant General), General (sem adjetivação) e General do Exército (General of the Army), como existem nos EUA. Lá, tais patentes correspondem a Generais de uma, duas, três, quatro e cinco estrelas, respectivamente. Na hierarquia brasileira, não existe patente correspondente a General de Uma Estrela. Os Generais de duas, três, quatro e cinco estrelas correspondem, respectivamente, às patentes de General de Brigada, General de Divisão, General de Exército e Marechal no Exército Brasileiro.

⁸² Os guerrilheiros **fedayeens** constituíam-se como a principal força irregular pró-Saddam no Iraque. Otterman (2005, online) estima que essa milícia chegou a ter entre 30 a 40 mil membros, e que era diretamente subordinada a família de Saddam através de seu filho mais velho, Uday. Além do uso de técnicas de guerrilha para o combate contra as forças estadunidenses, os fedayeens seriam responsáveis pelo contrabando de artigos ilegais nas fronteiras e pela realização dos atos brutais contra população civil, a mando de Saddam.

⁸³ O TenGenMcKiernan era comandante do Comando das Forças Combinadas de Componente Terrestre (Combined Forces Land Component Command ou CFLCC), o componente terrestre do CENTCOM.

⁸⁴ Do original em inglês: “It was a size of the force and the right combat capabilities within acceptable risk. Did you get everything that you want? The answer is no, because there is a prioritization on

As divergências de planejamento na questão do tamanho do contingente a ser enviado ao Iraque derivavam de uma discussão fundamental entre as Forças Armadas e o pessoal civil do Pentágono, que refletia as prioridades do governo estadunidense na época: a grande parte do pessoal militar que insistia que a tarefa mais difícil seria a de ocupar o Iraque após derrotá-lo foi ignorada (e em alguns casos, ridicularizada) pelo pessoal civil⁸⁵. Tanto Wolfowitz (à época, vice-Secretário de Defesa) quanto Rumsfeld pensavam que era impossível que ocupar e estabilizar o Iraque pudesse ser mais difícil e exigir um contingente maior do que o esforço de ganhar a guerra em si (FALLOWS, 2004, online). A prioridade de Rumsfeld estava na agilidade da vitória a ser obtida, e não na estabilização do Iraque.

A falta de priorização à estabilização da região se refletiu na precariedade do planejamento para o período que sucederia as operações militares. A princípio, as tarefas de reconstrução política e institucional deveriam ser lideradas por agências civis, enquanto o Departamento de Defesa teria um papel coadjuvante, somente fornecendo apoio. Até o início das operações de combate, muitos dos comandantes de grandes unidades não estavam cientes de quais seriam suas tarefas ao longo do processo de estabilização do país. Além disso, haviam divergências e falta de comunicação a respeito dos planos para os momentos que sucederia as operações militares entre os próprios departamentos do governo. Enquanto o Departamento de Estado favorecia um processo político mais cauteloso, com a construção lenta de novas instituições políticas e iraquianos com capacidades meramente consultivas, o Departamento de Defesa (e principalmente Rumsfeld) preferia colocar os próprios iraquianos no comando, o mais cedo possível, como forma de angariar apoio da população iraquiana (DALE, 2008, p 13-15) e, claro, de desengajar as forças estadunidenses o quanto antes.

Em janeiro de 2003, um plano foi formulado, o “MegaBrief”, que se aproximava da abordagem do Departamento de Estado – um processo de construção lenta das novas

movement, on strategic lift on ships, on what the conditions will bear. But I will tell you unequivocally that the force I had as the ground component commander of G-day were the forces that I asked for and were sufficient to do the mission that I was given”. Não é absurdo assumir, entretanto, que McKiernan esteja falando uma verdade estrita. A missão inicial de McKiernan não envolvia o planejamento para a estabilização de um Iraque convulsionado pela insurgência.

⁸⁵ **Disputa entre Shinseki e Wolfowitz** – Foi notória a disputa entre o vice Secretário de Defesa, Paul Wolfowitz, e o Chefe de Estado Maior do Exército, Gen. Eric Shinseki. Em 25 de fevereiro de 2003, Shinseki testemunhou perante Comissão do Senado, afirmando que para a ocupação e estabilização do Iraque após as operações militares, seria necessário um contingente de várias centenas de milhares de homens. Após este testemunho, Wolfowitz declarou, diversas vezes, que tais números seriam loucura e exagero (RICKS, 2004, online). Ao fim e ao cabo, Shinseki foi gradualmente afastado, com uma aposentadoria forçada do posto que ocupava.

instituições políticas do país. O plano incluía manter grande parte do baixo escalão da burocracia, ao mesmo tempo em que se criariam novas instituições políticas e se tomariam providências para uma maior consciência acerca do tamanho e das necessidades específicas da população iraquiana. Depois disso, seriam realizadas eleições municipais e para uma assembleia constituinte. A constituição resultante seria submetida a referendo e, apenas após disso o país teria eleições nacionais. Previa-se que o processo levaria anos para se completar. Ao fim e ao cabo, muitas dessas tarefas deveriam ser lideradas e conduzidas por equipes da coalizão por um tempo considerável (DALE, 2008, p. 15-16) – ao menos até que se estabelecessem novas lideranças. Por óbvio, a maior parte do pessoal da coalizão a estar presente no local após a operação seria composta por militares das Forças Armadas dos EUA. Mesmo assim, durante todo seu processo de planejamento, as Forças Armadas ficaram inseguras acerca de seu papel no período de estabilização.

Além de não ter um direcionamento sério acerca de quais seriam suas tarefas por parte dos setores civis do governo americano, o planejamento militar para o pós-guerra no Iraque também se encontrava dividido: pelo menos dois grupos diferentes trabalhavam em planos e estratégias para a estabilização do território, um sob o comando do General Steve Hawkins, americano, e outro sob o comando do General Albert Whitley, britânico. Além disso, nenhum dos planejamentos, civis ou militares, levou em conta fatores importantes na organização: assumiram que a burocracia do estado iraquiano (principalmente aquela parte ligada às funções de policiamento e manutenção da ordem) permaneceria disponível e disposta a retomar seu trabalho no período pós-guerra; também não levaram em conta a degradação da infraestrutura iraquiana, que deveria ser recuperada antes que se pudesse restabelecer alguma forma mais consistente de governo (DALE, 2008, p. 16-17).

Em 20 de janeiro de 2003, também foi criada o Escritório para Reconstrução e Assistência Humanitária (ORHA, sigla em inglês para Office for Reconstruction and Humanitarian Assistance), que seria responsável pela reconstrução, assuntos civis e assuntos humanitários no Iraque Pós-Guerra (enquanto isso, a segurança continuaria a cargo dos militares). Por óbvio, a agência, criada às vésperas da guerra, ainda não estava organizada, nem possuía fundos suficientes, à época do início dos combates em 20 de março de 2003 (DALE, 2008, p. 17-18). De qualquer forma, é necessário destacar que nenhuma das agências que iniciaram o planejamento para a reconstrução do Estado Iraquiano previa as insurgências que se seguiram à guerra.

Ao fim e ao cabo, a priorização pela velocidade de desdobramento das Forças e por um fim rápido (com uso mínimo de recursos humanos e uma tendência a priorização da tecnologia) para a guerra acabou por prejudicar os resultados finais. O contingente que foi enviado para o teatro de operações era pequeno demais para exercer as tarefas de estabilização que foram exigidas, conforme alertado por pelo Gen. Shinseki e outros tantos militares da ativa e da reserva nos EUA. A visão “transformacional” de Rumsfeld acabou por se mostrar falha, ao não prever a importância da presença do Exército em massa na estabilização do território.

3.1.1 O Plano Final da Invasão

O plano final da OIF contava com duas divisões do V Corpo de Exército Americano (3ª Divisão de Infantaria, elementos da 101ª e 82ª Divisões Aerotransportadas e da 4ª Divisão de Infantaria) e com a Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais (1ª Divisão de Fuzileiros e 2ª Brigada Expedicionária dos Fuzileiros) acrescida da 1ª Divisão Blindada Britânica (KEEGAN, 2005, p. 167). A 101ª e a 82ª Divisões Aerotransportadas constituiriam a reserva operacional da 3ª Divisão de Infantaria; A 2ª Brigada Expedicionária dos Fuzileiros Navais (que ficou conhecida como Força Tarefa Tarawa) constituiria a reserva operacional da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais. Seria realizada uma breve campanha aérea, que precederia o avanço terrestre. As primeiras sortidas da campanha iniciariam em 21 de março, com ataques decapitantes contra as principais lideranças do regime iraquiano, a chamada Lista Negra. Para isso, havia sido planejada uma lista com os principais alvos de bombardeio, os principais locais onde as lideranças iraquianas se encontrariam.

Além disso, o planejamento final para as operações militares previa a abertura de duas frentes para a invasão: A maior parte do V Corpo de Exército, junto a 1ª Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais (1ª MEF, na sigla em inglês) e a 1ª Divisão Blindada Britânica iniciariam o avanço a partir da fronteira do Kuwait, enquanto a 4ª Divisão de Infantaria Americana abriria uma segunda frente pelo norte, através da Turquia (DALE, 2008, p. 13). O Kuwait era uma opção óbvia dentre os países da região – já havia sofrido uma invasão anterior e continuava não sendo reconhecido pelo Iraque como nação independente – e, de fato, se alinhou às forças da coalizão desde o início. A

Turquia apresentaria um desafio mais contundente⁸⁶ e, ao fim e ao cabo, acabou impedindo a formação da frente Norte, ao negar passagem da 4ª Divisão de Infantaria por seu território. Por fim, a frente norte ficou ao cargo de forças curdas (peshmerga⁸⁷), auxiliadas por forças especiais e forças aerotransportadas norte-americanas, como a 173ª Brigada Aerotransportada, deslocada em 26 de março de 2003 no norte do Iraque. (KEEGAN, 2005, p. 170-176).

Portanto, o CENTCOM ficou com a tarefa de planejar a invasão partindo apenas de uma frente formal, utilizando como cabeça de praia o litoral do Kuwait, por onde progrediriam a 3ª Divisão de Infantaria (3ª DI) e a 1ª MEF americanas e a 1ª Divisão Blindada Britânica. A 3ª Divisão de Infantaria subiria o Vale do Eufrates (contornando Nasiriyah) e rumaria pelo oeste antes de avançar, passando por Karbala, até Bagdá. A 1ª MEF, por sua vez, avançaria para o norte, onde tomaria a cidade de Nasiriyah, depois alcançando o Rio Tigre em Kut e seguindo a partir daí para Bagdá pela Rodovia 6. A 3ª Divisão de Infantaria e a 1ª MEF fariam uma manobra de envolvimento⁸⁸ sobre a cidade, atacando-a pelos dois lados. Enquanto isso, a 1ª Divisão Blindada Britânica ficou com a tarefa de tomar os territórios ao Sul, principalmente a cidade de Basra. Por fim, a 101ª e a 82ª Divisões Aerotransportadas tomariam posições nos arredores de Bagdá (KEEGAN, 2005, p. 182). A 4ª Divisão de Infantaria Americana só chegaria ao combate em 12 de abril, uma vez que teve de deslocar todo seu equipamento dos portos no mediterrâneo turco através do Canal de Suez para chegar ao Kuwait (FONTENOT, 2005, p. 78).

⁸⁶ A eleição recente de Erdogan, de orientação islâmica, como Primeiro Ministro Turco trouxe um giro na política externa do país, afastando-o da influência de Washington. Além disso, outro fator determinante foi a política divergente de EUA e Turquia em relação aos curdos no norte do Iraque: a cooperação entre as Forças Armadas Iraquianas e a guerrilha curda poderia incentivar ideais separatistas que afetariam partes do território turco (KEEGAN, 2005, p. 172-174)

⁸⁷ **Peshmerga** – Os dois principais partidos curdos (Partido Democrático do Curdistão – KDP – e a União Patriótica do Curdistão – PUK) tinham milícias teoricamente separadas, mas que lutaram juntas pela derrubada do regime de Saddam Hussein. As milícias combinadas eram chamadas de Peshmerga.

⁸⁸ **Manobra de Envolvimento** – A manobra de envolvimento consiste em travar uma batalha seguida do cerco e do aniquilamento, na medida em que envolve as forças adversárias em um bolsão e busca desestruturar a atuação das mesmas, diminuindo sua capacidade de combate. De maneira prática, as unidades blindadas e mecanizadas tomariam a iniciativa na tentativa de obter condições para a ruptura das linhas de suprimentos inimigas e para a realização de uma manobra de envolvimento que confinasse as tropas e impedisse a retirada das mesmas (MARTINS, 2008, p. 122).

3.2 A OPERAÇÃO IRAQI FREEDOM

Em 17 de março de 2003, o presidente George Bush emitiu um ultimato a Saddam Hussein, exigindo que ele e os filhos abandonassem o Iraque nas próximas 48 horas, ou seria dado início às operações militares na região:

Saddam Hussein e seus filhos devem abandonar o Iraque dentro de 48 horas. Sua recusa em fazê-lo resultará em conflito militar, que terá início em um momento à nossa escolha. Para sua própria segurança todos os nacionais estrangeiros – incluindo jornalistas e inspetores – devem deixar o Iraque imediatamente (USA, 2003, n. p., tradução nossa)⁸⁹.

O planejamento imediato da OIF sofreu uma mudança repentina na madrugada de 19 de março de 2003: A CIA teria recebido informações de fontes confiáveis, informando a localização exata de Saddam Hussein naquela noite. Foi lançado um ataque conduzido por dois F-117 Nighthawk, que bombardearam o lugar suspeito (Complexo de Dora Farms) às 5h30min do horário local. Pouco mais tarde, mísseis cruzadores Tomahawk baseados em navios também atingiram alvos em Bagdá (DALE, 2008, p. 20). Os EUA estavam apostando em acabar a guerra com apenas um ataque aéreo, atingindo Hussein. Entretanto, Saddam não estava no Complexo de Dora Farms e, pouco tempo depois do ataque, se pronunciou em rede de televisão aberta. Com o ataque, os generais e a cúpula do regime iraquiano abandonou suas principais instalações, escondendo-se entre a população civil. No dia 21 de março, começaram os ataques de “choque e pavor”, lançados contrapostos de comando e controle iraquianos, e outros alvos minoritários. Os iraquianos, à guisa de retaliação, começaram a queimar os campos de petróleo em Rumaila, e foi dada a ordem para o início da progressão terrestre da Coalizão, iniciando-se a Invasão ao Iraque um dia antes do previsto (KEEGAN, 2005, p.184).

As primeiras tropas de fuzileiros navais conseguiram conquistar os campos de petróleo em Rumaila ainda no dia 21 de março, com pouca resistência iraquiana. Mesmo o que se assumiria que fossem carros de combate (T-54) destacados para a proteção e disputa dos campos encontravam-se abandonados a pouca distância dali. Este seria o padrão na maior parte do avanço estadunidense pelo território iraquiano: alto

⁸⁹ Do original em inglês: “Saddam Hussein and his sons must leave Iraq within 48 hours. Their refusal to do so will result in military conflict, commenced at a time of our choosing. For their own safety, all foreign nationals—including journalists and inspectors—should leave Iraq immediately”.

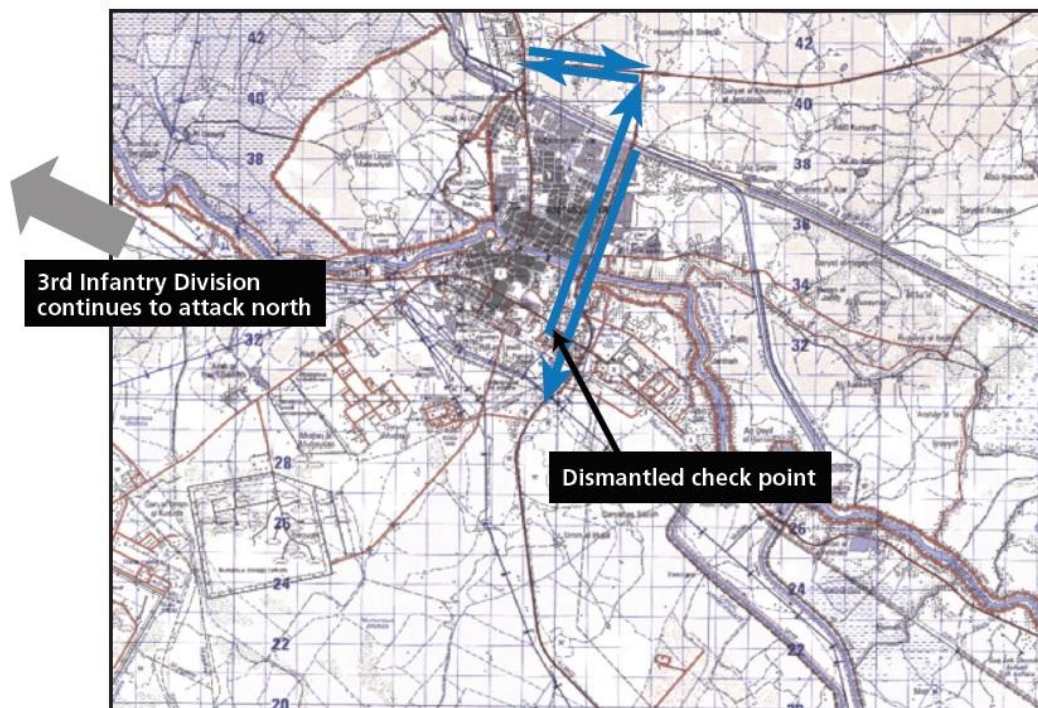
índice de deserções por parte das forças regulares iraquianas. A maior resistência viria das tropas da Guarda Republicana e das tropas irregulares, os fedayeens.

Depois de assegurada a posição nos campos de petróleo e de tomadas providências para o restabelecimento de seu funcionamento, os fuzileiros puderam seguir o caminho previsto. Uma das primeiras tarefas previstas para os fuzileiros era a conquista da cidade de Nasiriyah.

3.2.1 A Batalha por Nasiriyah

A cidade de Nasiriyah tinha uma grande importância operacional para a OIF: por ser um importante ponto de passagem sobre o Eufrates, ela constituía o entroncamento onde se separavam os caminhos da 3ª Divisão de Infantaria e da 1ª MEF (que só se reencontrariam em Bagdá) e, portanto, por onde necessariamente passariam as linhas de suprimentos de ambas.

Mapa 1 - Trajeto da 507ª Companhia de Manutenção



Fonte: Pirnie et al. (2015, p. 70).

Os fuzileiros sabiam que a vitória na cidade não seria tarefa fácil; um dos trechos a serem controlados pelos fuzileiros para a passagem havia sido apelidado de Alameda das Emboscadas, referindo-se à facilidade com que forças iraquianas

(regulares ou fedayeens) poderiam se atocaiar nos arredores, aguardando posição favorável para um ataque aos americanos. Os fuzileiros possuíam um plano bem definido para a conquista da cidade: dois batalhões da Força Tarefa Tarawa serviriam como ponta de lança do ataque, tomando as pontes ao leste da cidade e mantendo a cidade sob controle, enquanto o restante da 1ª MEF ficaria livre para continuar o caminho para o norte pela Rodovia 7. A tomada da cidade contaria com apoio aéreo e da artilharia (KEEGAN, 2005, p. 186; PIRNIE et al., 2015, p. 67).

Entretanto, com a grande quantidade de unidades que passavam pelas rodovias que circundavam a cidade, e em meio aos redemoinhos de areia, na madrugada de 23 de março de 2003, a 507ª Companhia de Manutenção⁹⁰ da 3ª Divisão de Infantaria se perdeu e acabou entrando em Nasiriyah (PIRNIE et al., 2015, p. 68).

A companhia teve problemas com alguns veículos e o comandante da companhia, Capitão King, decidiu dividi-la em dois grupos, um que seguiria no ritmo normal e outro ficaria para trás com os veículos avariados. A 507ª Companhia deveria seguir pela Rodovia 8 até o cruzamento com a Rodovia 1, ao norte de Nasiriyah. Em teoria, haveria um ponto de verificação na Rodovia 8, onde esta dobra em frente a Nasiriyah (ver Mapa 01) e onde se sinalizaria a mudança de direção. Entretanto, quando o grupo do Cap. King chegou ao local, o ponto de verificação já havia sido desmontado. A Companhia seguiu no que parecia ser a continuação da Rodovia 8 que, entretanto, levou os carros ao centro de Nasiriyah, passando pela Alameda das Emboscadas. A 507ª atravessou a ponte sobre o Canal Saddam ao norte da cidade, chegando ao fim da estrada onde estavam, dobrando à esquerda na Rodovia 16 e chegando à Rodovia 7. Percebendo o erro, retornaram pela Rodovia 16 e pela Alameda das Emboscadas. Quando atravessou novamente a ponte sobre Canal Saddam, entrando na cidade, foi recebida por tiros e colocando-se em uma emboscada (PIRNIE et al., 2015, p. 68-70).

Alguns dos carros da Companhia conseguiram escapar da emboscada iraquiana. Entretanto, muitos outros não conseguiram escapar; onze soldados foram mortos e sete capturados. O Cap. King, que havia conseguido evadir a emboscada, encontrou elementos da Força Tarefa Tarawa em preparação para a entrada na cidade, onde deveriam tomar as pontes (PIRNIE et al., 2015, p. 70-71).

Ciente da situação, o comandante da Força Tarefa Tarawa, o Brigadeiro General Nantonski, determinou que fosse acelerado o ataque contra a cidade, buscando auxiliar

⁹⁰ A 507ª Companhia de Manutenção era uma unidade de Serviço que provinha sustento a Força de Combate e, embora possuísse armamento leve para autodefesa, não era equipada para combate direto.

os soldados emboscados e, ainda, tomar as pontes intactas. Infelizmente a soldado Jessica Lynch só seria resgatada em 2 de abril. Outros cinco soldados seriam recuperados apenas em 13 de abril, em Samarra, ao norte de Bagdá (KAMPFNER, 2003, online; PIRNIE et al., 2015, p. 71, 84, 125). O ataque à cidade foi liderado pelo 1º Batalhão da 2ª Regimento dos Fuzileiros navais (1º/2º), e, dentro deste, pela Companhia B. A Companhia B atravessou a primeira ponte ao Sul e dois cruzamentos após o Eufrates, seguiu na direção leste, com a intenção de chegar à ponte sobre o Canal Saddam pelo leste. Entretanto, o que parecia ser terreno sólido acabou por ser um atoleiro: quatro tanques, dois veículos anfíbios de assalto e diversos HMMWVs⁹¹ atolaram no lamaçal. A Companhia B continuou nessa situação até o anoitecer (PIRNIE et al., 2015, p. 71-73). A Companhia A, por sua vez, tinha a tarefa de tomar a ponte sobre o Eufrates, consolidando sua posição em uma praça 100 metros ao norte, objetivo que foi consolidado próximo ao meio dia. Pouco depois, a Companhia C passou pela posição da Companhia A, dirigindo-se para a Alameda das Emboscadas para tomar a ponte sobre o Canal (PIRNIE et al., 2015, p. 73).

Originalmente, a Companhia C deveria seguir atrás da Companhia B até o objetivo (a ponte sobre o Canal). Entretanto, quando a Companhia B virou a leste, a Companhia C assumiu que a B continuava no mesmo sentido e continuou em frente, assumindo, desavisada, a liderança do batalhão. A Companhia C continuou pela Alameda das Emboscadas, sob constante fogo inimigo, cruzando a ponte sobre o Canal Saddam, depois do que tornou-se alvo de fogo de morteiros inimigos (PIRNIE et al., 2015, p. 74).

Nesse momento, também tornou-se alvo de “fogo amigo” de aeronaves A-10 Warthog estadunidenses. As aeronaves estavam sendo direcionadas pelo Controlador Avançado de Vôo (Forward Air Controller) da Companhia B, que não sabia que as tropas da Companhia C estavam ao norte do Canal e assegurou os pilotos de que não eram forças amigas que estavam ali. A Companhia C não tinha um Controlador Avançado de Vôo e, tendo perdido comunicação de rádio com o restante do batalhão, tentou voltar para a cidade pela Alameda das Emboscadas, transportando seus feridos. Os pilotos das aeronaves A-10, que ainda não haviam reconhecido os veículos estadunidenses (mesmo com repetidos sinais dos soldados), interpretaram a manobra como uma tentativa de atacar as forças estadunidenses e dispararam um míssil AGM-65

⁹¹ **HMMWV** – High Mobility, Multipurposed Wheeled Vehicle (Veículo Automóvel Multifunção de Alta Mobilidade), também conhecido como “Humvee”.

Maverick contra o comboio de AAVs. Pouco depois disso, a Companhia C conseguiu retomar contato com o restante do batalhão. A escaramuça na Alameda das Emboscadas durou até o fim daquela tarde, quando chegaram reforços na forma do 8º Batalhão de Tanques dos Fuzileiros Navais⁹², dotado de taques M1 Abrams, que prontamente destruíram os edifícios de onde as forças iraquianas vinham alvejando as forças estadunidenses. Ao fim do dia, estavam asseguradas as duas pontes necessárias em Nasiriyah (KEEGAN, 2005, p. 186-190; PIRNIE et al., 2015, p. 74-78).

A batalha pelo controle da cidade, entretanto, ainda não estava garantida. Em 27 de março, o Ten. Gen. Conway determinou que a principal tarefa da Força Tarefa Tarawa seria estabilizar a cidade, privando a 1ª MEF de sua principal reserva operacional⁹³. Enquanto isso, a 1ª MEF continuaria a incursão ao norte, pela Rodovia 7 até chegar à Kut, onde deveria enfrentar a Divisão Bagdá da Guarda Republicana.

A Força Tarefa Tarawa continuou na cidade até dia 02 de abril, visto que ainda era necessário assegurar passagem segura pela cidade para a manutenção da linha de suprimentos do avanço para o norte. Assim, os fuzileiros continuaram buscando e eliminando fedayeens, em alguns casos com a colaboração de residentes da cidade, que forneciam informações acerca da localização de tropas irregulares e de seus depósitos de suprimentos. As tropas em terra, contavam com o apoio de aviões e helicópteros, além da inteligência e de forças especiais (KEEGAN, 2005, p. 190-191; PIRNIE et al., 2015, p. 78-80). Depois disso, a Força Tarefa Tarawa seguiu para o norte, buscando assegurar-se que as forças iraquianas na região haviam sido realmente derrotadas. A Força Tarefa Tarawa ainda seria responsável pelo controle sobre a cidade de Al Amarah, no sudoeste do país, onde se localizava o quartel-general da 10ª Divisão de Blindados do Exército Iraquiano (CORDESMAN, 2003, p. 94-96; PIRNIE et al., 2015, p. 80-81).

3.2.2 Pausa Operacional

Segundo o planejamento original, enquanto a 3ª Divisão de Infantaria faria sua investida ao norte pelo deserto, a oeste do Eufrates, desbordando as principais cidades fortificadas. Enquanto isso, o 1º Regimento da 1ª Divisão dos Fuzileiros seguiria pela

⁹² O 8º Batalhão de Tanques dos Fuzileiros Navais é um batalhão de reserva dos Fuzileiros Navais. Trata-se de um batalhão “separado” dentro da 4ª Divisão dos Fuzileiros Navais e pode ser atribuído a diferentes regimentos, a depender dos requerimentos da missão a ser cumprida (PIKE, 2011, online).

⁹³ A função inicial da FT Tarawa era a de se constituir como principal reserva operacional da 1ª MEF.

A opção geral do planejamento era por um deslocamento rápido, evitando o combate urbano e desbordando as cidades mais bem protegidas. Estavam estabelecidos objetivos específicos nas periferias das cidades (como Samawah e Najaf) que deveriam ser tomados para o estabelecimento de FARPs (Forward Arming and Refueling Points ou Pontos Avançados para Reabastecimento de Combustíveis e Munições), para a tomada de aeródromos, ou para o isolamento das cidades (como medida preventiva contra ataques às linhas de suprimentos). Entretanto, em geral, as cidades não seriam controladas pela força principal. Se fossem deixadas unidades para trás para controlar as cidades, ao fim da marcha para Bagdá, temia-se que a quantidade de tropas restante não seria suficiente para o ataque à cidade. E a opção pelo deslocamento rápido não permitia que a 3ª Divisão como um todo parasse a progressão para lidar com cidades isoladas.

Entretanto, ela opção geral do planejamento por um deslocamento rápido, a linha de suprimentos americana ficava muito vulnerável a ataques de unidades iraquianas estacionadas em cidades contornadas, como Samawah (cerca de 100 km ao norte de Nasiriyah) e Najaf (cerca de 80 km ao sul de Karbala). Esses focos de resistência ao longo do percurso da 3ª DI começaram a se transformar em dificuldades, prejudicando a progressão: em 29 de março, cerca de dois terços da 3ª Divisão de Infantaria estava presa com a contenção das ameaças representadas por essas cidades (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 209).

Nesse sentido, o próprio comandante do V Corpo do Exército dos EUA, o Ten. Gen. William Scott Wallace, revelou, em entrevista ao New York Times e ao Washington Post, que a OIF poderia ter uma duração mais longa que a prevista, dada a necessidade de proteger a linha de suprimentos superestendida: “A segurança dos comboios de suprimentos não é mais garantida: a luta constante no sul do Iraque tornou as viagens [dos comboios] mais arriscadas”⁹⁵ (DWYER, 2003, online, tradução nossa). Além da segurança dos comboios e das condições climáticas adversas⁹⁶, os suprimentos das tropas da 3ª DI também pareciam estar em baixa:

O suprimento de refeições prontas para o consumo, a dieta básica dos soldados em campo, tem sido motivo de preocupação por, pelo menos, uma semana. O combustível está escasso. A 3ª Divisão de Infantaria, que tem liderado a progressão até Bagdá, está com pouco suprimento de água – um

⁹⁵ Do original em inglês: “The security of supply convoys is no longer taken for granted: the persistence of fighting in southern Iraq has made travel riskier”.

⁹⁶ As **shamal**, tempestades de pó que ocorrem principalmente nas planícies centrais do Iraque, prejudicavam o equipamento, aumentando as necessidades de manutenção, além de prejudicar a saúde dos soldados, que sofriam de epidemias de tosse e expectoração, além de febres (KEEGAN, 2005, p. 192-193)

recurso vital em qualquer ambiente, e mais ainda no deserto (DWYER, 2003, online, tradução nossa)⁹⁷.

A questão da pausa operacional causou discórdia entre o Exército e os Fuzileiros. A 1ª MEF não precisava da pausa, uma vez que vinha conseguindo reabastecer seus suprimentos através do uso de rodovias pavimentadas como cabeças de ponte aérea⁹⁸ improvisadas. O Maj. Gen. James Mattis (atual Secretário de Defesa do Governo de Donald Trump) engenhosamente providenciou para que aeronaves de transporte tático C-130 Hércules pousassem na Rodovia 1, permitindo que os veículos da 1ª MEF reabastecessem. Enquanto isso, a 3ª DI, limitada pelo terreno em que trafegava, ficara dependente do estabelecimento de depósitos e da utilização de caminhões-tanque (KEEGAN, 2005, p. 193-194).

Ainda assim, o plano original da OIF determinava que a 3ª Divisão de Infantaria e a 1ª MEF deveriam chegar simultaneamente a Bagdá, em coordenação com ataques aéreos à cidade, de forma a exercer a maior pressão possível sobre as divisões da Guarda Republicana ali alocadas. Portanto, por mais adiantadas que estivessem as tropas da 1ª MEF, estas deveriam aguardar para que a 3ª DI reabastecesse e recuperasse o ritmo da progressão. Assim, em reunião entre os Generais Conway (1ª MEF), Wallace (V Corpo) e McKiernan (CFLCC), foi definido que se realizaria a pausa operacional: a 3ª DI aguardaria a estabilização de sua linha de suprimentos e reagruparia suas forças, enquanto elementos da 101ª e da 82ª Divisões Aerotransportadas se substituiriam as tropas da 3ª DI nas cidades ao longo da linha de progressão, como Samawah (82ª) e Najaf (101ª) (KEEGAN, 2005, p. 191-195). A ideia era de que a pausa operacional daria tempo aos EUA para reabastecerem e reagruparem suas forças, enquanto as reservas divisionais (101ª e 82ª divisões) tomariam as cidades ao longo das linhas de suprimento. A pausa operacional teria início no dia 26 de março, com previsão de duração entre 72 e 96 horas.

Assim, em Samawah, as operações ficaram a cargo da 2ª Brigada da 82ª Divisão Aerotransportada. As operações na cidade iniciaram no dia 29 de março de 2003, quando a 82ª liberou o BCT-3 (Brigade Combat Team 3 – Time de Combate de Brigada

⁹⁷ Do original em inglês: “The supply of meals ready to eat, the staple diet for troops in the Field, has been a concern for at least a week. Fuel has been in short supply. The Third Infantry Division, which has led the drive towards Baghdad, had been running low on water – a vital resource in any environment, most of all in the desert” (DWYER, 2003, online).

⁹⁸ **Cabeça de Ponte Aérea** – tradução do termo “Airhead”, com base nos termos “Bridgehead” (Cabeça de Ponte) e “Beachhead” (Cabeça de Praia), refere-se a uma base segura em território inimigo onde tropas e suprimentos podem ser entregues ou evacuados pelo ar (CIRAFICI, 1994, p. xv)

3) da 3ª Divisão de Infantaria, que ainda estava nos arredores (Objetivo Chatam⁹⁹). Em 31 de março, a 2ª Brigada da 82ª atacou a cidade, que foi considerada sob controle já no dia 6 de abril do mesmo ano (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 48; PIKE, 2011, online; PIRNIE et al., 2015, p. 85-86).

Já em Najaf, a 3ª Divisão de Infantaria iniciou os combates ainda em 23 de março, com a conquista do Objetivo Rams, uma localidade próxima à cidade onde seria estabelecido um FARP. Além disso, a 3ª DI buscou tomar as pontes ao norte, em Al Kifl (objetivo Jenkins) e ao sul, em Abu Sakhir (objetivo Floyd), na tentativa de isolar as forças iraquianas e de guerrilheiros fedayeen na cidade. O objetivo Jenkins foi conquistado em 26 de março. Entretanto, o restante da cidade e o objetivo Floyd mostraram-se desafios maiores. Por isso, o Ten. Gen. Wallace decidiu, no dia 29 de março, que a cidade deveria ser ocupada e passou esta tarefa para a 101ª Divisão Aerotransportada, que, já em 02 de abril, teria o controle sobre a cidade (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 196-202; PIRNIE et al., 2015, p. 85-86).

3.2.3 Retomada das Operações: a Passagem de Karbala e o Objetivo Peach

Em 30 de março, conforme o previsto, a 3ª Divisão de Infantaria já estava pronta para seguir caminho: a situação logística havia sido restabelecida, Samawah e Najaf haviam passado para a responsabilidade da 82ª e da 101ª Divisão Aerotransportada, respectivamente, permitindo a concentração das forças da 3ª DI. A 3ª DI deveria, então, prosseguir para a Passagem de Karbala, cruzando o Eufrates no Objetivo Peach (ponte de Al-Kaed), tomando a encruzilhada entre as rodovias 1 e 8 (Objetivo Saints) e rumando para o Aeroporto Internacional Saddam Hussein (Objetivo Lions). Ao mesmo tempo, a 1ª MEF deveria chegar a Bagdá simultaneamente pelo leste, pela Rodovia 6, completando o movimento de pinça sobre a capital iraquiana.

Antes disso, entretanto, o Ten. Gen. Wallace decidiu por executar uma série de ataques de objetivos limitados, buscando confundir os tomadores de decisão iraquianos acerca do local onde as tropas estadunidenses atravessariam o Eufrates para chegar a Bagdá. Nesse sentido, no dia 31 de março de 2003, foram efetuados ataques da 101ª Divisão Aerotransportada em Hillah (uma finta) e a oeste de Karbala, além de uma

⁹⁹ O **Objetivo Chatam** consistia em duas pontes e um viaduto que, se tomados, insulariam a cidade, e isolando nela as forças iraquianas, o que garantiria a segurança das linhas de comunicação na região (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 126).

missão de reconhecimento e ataque do BCT-2 em Hindiyah (Objetivo Murray¹⁰⁰), além da continuidade da contenção das forças em Samawah e Najaf. O posicionamento final das tropas favoreceria a manobra da 3ª DI para o ataque na Passagem de Karbala e para a progressão até os objetivos Peach, Saints e Lions (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 258-260). Por sua importância operacional (era considerada como o principal corredor de mobilidade que permitiria incursões a Bagdá), a Passagem de Karbala era defendida por duas divisões da Guarda Republicana, a Divisão Medina e por elementos da Divisão Nabucodonosor.

Entretanto, ao que parece, o plano do Ten. Gen. Wallace teve êxito em desorientar a cúpula decisória iraquiana, mas os resultados não foram exatamente os esperados; Saddam Hussein acreditou que esta movimentação fosse uma tentativa de enganar o comando iraquiano, elidindo a abertura de uma segunda frente no norte do país, através da Turquia. Assim, Qusay Hussein (filho de Saddam e supervisor¹⁰¹ da Guarda Republicana) ordenou que o Ten. Gen. Ra'ad al-Hamdani, comandante do II Corpo da Guarda Republicana (que continha as divisões Medina e Nabucodonosor) se deslocasse para o norte do país. O Gen. Hamdani procurou avisar que a realocação das tropas no norte do país colocaria Bagdá em risco, dada a aproximação estadunidense pela Passagem de Karbala, mas não teve sucesso em convencer Qusay Hussein pela manutenção das tropas no local. Quando as tropas da 3ª Divisão de Infantaria tomaram o Objetivo Peach¹⁰² (a ponte sobre o Eufrates na periferia sudoeste de Bagdá), Qusay ordenou um contra-ataque (HAMDANI, 2004, online)¹⁰³.

A 3ª Brigada da 3ª Divisão de Infantaria (BCT-3), que deveria liderar o ataque estadunidense, cruzaria a Passagem de Karbala, cortando o deserto, onde esperava encontrar grande parte da Divisão Medina da Guarda Republicana (Objetivo Chargers) até o Objetivo Peach (ponte Al-Kaed), de onde a 2ª Brigada (BCT-2) progrediria para o

¹⁰⁰ O **Objetivo Murray** consistia em pontes sobre o Eufrates na vizinhança da cidade de Hindiyah, na margem leste do Rio Eufrates.

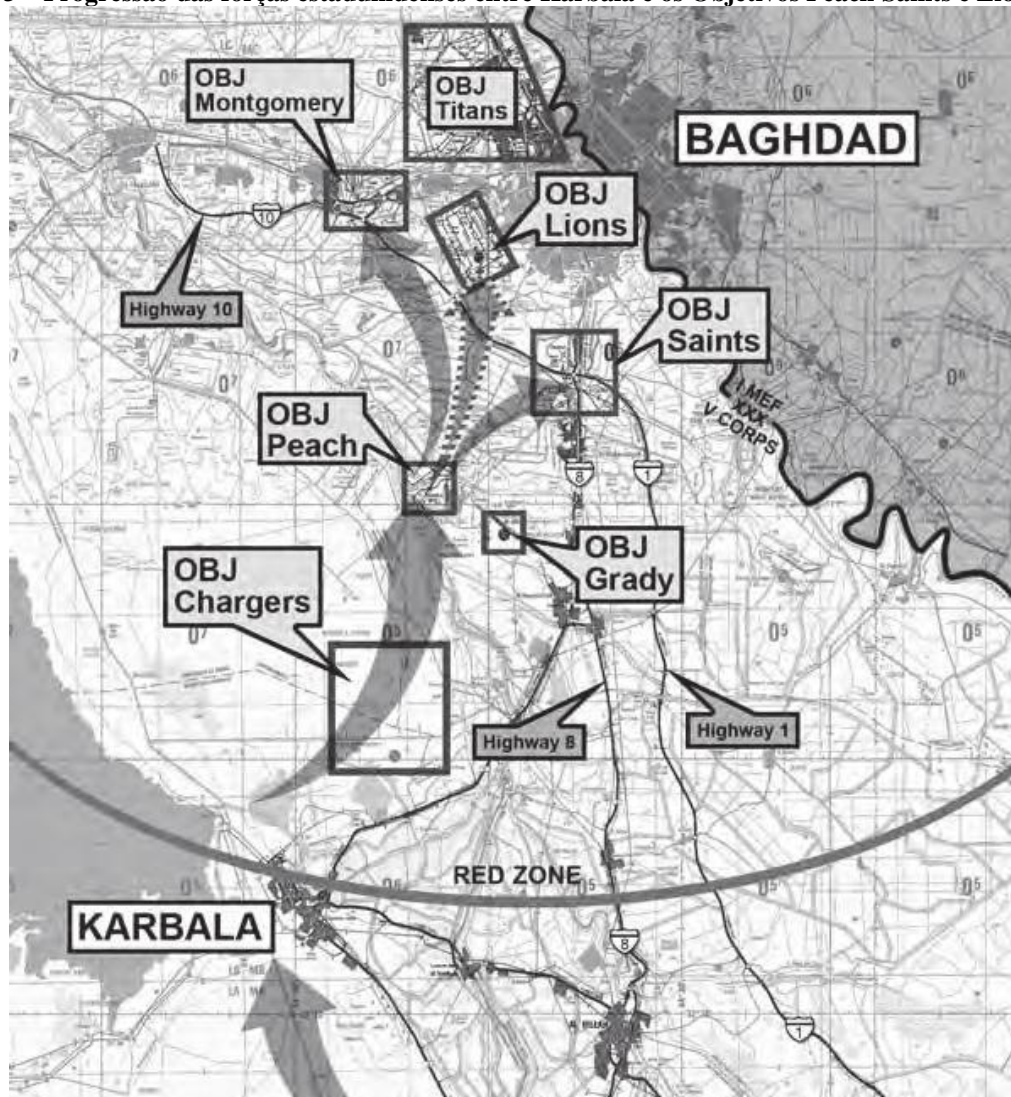
¹⁰¹ Embora, por seu nome, o cargo não aparente importância, entrevê-se, no testemunho do GenHamdani (2004, online), a autoridade conferida a Qusay Hussein.

¹⁰² Existem evidências (HAMDANI, 2004, online; PERRY et al, 2015, p. 86) de que o Objetivo Peach corresponda a uma ponte cujo nome é Al-Kaed. Entretanto, em busca em mapas, não foi possível encontrar esta ponte pelo nome. Confiou-se, portanto, nos relatos oficiais e entrevistas publicadas com oficiais de forças iraquianas e americanas.

¹⁰³ Aqui, optou-se por utilizar o depoimento do Gen Hamdani como referência, mesmo sob o risco de seu depoimento não ser completamente verdadeiro. O Gen Hamdani pode ter mentido sobre as motivações que o levaram a movimentar as tropas em direção ao norte do país antes de executar o contra-ataque contra as forças estadunidenses nos arredores do Objetivo Peach, mas não tem como mentir sobre o fato de que as movimentações de tropas existiram, que é o essencial para explicar o porque da derrota tão espetacular das forças da Guarda Republicana.

Objetivo Saints (cruzamento entre as Rodovias 1 e 8), a 1ª Brigada (BCT-1) progrediria para o Objetivo Lions (Aeroporto Internacional Saddam Hussein), e a própria BCT-3, depois de substituída no Objetivo Peach, seguiria para o Objetivo Titans¹⁰⁴ – conforme o Mapa 03 (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 284).

Mapa 03 – Progressão das forças estadunidenses entre Karbala e os Objetivos Peach Saints e Lions.



Fonte: FONTENOT (2004, p.284)

A 3ª Brigada inicia os combates na região no dia 1º de abril, assumindo controle sobre a periferia leste de Karbala. No dia seguinte, o Gen. Blount (comandante da 3ª DI) inicia as operações de travessia do Eufrates e tomada dos objetivos no entorno de Bagdá. A 1ª Brigada da 3ª Divisão de Infantaria (BCT-1) lançaria uma força tarefa para

¹⁰⁴ O Objetivo Titans consistia em um agrupamento de objetivos menores em uma mesma região. Estes objetivos menores diziam respeito a pontes e viadutos que conectavam Bagdá com as rodovias e cidades a oeste.

tomar e assegurar o Objetivo Peach. Esta força tarefa seria liderada pelo 3º Batalhão do 69º Regimento de Blindados (3-69) comandado pelo Ten. Cel. Marcone. Enquanto isso o 3º Esquadrão do 7º Regimento de Cavalaria (3-7) ficaria com a tarefa de proteger o restante da força; dessa forma, deveria proteger o flanco noroeste da progressão. Por sua vez, a 2ª Brigada da 3ª Divisão de Exército (BCT-2) deveria passar pela posição da BCT-1 (Objetivo Peach) para alcançar o Objetivo Saints e enfrentar o restante da Divisão Medina da Guarda Republicana. A BCT-3 aguardaria que a 101ª Divisão Aerotransportada chegasse em Karbala para desobrigá-la na cidade e também seguiria pela Passagem de Karbala até o Objetivo Peach, e dali para o Objetivo Titans, com o intento de isolar Bagdá a oeste. (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 282; KEEGAN, 2005, p. 234; PIRNIE et al., 2015, p. 86).

Embora a progressão através da Passagem de Karbala não tenha gerado grandes atritos com forças iraquianas, a tomada do Objetivo Peach deu início a um dos maiores combates contra forças regulares de toda a OIF. O ataque ao Objetivo Peach iniciou às 11 horas e 30 minutos do dia 02 de abril de 2003. O primeiro contato entre forças se deu aproximadamente às 13 horas e 15 minutos, quando as sentinelas avançadas chegaram mais próximo à ponte Al-Kaed. Pouco tempo depois (15h) o restante da força de Marcone chegava à ponte e engajava em combate, enquanto engenheiros checavam a borda sul da ponte para verificar a existência de cargas de demolição. Prevendo que a ponte estaria preparada para demolição, o Ten Cel. Marcone enviou engenheiros e elementos de infantaria, que atravessarem o Rio Eufrates em botes de borracha RB-15. Os engenheiros deveriam desarmar os explosivos na ponte para garantir sua integridade. Entretanto, logo após os engenheiros chegarem na margem leste da ponte, as cargas de demolição foram detonadas pelos iraquianos. Afortunadamente uma das pistas da ponte ficou intacta; os engenheiros desarmaram o restante das cargas de demolição, o que permitiria a passagem das tropas sobre o Eufrates (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 288-293; PIRNIE et. al., 2015, p. 86-89).

As tropas estadunidenses iniciaram o assalto ao lado leste da ponte, com elementos do 3-69 e do 3-7, expandindo a cabeça de ponte e iniciando combate contra as forças iraquianas a leste do Eufrates. Além disso, as forças iraquianas também dispararam barragens de artilharia contra as forças estadunidenses, o que continuaria por quase uma hora até que a artilharia estadunidense conseguisse direcionar a artilharia de contra-bateria. Nesse contexto, também foi tomada uma segunda ponte, sobre um canal vizinho que desaguava no Eufrates. As tropas estadunidenses lutaram para expandir a

cabeça de ponte até o início daquela noite. Como ainda era esperado um ataque, o Ten. Cel. Marcone dispôs suas forças em um perímetro semicircular, com o intento de melhor defender os objetivos tomados (PIRNIE et. al., 2015, p. 90-91).

A Guarda Republicana buscou contra-atacar as tropas estadunidenses próximas à cabeça de ponte no Objetivo Peach, utilizando como ponta de lança as brigadas blindadas das divisões Medina e Nabucodonosor com apoio de artilharia. Pouco antes das 21 horas, o Ten. Cel. Marcone recebeu inteligência acerca de uma brigada da Guarda Republicana que se aproximava de suas posições. Pouco depois se iniciou um ataque de infantaria da Guarda Republicana nas posições ao norte. Aproximadamente às 2 horas do dia 3 de abril, novas forças iraquianas apareceram em cena: unidades blindadas da Guarda Republicana iniciaram, também, ataque contra as posições estadunidenses. O contra-ataque iraquiano, entretanto, não teve êxito. Com o apoio da artilharia e de aeronaves de asa fixa e rotativa, os tanques da 3ª DI tiraram de operação todos os tanques iraquianos utilizados no contra-ataque (PIRNIE et al, 2015, 91-93). As formações da Guarda Republicana (principalmente da Divisão Medina), que haviam perdido diversas estruturas com os ataques estadunidenses, se renderam, com a cúpula de oficiais fugindo, inclusive o Gen. Hamdani (HAMDANI, 2004, online). O restante da Divisão Medina, que liderava o contra-ataque, seria destruído entre 3 e 4 de abril, quando o BCT-2, cruzando o Eufrates, se dirigisse ao sul (PERKINS, 2004, online; PIRNIE et al, 2015, 93).

Na manhã de 3 de abril, começaram a chegar no Objetivo Peach as tropas do BCT-2, que atacaria o Objetivo Saints, a intersecção entre as Rodovias 1 e 8. A importância desse território repousava sobre o fato de que, dominando-o, cortavam-se as comunicações entre as forças estacionadas em Bagdá e no sul do país, iniciando o processo de isolamento da cidade. O BCT-2 era liderado pela Força Tarefa do 1º Batalhão do 15º Regimento de Infantaria (1-15), que era seguida por duas Forças Tarefas blindadas (1-64 e 4-64). Além disso, uma quarta Força Tarefa de infantaria (3-15) substituiu o BCT-1 na tarefa de proteção e manutenção do Objetivo Peach, para que o BCT-1 pudesse seguir para a tomada do Objetivo Lions, o Aeroporto de Bagdá (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 293-295).

O BCT-2 foi encontrando resistência crescente ao se aproximar do Objetivo Saints, o qual alcançaram às 13 horas daquele dia. Lá encontraram pesada e determinada oposição, na forma de infantaria, tanques e outros veículos de combate. A Força Tarefa 1-15, que liderava a progressão, estabeleceu posições de bloqueio ao redor

do cruzamento rodoviário e iniciaram os combates, com apoio da artilharia de campo e do apoio aproximado de fogo de aeronaves. À 1 hora e 30 minutos do dia seguinte (4 de abril), o BCT-2 havia tomado o Objetivo Saints. Naquela noite, o Cel. Perkins reportou as perdas iraquianas: destruição de 33 tanques T-72, dois T-62, 19 T-55 entre outros veículos e cerca de 700 soldados inimigos mortos. Com o objetivo Saints assegurado, estava colocado o palco para a tomada do restante da cidade (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 296-299).

Enquanto isso, a 1ª MEF retomava sua progressão no leste. A MEF cruzou o Rio Tigre no dia 02 de abril, nos arredores de Numaniyah, efetivamente isolando a cidade de Kut, onde estava alocada a Divisão Bagdá da Guarda Republicana. Um novo ataque do RCT-1 (Time de Combate Regimental 1) e do RCT-7 (Time de Combate Regimental 7) sobre a cidade eliminou grande parte da Divisão Bagdá, além permitir a tomada de uma instalação da Comissão Iraquiana de Energia Nuclear e de um campo de treinamento de terroristas. Nos dias seguintes, a 1ª MEF buscou eliminar as forças da Guarda Republicana (tanto da Divisão Bagdá quanto da Divisão Al Nida) que ainda se encontravam entre Kut e Bagdá. As conquistas em Kut e, principalmente, a eliminação da Divisão Bagdá da Guarda Republicana liberou o caminho para que as tropas da 1ª MEF continuassem sua progressão até Bagdá através da Rodovia 6. A 1ª MEF chegaria a Bagdá em 7 de abril, quando cruzaria o Rio Diyala (CORDESMAN, 2003, p. 78-88; PIRNIE et al, 2015, 95-100; GREGSON, 2006, p. 2).

3.2.4 Tomada do Aeroporto Internacional Saddam Hussein

Assim que foi substituído pela Força Tarefa 3-15 na defesa do Objetivo Peach, o BCT-1 se mobilizou para seguir até seu próximo objetivo, o Aeroporto Internacional Saddam Hussein (Objetivo Lions), iniciando a progressão aproximadamente às 15 horas e 20 minutos do dia 3 de abril. Por causa do tráfego intenso na região¹⁰⁵, as forças do BCT-1 chegariam a conta-gotas na região do aeroporto. Entretanto o Gen. Blount (comandante da 3ª Divisão de Infantaria) acreditava que era importante manter a iniciativa e o ímpeto das operações (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 300-302).

¹⁰⁵ Haviam pelo menos duas brigadas se deslocando (BCT-1 e BCT-2), uma companhia de engenheiros construindo uma ponte auxiliar àquela do Objetivo Peach, enquanto a Força Tarefa 3-15 se mobilizava para ocupar o lugar do BCT-1 na proteção da ponte já existente.

O ataque seria empreendido por duas Forças Tarefa: a Força Tarefa do 3º Batalhão do 69º Regimento de Blindados (FT 3-69) e pela Força Tarefa do 2º Batalhão do 7º Regimento de Infantaria (FT 2-7), que seguiriam por caminhos diferentes até o Objetivo Lions. A FT 3-69 progrediria pela Rodovia 1 até as proximidades do Objetivo Lions, quando uma das colunas de progressão atacaria os muros do Aeroporto, buscando fazer uma fenda por onde os a Força Tarefa pudesse passar. Quando dentro do Aeroporto, a FT 3-69 deveria iniciar os esforços para tomá-lo, livrando-o das forças inimigas. Enquanto isso, a FT 2-7 deveria prosseguir também pela Rodovia 1, buscando estabelecer uma posição de bloqueio na intersecção da Rodovia 8 próxima à entrada do Aeroporto (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 302-303).

A TF 3-69 entrou no Objetivo Lions aos 38 minutos do dia 4 de abril, atravessando o campo de pouso quase sem resistência, e começou a tarefa de buscar e eliminar inimigos em seu setor. Aproximadamente às 4 horas e 30 minutos, a TF 3-69 estabeleceu um perímetro defensivo. Já a TF 2-7 atrasou-se no caminho para o aeroporto. Por ter partido de um local diferente da TF 3-69, com trajetos menos confiáveis (terrenos propícios ao atolamento dos pesados blindados), acabou por chegar no Objetivo Lions apenas às 7 horas e 30 minutos do dia 4 de abril. Assim que chegou, a TF 2-7 começou o trabalho de estabelecer os bloqueios e “limpar” seu setor do Aeroporto da presença inimiga. Os dias seguintes (4 e 5 de abril) foram empregados na varredura do aeroporto à procura e eliminação posições inimigas e no esforço para repelir os diversos contra-ataques iraquianos; o aeroporto e seus arredores só seriam completamente assegurados em 9 de abril, quando as forças estadunidenses dos BCTs 1, 2 e 3 se conectaram no centro de Bagdá. Ainda assim, o clima da imprensa norte-americana era de euforia pela tomada do Aeroporto (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 303-308, 374).

3.2.5 A Tomada de Bagdá – Incursões Relâmpago

Na noite de 04 de abril, a 3ª DI decidiu por uma forma arrojada de atacar Bagdá: as Incursões Relâmpago (Thunder Runs, como ficaram conhecidas). As Incursões Relâmpago eram, basicamente, incursões de veículos blindados (MBTs e IFVs) no território da cidade; a idéia era de que as forças iraquianas estariam tão “desbaratadas” que uma série de incursões blindadas seriam suficientes para acabar com sua resistência (PIRNIE et al, 2015, 95).

A primeira Incursão Relâmpago foi executada pelo BCT-2 (comandado pelo Cel. Perkins), no dia 05 de abril de 2003; ficou sob a responsabilidade da Força Tarefa do 1º Batalhão do 64º Regimento Blindado (FT 1-64). Seus objetivos eram limitados: não havia a pretensão de permanência no território da cidade, a ideia era percorrer um arco pelo sudoeste de Bagdá, sondando as defesas inimigas e infligindo baixas, interrompendo os esforços para estabelecimento das defesas da cidade e desmoralizando as forças defensoras. O plano era cruzar o sudoeste da cidade, partindo do Objetivo Saints pela Rodovia 8, e chegando ao Aeroporto Internacional Saddam Hussein, e conectando-se às forças do BCT-1, que ainda estava lutando pela tomada do Objetivo Lions. O trecho a ser percorrido totalizava cerca de 17 quilômetros (PIRNIE et al, 2015, 95-97).

A FT 1-64 conseguiu completar o trajeto em cerca de duas horas e 20 minutos, tendo enfrentado severa resistência iraquiana, na forma de tiros de armas leves e RPGs, além do aparecimento dos primeiros veículos suicidas (armados com explosivos). Durante todo o trajeto, a progressão teve o suporte da aviação de apoio aproximado de fogo e de caças. Não houve apoio de artilharia nesta primeira Incursão Relâmpago. Ao fim, as perdas foram mínimas (um MBT perdido, um sargento morto em ação e cerca de 8 pessoas feridas), e a Incursão Relâmpago mostrou às tropas a importância dos blindados no combate urbano. Iniciou-se o planejamento para uma segunda Incursão Relâmpago, com proporções maiores (desta vez utilizando todo o BCT-2 e não apenas uma Força Tarefa), com a pretensão de penetrar muito mais fundo na cidade e, talvez, permanecer lá, buscando acelerar a queda do regime (PIRNIE et al, 2015, 97).

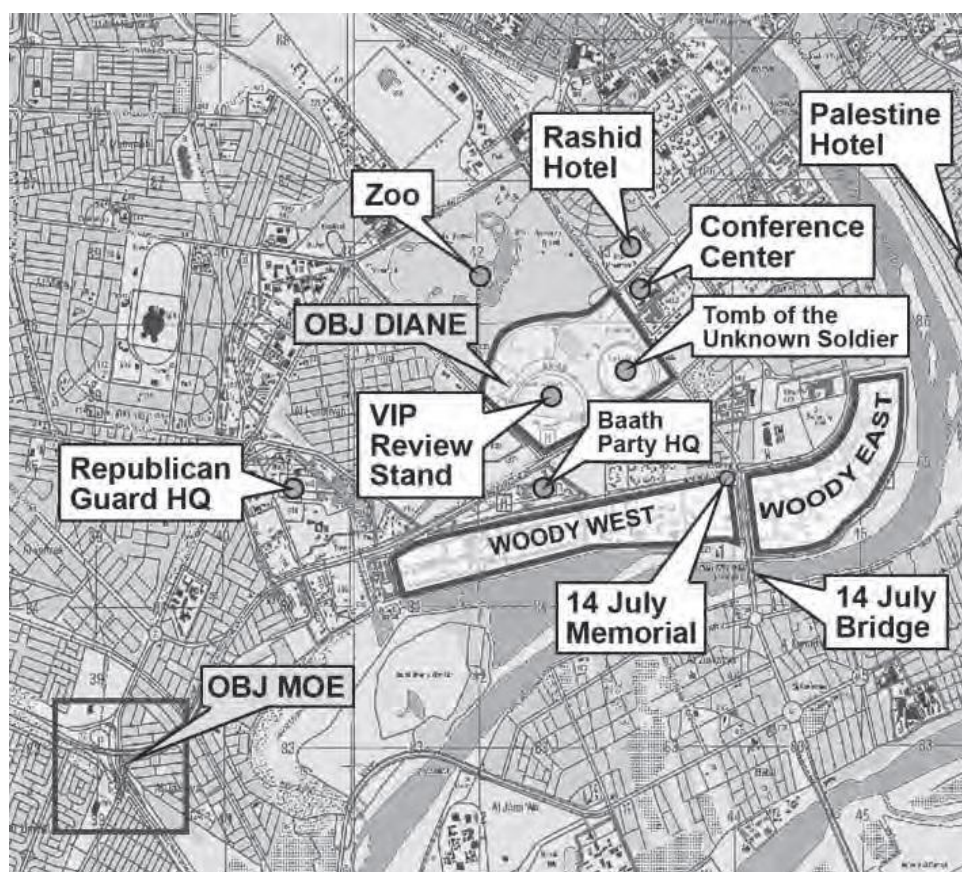
A segunda Incursão Relâmpago foi planejada para o dia 07 de abril. Inicialmente, os Generais McKiernan (CFLCC), Wallace (V Corpo) e Blount (3ª DI) haviam planejado uma incursão nos moldes da primeira, com objetivos limitados. Entretanto, o Cel. Perkins, Comandante do BCT-2 (que seria novamente encarregado da incursão), tomou a iniciativa por uma operação mais incisiva: decidiu (com o apoio do Gen. Blount) por uma incursão até o centro de Bagdá, onde as Forças Tarefa 1-64 e 4-64 permaneceriam durante a noite. Perkins estabeleceu quatro condições que deveriam ser conquistadas para que se pudesse ir a frente com o estabelecimento de um perímetro defensivo no centro de Bagdá:

- a) por óbvio, o BCT-2 deveria conseguir chegar ao centro de Bagdá;
- b) deveria conseguir conquistar objetivos defensáveis, importantes e simbólicos no centro de Bagdá;

- c) deveria ser aberta e mantida uma linha de comunicação com o Centro de Operações Táticas do BCT-2 no Objetivo Saints; e
- d) deveriam, por fim, conseguir reabastecer com suprimentos suficientes para a estadia durante a noite.

Os objetivos delineados em (b) foram o Memorial ao Soldado Desconhecido, e um parque e zoológico em seus arredores (Objetivo Diane) e dois dos palácios de Saddam às margens do Rio Tigre (Objetivos Woody West e Woody East). O Objetivo Diane ficaria sob a responsabilidade da FT 1-64, enquanto Woody West e Woody East ficariam sob a responsabilidade da FT 4-64 (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 347-350).

Mapa 04 - Mapa dos Objetivos no Centro de Bagdá



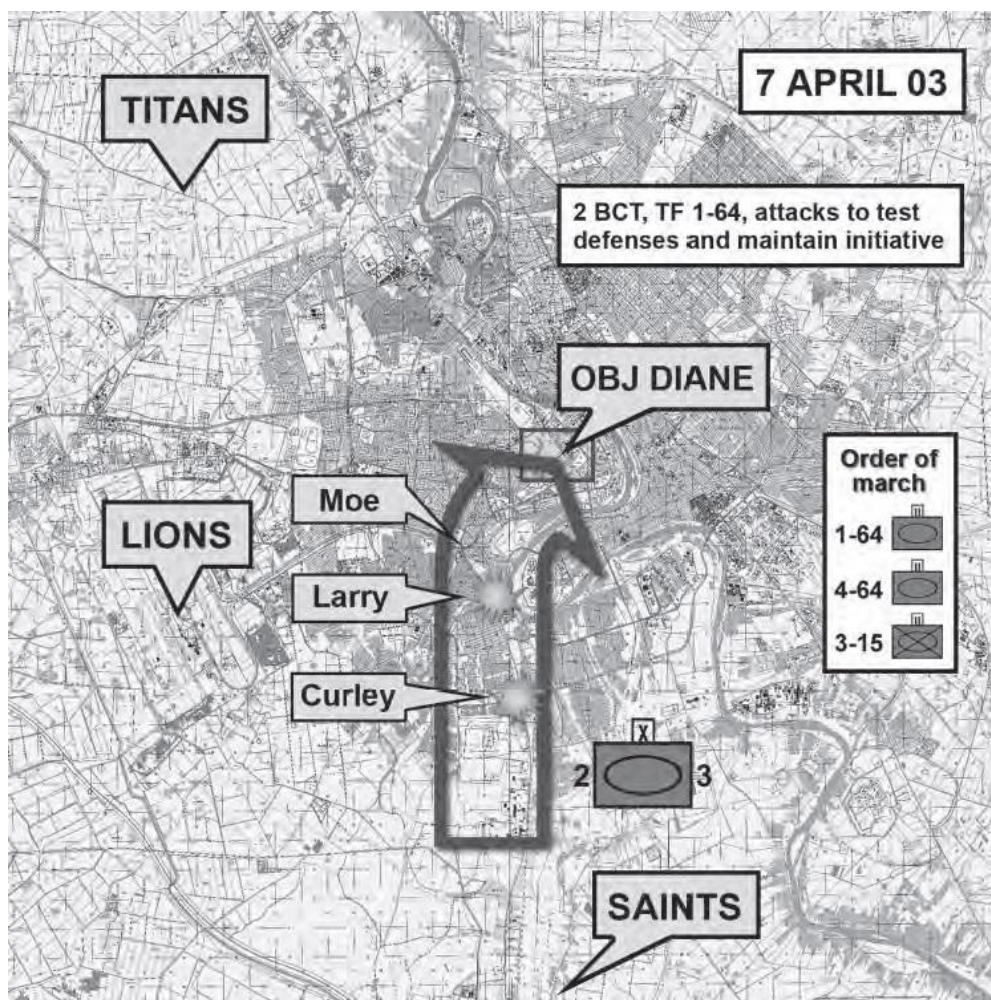
Fonte: FONTENOT (2004, p. 332)

Para que a condição (c) fosse atingida, foram estabelecidos três objetivos (Curley, Larry e Moe¹⁰⁶), que correspondiam a três importantes intersecções no caminho até o centro de Bagdá. Estes objetivos seriam conquistados durante o avanço

¹⁰⁶ Os objetivos foram nomeados com base nos comediantes conhecidos como “Os Três Patetas” (The Three Stooges), atuantes nos EUA entre 1922 e 1970 em cerca de 190 filmes de curta-metragem.

pelas FTs 1-64 e 4-64, e seriam mantidas pela FT 3-15 (3º Batalhão do 15º Regimento de Infantaria), que chegaria logo depois na ordem de progressão (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 347-350).

MAPA 05 – Trajeto da Segunda Incursão Relâmpago na Capital Iraquiana



Fonte: FONTENOT (2004, p. 348)

A segunda Incursão Relâmpago teve início às 6 horas do dia 7 de abril de 2003. Novamente, as tropas americanas encontraram resistência a seu avanço, com a minagem da Rodovia 8 além de outros obstáculos improvisados (veículos tombados e materiais de construção colocados no caminho, com a cobertura de defensores em edifícios próximos). A defesa da cidade, entretanto, encontrava-se fraca e desorganizada; pequenos grupos atacavam em separados, não havendo coesão entre suas ações, nem concentração de forças (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 351-354).

Tanto a TF 1-64 quanto a TF 4-64 conseguiram conquistar seus objetivos e estabelecer um perímetro nas primeiras horas da incursão; era necessário, então,

consolidar a linha de suprimentos entre o centro de Bagdá e o Objetivo Saints, onde ficava a base do BCT-2. Assim, o foco agora era o de assegurar os três objetivos ao longo da Rodovia 8: Curley, Larry e Moe. A TF 3-15, responsável por esses objetivos, tinha a sua disposição três companhias, das quais uma permaneceu no Objetivo Saints, de forma a assegurar a base. Entretanto, o Ten. Cel. Twitty (comandante da TF 3-15) agora possuiria apenas duas companhias disponíveis para assegurar os três objetivos. Assim, teve de criar uma força de tarefa ad hoc para compensar esse desequilíbrio. Assim, os times Gator (Companhia B/3-15), Rage (Companhia C 4-64) e Zan (ad hoc) ficariam responsáveis, respectivamente, por Moe, Larry e Curley (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 360-361).

O plano de Twitty era similar ao de Perkins. Os objetivos seriam assegurados na direção norte-sul: O Time Gator seria a primeira da progressão, seguida por Rage e, por fim, Zan. O Time Zan asseguraria o Objetivo Curley, enquanto as outras duas seguiriam adiante. O Time Rage, por sua vez, permaneceria em Larry, enquanto Gator seguiria para assegurar o Objetivo Moe (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p.362-363).

A TF 3-15 sofreu grande resistência nos três objetivos, na forma de veículos bomba, grupos de combatentes de diversas origens, além do emprego de mísseis, foguetes e RPGs. O Time Zan, em Curley, necessitou de reforços vindos tanto do TOC¹⁰⁷ quanto do BCT-1. Enquanto isso, a tarefa do Time Rage (que possuía um importante elemento blindado) foi completada mais cedo e sem a necessidade de reforços, embora a resistência incluísse elementos desmontados da Guarda Republicana. Por fim, o Time Gator enfrentou, além da resistência mais desorganizada de pequenos grupos, elementos montados da Guarda Republicana. Ao fim do dia, mesmo sob intensa resistência iraquiana, todos os times haviam conseguido assegurar os objetivos ao longo da Rodovia 8, consolidando a linha de suprimentos (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 363-370; PIRNIE et al, 2015, p. 99).

Com o reabastecimento do BCT-2, que ocorreu ao fim daquela tarde, todas as condições para a permanência das TFs 1-64 e 4-64 foram cumpridas, e decidiu-se por permanecer no perímetro defensivo no centro da cidade. No dia seguinte, as tropas do BCT-2 sofreram diversos contra-ataques que foram prontamente rechaçados. A posição estadunidense no centro de Bagdá estava assegurada. Agora, ambos BCT-1 e BCT-3

¹⁰⁷ **Tactical Operations Center** – Centro de Operações Táticas, a base do BCT-2.

deveriam se conectar ao BCT-2 para estabelecer o domínio sobre a cidade (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p 371-374).

Ainda no dia 7 de abril, importa destacar, a 1ª Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais dos EUA (1ª MEF) entrou em Bagdá, cruzando o Rio Diyala, a sudeste da cidade. A 1ª MEF fez incursões a nordeste e sudeste, buscando dominar o leste da cidade. A Base Aérea de Rasheed foi tomada nos dias seguintes e, em seis dias, o leste da cidade encontrava-se sob controle da 1ª MEF. Ainda, no dia 9 de abril, em sua incursão a nordeste de Bagdá, procurando cercar e isolar a cidade, elementos da 1ª MEF conseguiram conectar-se ao BCT-3 da 3ª Divisão de Infantaria no noroeste de Bagdá (CORDESMAN, 2003, p. 91-96; FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 374; GREGSON, 2006, p. 2-3)

No dia 8 de abril, houveram, também, contra-ataques iraquianos contra as posições estadunidenses no Objetivo Titans, utilizando, inclusive, armas combinadas. Entretanto, com o auxílio do apoio aproximado de fogo e da artilharia, os ataques foram rechaçados e as posições mantidas. No dia seguinte, elementos da 1ª Divisão dos Fuzileiros Navais se conectaram ao BCT-3, nos arredores do Objetivo Titans, completando, assim, o isolamento de Bagdá também pelo norte. O BCT-3, então fez um avanço pela Rodovia 1, para se conectar ao BCT-2 no centro da cidade, enquanto o BCT-1 fez o mesmo através da Rodovia 8 (FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 374). Em 09 de abril de 2003, um dos eventos símbolos da Guerra do Iraque teve lugar. Na Praça Firdos, na região central de Bagdá, a estátua de Saddam Hussein foi derrubada pela população com a ajuda de fuzileiros navais.

3.2.6 O fim da Guerra e a Captura de Saddam Hussein

Com a situação razoavelmente sob controle em Bagdá, foi formada uma força tarefa de fuzileiros navais, a Força Tarefa Trípoli para prosseguir ao norte do país para a tomada de Tikrit, cidade natal de Saddam Hussein e um dos últimos pólos de poder do partido. A cidade foi tomada ainda em 14 de abril de 2003, encerrando a Fase III da Operação Iraqui Freedom. Iniciou-se em todo o país a transição das Forças para a estabilização do país. Em 16 de abril, o Embaixador Paul Bremer chegou ao Iraque para assumir a Autoridade Provisória da Coalizão no país, o governo provisório do Iraque. O Presidente George Bush declarou o fim da Guerra do Iraque ainda em 1º de maio de 2003.

As forças estadunidenses agora se concentravam em eliminar os núcleos e lideranças restantes do Baath. Nesse contexto, Usay e Qusay Hussein, filhos de Saddam, foram encontrados e mortos por forças estadunidenses em Mossul, no norte do país, em 22 de julho de 2003. Em 13 de dezembro do mesmo ano, teve lugar a Operação Red Dawn, durante a qual Saddam Hussein foi capturado em uma pequena cidade nos arredores de Tikrit. Saddam Hussein foi encarcerado por cerca de dois anos, e julgado em tribunais iraquianos. Saddam foi sentenciado à morte em 5 de novembro de 2006, e executado em 30 de dezembro de 2006.

3.2.7 Atuação das Forças Especiais

No geral, as missões das Forças de Operações Especiais podem ser resumidas como:

Impedir que o V Corpo iraquiano se desloque para o sul para reforçar Bagdá, conduzir operações de reconhecimento e ação direta no deserto a oeste; localizar e destruir as capacidades missilísticas iraquianas; fornecer apoio às forças convencionais em seu trajeto rumo norte até Bagdá, interditar as linhas de comunicação iraquianas, especialmente na Rodovia Leste-Oeste entre a Síria e Bagdá, tomada e proteção de campos de petróleo e estações de PUMPING no território iraquiano, tomada de importantes aeródromos, e a captura de grande parte dos objetivos de alto valor estabelecidos pelo CENTCOM (PIRNIE, 2015, p. 104, tradução nossa)¹⁰⁸.

Foram formadas quatro forças-tarefa de Forças de Operações Especiais para a atuação no Iraque. A primeira, a Força Tarefa Conjunta de Operações Especiais Norte (JSOTF-N Joint Special Operations Task Force – North) deveria inicialmente apoiar a 4ª Divisão de Infantaria que, pelos planos estadunidenses, deveria entrar no Teatro de Operações através da Turquia. Entretanto, quando a Turquia negou a passagem à 4ª Divisão de Infantaria, a JSOTF-N ficou responsável por manter a frente no norte iraquiano com o apoio do Peshmerga curdo e da 173ª Brigada Aerotransportada. Sua missão era a de trabalhar com as forças curdas no norte do Iraque, assegurar a cidade de Kirkuk, seus campos de petróleo e infraestrutura petrolífera, e tomar a cidade de Mossul. Além disso, a JSOTF-N ainda realizou operações junto às forças curdas para

¹⁰⁸ Do original em inglês: “preventing the Iraqi V Corps from moving south to reinforce Baghdad; conducting special reconnaissance and direct action in the western desert; locating and destroying Iraqi ballistic missile capabilities; supporting conventional forces in their movement north toward Baghdad; interdicting Iraqi lines of communication, especially on the East-West highway between Syria and Baghdad; seizing and protecting oil fields and pumping stations throughout Iraq; seizing critical airfields; and capturing most of the high-value targets contained in CENTCOM’s ‘deck of cards.’” (PIRNIE, 2015, p. 104).

tomar e destruir campos de treinamento do grupo terrorista Ansar al-Islam, próximo à fronteira com o Irã (PIRNIE et al., 2015, p. 106-123; FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 250-251).

A segunda das forças-tarefa era a Força Tarefa Conjunta de Operações Especiais – Oeste (JSOTF-W Joint Special Operations Task Force – W), que contava com o apoio de uma companhia blindada da 3ª DI. Sua área de responsabilidade se estendia por todo o deserto oeste iraquiano. Sua função principal era a de impedir que as forças convencionais iraquianas utilizassem a região para lançar mísseis em direção a Israel e Jordânia. Também tinha como função a tomada de aeródromos e controlar as linhas de comunicação. Também foram instrumentais na tomada de diversos objetivos estratégicos (PIRNIE et al., 2015, p. 123-124; FONTENOT; DEGEN; TOHN, 2004, p. 252-254).

A terceira, chamada Grupo de Tarefa Naval para Guerra Especial – Central (TG-Cent) ficou responsável pela proteção de instalações ligadas à produção de petróleo e a tomada de objetivos próximos ao litoral. Por fim, a quarta força tarefa, Força Tarefa 20 (TF-20) era composta por forças que, em 2015, ainda estavam sob confidencialidade classificada. Duas de suas principais missões receberam especial atenção da mídia: o resgate da soldado Jessica Lynch¹⁰⁹ e a proteção da Barragem de Haditha (PIRNIE et al., 2015, p. 124).

3.3 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Os objetivos desta dissertação como um todo foram os de “explorar a influência das Doutrinas Bush e Rumsfeld na forma em que se deu o planejamento de guerra” e “analisar a influência dos resultados das operações no Iraque na própria condução política e militar das Operações na Guerra do Iraque e durante as operações de contra-insurgência”. Já o objetivo deste capítulo era o de analisar o planejamento e as operações de combate da Guerra do Iraque. Neste sentido, averiguou-se que planejamento para a Operação Iraqui Freedom foi marcado pelas solicitações constantes pela diminuição de contingente e pelo aparente descaso em relação ao planejamento da

¹⁰⁹ A Soldado Jessica Lynch havia sido seqüestrada por fedayees durante o incidente com a 507ª Companhia de Manutenção em Nasiriyah. Graças a uma denuncia anônima, a soldado foi resgatada em uma operação no Hospital Saddam, nos arredores de Nasiriyah (PIRNIE, 2015, p. 125).

fase que se seguiria aos combates majoritários, em consonância com a Doutrina Rumsfeld.

Quanto a suas operações, a Iraqi Freedom foi extremamente bem executada. Pode-se considerar que os cortes de contingente solicitados por Rumsfeld não prejudicaram a performance das Forças Armadas da Coalizão. Entretanto, pode-se questionar se tal feito seria reproduzível frente a um adversário em condições mais favoráveis. Como buscamos referir no capítulo anterior, o Iraque encontrava-se arrasado e não-recuperado de uma guerra anterior (a Guerra do Golfo de 1991), e, mais, encontrava-se sob embargo internacional, com capacidade pífia de recuperar suas capacidades militares. É importante lembrar que os principais adversários estadunidenses na arena internacional hoje (Rússia e China) encontram-se em uma situação muito mais vantajosa do que se encontrava o Iraque em 1991. A redução de contingente talvez não seja uma opção em uma guerra envolvendo competidores de capacidade tecnológico-qualitativa similar.

Por sua vez, sabe-se que o descaso com o planejamento para o pós-guerra se faria sentir pelos vários anos que se seguiram à OIF. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma discrepância entre o pretendido pela Doutrina – guerras curtas, rápidas e decisivas – e os resultados obtidos no Iraque: um envolvimento prolongado, sobre o qual se tratará no próximo capítulo.

Ainda, resta destacar os aspectos de retroalimentação, em que os imperativos do combate trouxeram modificações ao planejamento e execução das operações. Neste sentido, duas ocasiões se destacam: a Pausa Operacional e as Incursões Relâmpago em Bagdá.

Como referido acima, a Pausa Operacional foi uma mudança real no planejamento e execução das operações. Percebendo-se que a linha de suprimentos americana encontrava-se fragilizada devido aos ataques advindos das cidades (que haviam sido contornadas sem serem controladas de fato), decidiu-se por estancar a progressão de modo a permitir que as forças de reserva controlassem a situação nas cidades – mudando efetivamente o planejamento e execução das operações como foram concebidas. Pode-se, mesmo, questionar se a Pausa Operacional já não denotava uma necessidade ignorada pela Transformação Militar: a necessidade de contingentes maiores para o controle das populações locais e para a própria segurança das tropas americanas.

As Incurções Relâmpago, por sua vez, são o prenúncio de uma estratégia que resultaria em desastre nos anos seguintes. Ao “tomarem” Bagdá através de rápidas incurções ao centro da cidade e assumirem que estas seriam suficientes para garantir a vitória sobre a cidade, as Forças Armadas dos EUA cometeram um grave engano. Afinal, o controle populacional e a contra-insurgência, demandariam um esforço ainda maior nos meses e anos que viriam após a declaração do fim das operações de combate, em 01 de maio de 2003. A forma como o território iraquiano foi tomado é refletida pela forma como Bagdá foi “tomada”. A investida veloz pelo território iraquiano, sem que se controlassem as cidades que se localizavam no trajeto estadunidense até Bagdá (e que se tornariam motivo de vulnerabilidade à linha de suprimentos americana) é espelhada nas incurções relâmpago em Bagdá, assegurando apenas pontos principais no caminho e assumindo que o restante da cidade permaneceria pacificamente sob seu controle a partir disto. O controle populacional foi ignorado, e isso acarretaria o crescimento, à revelia das forças estadunidenses, de forças insurgentes que manteriam os EUA no Iraque por anos a fio. Este problema se evidenciaria durante toda a ocupação estadunidense, e as tentativas de corrigi-lo – ou a própria retroalimentação – se estenderam durante o pós-guerra, temática do próximo capítulo.

4 O PÓS-GUERRA

O presente capítulo tem como objetivos:

- a) investigar os principais motivos e atores da insurgência iraquiana;
- b) aventar as principais respostas dadas pelos EUA a este movimento até a sua retirada em 2011; e
- c) verificar as consequências últimas da política americana no Oriente Médio.

Dessa forma, os objetivos se espelham nas perguntas que seguem:

- a) quais os principais motivos e atores da insurgência iraquiana?;
- b) quais foram os modelos das respostas estadunidenses à insurgência?; e
- c) quais as principais consequências de longo prazo da invasão e ocupação estadunidenses no Iraque?

Para responder às perguntas propostas, apresentam-se as seguintes hipóteses:

- a) acredita-se que as motivações da insurgência iraquiana sejam multifacetadas, e tenham sua origem desde o período de ocupação. Considera-se que os principais atores da insurgência iraquiana foram sunitas neo-salafistas (ou wahabitas); e xiitas ligados ao Exército Mahdi;
- b) podem-se identificar duas abordagens consolidadas e uma incremental. A primeira pode ser representada pelas operações Vigilant Resolve e Phantom Fury em Faluja, e identifica-se com a realização de missões de “busca e destruição”¹¹⁰ na cidade, com um elemento alienação e mesmo hostilidade à população. A segunda abordagem foi testada pela Operação Restoring Rights, em Tal Afar, é ilustrada pela Operação Together Forward, em Bagdá, tendo como molde as operações de “limpeza e consolidação”¹¹¹ e interagindo de forma mais próxima em relação à população. A abordagem incremental é representada pelo New Way Forward (Surge). Trata-se de uma abordagem semelhante, em essência, a limpeza e consolidação, com um aumento de tropas que possibilitaria maior sucesso;

¹¹⁰ Operações de **Busca e Destruição** (“search and destroy”), em que são enviadas unidades terrestres a território hostil para “procurar” o inimigo e então “destruí-lo”, se retirando da área imediatamente depois.

¹¹¹ Operações de **Limpeza e Consolidação** (“clear and hold”) procura-se limpar o território de inimigos/insurgentes (podendo, para isso, utilizar-se de operações de busca e destruição) para, depois, estabelecer autoridade policial local que mantenha esse território sob controle, impedindo que o inimigo retorne (USA, 2004, p.3.11-3.12).

- c) considera-se que a principal consequência da política americana no Iraque, inclusive da retirada em 2011, foi o surgimento e ascensão do Estado Islâmico.

4.1 A TRANSIÇÃO POLÍTICA

Em 22 de maio de 2003, o Conselho de Segurança da ONU (CSONU), ao aprovar a Resolução 1.483/2003, reconheceu Estados Unidos e Reino Unido como potências ocupantes no Iraque, com todas as autoridades, responsabilidades e obrigações decorrentes disso pela Lei Internacional. Em outubro do mesmo ano, o CSONU autorizou o mandato de uma força multinacional sob comando unificado com o objetivo de manter a segurança e a estabilidade no Iraque, a Combined Joint Task Force – 7 (CJTF-7). O mandato da força multinacional seria estendido em junho de 2004, pela Resolução 1.546/2004 do CSONU, após solicitação do recém-eleito Primeiro-Ministro iraquiano, Ayad Allawi, e do Secretário de Estado estadunidense, Colin Powell.

Como já mencionado anteriormente, o planejamento para a fase seguinte aos combates majoritários no Iraque seria deveras deficiente. A própria organização que deveria levar a cabo a reconstrução iraquiana, o Escritório de Reconstrução e Assistência Humanitária (ORHA, sigla em inglês para Office for Reconstruction and Humanitarian Assistance) foi criada em 20 de janeiro de 2003, apenas dois meses antes do início das operações de combate, e sem um plano definido ou mesmo recursos para a reconstrução. Foi colocado na liderança do escritório o Ten. Gen. Jay Garner, que tinha extensa experiência a respeito da região, pois já havia liderado os esforços de reconstrução depois da Guerra do Golfo de 1991, na Operação Provide Comfort. Garner, entretanto, foi escanteado sem muitas cerimônias em favor de Paul Bremer¹¹², o comandante da Autoridade Provisional da Coalizão (CPA, sigla em inglês para Coalition Provisional Authority). Garner, que não previa o desaparelhamento completo do Estado iraquiano, pretendia trabalhar de forma mais próxima com o que restasse dos ministérios iraquianos após a guerra, trazendo uma transição mais estável ao país (DOBBINS, et al, 2009, p. 107-108). Como expresso por Condoleeza Rice, “nós derrotaríamos o Exército, mas as instituições permaneceriam, tudo desde os ministérios

¹¹² **Lewis Paul Bremer III**, conhecido como Paul Bremer ou, eventualmente, Jerry Bremer, é um diplomata americano. Entre 1986 e 1989, havia sido Coordenador de Contraterrorismo do Departamento de Estado dos EUA, durante o Governo Reagan.

até as forças policiais” (RICE apud GORDON, 2004, n.p.). É importante destacar que Garner também seria contrário à dissolução das forças armadas iraquianas.

Em 8 de maio de 2003, EUA e Reino Unido informaram à ONU sobre a criação da CPA, que deveria assumir as funções da ORHA e exercer poderes de governo durante a extensão do período de ocupação (DOBBINS, et al, 2009, p. 111). Através da CPA, Paul Bremer realizou uma série de reformas no Estado iraquiano.

Em 16 de maio de 2003, Bremer emitiu a Ordem Número 1 da CPA, relativa a desbaathificação das estruturas políticas do país. De acordo com esta ordem, os quatro escalões superiores do partido Baath não poderiam assumir empregos no setor público iraquiano. Além disso, na burocracia estatal, membros do partido não poderiam assumir funções nos três níveis superiores de gerência em qualquer ministério, corporações ou instituições ligadas ao governo iraquiano. As medidas da ordem afetariam cerca de 1% do Baath, e 0,1% da população. Entretanto, em novembro daquele ano, o processo foi entregue aos políticos xiitas e curdos da Conselho Governante do Iraque (criado pela CPA, como será visto a seguir), muitos dos quais guardavam rancores em relação à administração do Baath. Sob sua tutela, a desbaathificação foi ampliada, o que resultou em um expurgo de cerca de 85.000 funcionários, dentre eles, grande parte da elite educada do país, como cientistas, professores e médicos (DOBBINS et al., 2009, p. 112-118; CORDESMAN; DAVIES, 2008, p. 47-50).

Em 23 de maio de 2003, Bremer emitiu a Ordem Número 2 da CPA, relativa a dissolução das entidades de segurança do país (Forças Armadas, Guarda Republicana, serviços de inteligência), o que afetou cerca de 230 mil iraquianos. A decisão foi planejada inteiramente por círculos do Pentágono, sendo apreciada pelo Presidente dos EUA e pelo Conselho Nacional de Segurança Estadunidense apenas no dia 22 de maio de 2003, um dia antes de sua emissão, e à revelia de setores da Administração estadunidense. Não foi implementado um plano efetivo para reinserir os militares desempregados na economia iraquiana, o que pode ter contribuído para sua aproximação em relação à insurgência (YOSUFI, 2016, p. 97; DOBBINS et al., 2009, p. 52-61).

Bremer e a CPA ainda passaram diversas ordens com o intuito de promover a abertura da economia iraquiana. Até então, o Iraque tinha uma economia fortemente planejada pelo governo, com grande proteção econômica à indústria nacional, regime de subsídios à energia, grande quantidade de empresas estatais e fechada ao investimento estrangeiro. Através das Ordens da CPA, Paul Bremer reestruturou a economia

iraquiana sobre bases liberais. O Investimento Externo Direto, por exemplo, antes proibido pela lei iraquiana, foi autorizado pela Ordem nº 39 da CPA, que permitia que investidores estrangeiros possuíssem até 100% de empresas no Iraque, com liberdade para a expatriação dos lucros a qualquer momento. Também foram eliminadas todas as tarifas de importação pelas Ordens nº 12 e 54 da CPA, deixando a indústria nacional ainda mais desprotegida em relação à competição internacional. O sistema bancário também foi aberto aos bancos estrangeiros pela Ordem nº 40 da CPA, que introduziu bancos de fora ao sistema de créditos do país¹¹³ (DOBBINS, et al, 2009, p. 197-238).

Bremer e a CPA ainda tinham projetos para retirar subsídios estatais à energia elétrica e aos combustíveis fósseis, além de privatizar mais de 85 dentre 153 empresas estatais. Embora não tenha tido sucesso na política de privatizações e reformas das empresas estatais iraquianas, nem na retirada completa dos subsídios à energia (DOBBINS, et al, 2009, p. 217-227), em 2007 foi aprovada a Lei dos Hidrocarbonetos, no Iraque, um legado da administração de Bremer, que contratou uma consultoria (Bearing Point) para auxiliar na redação do rascunho da lei. A lei permite que empresas estrangeiras desenvolvam campos de petróleo e extraiam petróleo no território iraquiano, algo que não era permitido desde a nacionalização da indústria petrolífera em 1972 (WONG, 2007, online; JUHASZ, 2006, online).

Ainda importa mencionar, a CPA formou o Conselho Governante do Iraque (IGC, sigla em inglês de Iraqi Governing Council), em 22 de julho de 2003. O IGC era um órgão formado por iraquianos indicados pela CPA e que reunia funções de governo, dentre elas a indicação de representantes iraquianos para a ONU, indicação de ministros para as pastas vacantes e, principalmente, a redação da Lei Administrativa de Transição (TAL, sigla em inglês para Transitional Administrative Law). A TAL funcionava como uma série de princípios que guiariam o governo provisório no Iraque, uma Constituição até que não se estabelecesse uma Assembleia Nacional Constituinte. Nesse sentido, a TAL estabeleceu um cronograma para a realização de eleições para a Assembleia Nacional, a redação de uma nova Constituição para o Iraque e a realização de eleições para um governo permanente no Iraque. Também segundo a TAL, o mandato da CPA e do IGC expiraria em 30 de junho de 2004, quando ambos deveriam transferir a soberania para um governo iraquiano, encerrando o período de ocupação. O IGC se

¹¹³ Todas as Ordens da CPA estão disponíveis para consulta em <https://govinfo.library.unt.edu/cpa-iraq/regulations/#Orders>

autodissolveu após eleger o Presidente (Ghazi Mashal Ajil al-Yawer) e o Primeiro-Ministro (Ayal Allawi) para o Governo Ínterim do Iraque, em 01 de junho de 2004.

O Governo Ínterim do Iraque (IIG, sigla em inglês para Iraqi Interim Government) substituiu o IGC e a CPA como autoridade máxima no Iraque. O IIG tinha o encargo de governar o Iraque até o momento em que uma nova Constituição fosse rascunhada pela Assembleia Nacional, que por sua vez deveria ser eleita em 30 de janeiro de 2005. O IIG assumiu oficialmente essas funções em 28 de junho de 2004, e foi substituído em 03 de maio de 2005 pelo Governo Transitório do Iraque (ITG, sigla do inglês para Iraqi Transitional Government).

O ITG foi eleito em 28 de abril de 2005 pela Assembleia Nacional, com a função de liderar o país durante a redação da nova Constituição Iraquiana até a posse primeiro governo permanente, que seria eleito em dezembro daquele ano. O Primeiro-Ministro pela Assembleia Nacional foi Ibrahim al-Jafaari, filiado ao partido xiita Da'wa, enquanto o presidente, também eleito pela Assembleia, foi Jalal Talabani.

A Constituição do Iraque foi ratificada em 15 de outubro de 2005 e, em 15 de dezembro de 2005, foram realizadas as eleições para o Conselho de Representantes do Iraque. O Conselho de Representantes foi empossado e juramentado em 16 de março de 2006, começando então o debate acerca do Governo Permanente (Primeiro-Ministro). Nouri al-Maliki foi indicado pela Aliança pelo Iraque Unido, em 21 de abril de 2005, e tomou posse do governo em 20 de maio de 2005.

4.2 AS CAUSAS E ATORES DA INSURGÊNCIA

As raízes da insurgência no Iraque não são unas; pelo contrário, são diversas, e tanto precedem quanto são consequência da intervenção estadunidense. O que é inegável, entretanto, é que a Operação Iraqi Freedom, se não foi seu agente causador direto, certamente agiu como catalisador do processo de insurgência iraquiana.

O Iraque pós-guerra foi marcado pela violência. O clima de território sem lei se instaurou no país ainda antes do “encerramento oficial” da guerra em 1º de Maio de 2003: o saque e pilhagem em diversas cidades iniciou-se ainda em abril de 2003, gerando bilhões de dólares em prejuízos à infraestrutura estatal iraquiana (DOBBINS, et al, 2009, p. 53). As tropas americanas e britânicas e as autoridades destacadas para a reconstrução do Iraque no pós-guerra, que previam a retomada normal dos serviços de segurança pública após a invasão e tomada das principais cidades do país, não estavam

preparadas (em recursos humanos ou mesmo materiais) para lidar com esse tipo de situação (DOBBINS, et al, 2009, p. 107-112). O que se seguiu foi a interrupção do fornecimento de serviços básicos à população civil, principalmente com o abandono de postos em diversos escalões da burocracia estatal, o que se aprofundaria com a desbaathificação do Estado, proposta pela CPA de Paul Bremer (VISENTINI, 2014, p. 110).

Além disso, com a desbaathificação da burocracia estatal e a formação do IGC (composto majoritariamente por xiitas e curdos), a parcela sunita da população, antes dominante no cenário político nacional, foi marginalizada na política e sociedade do país (VISENTINI, 2014, p. 110-111). Isso criou uma séria desconfiança e resistência de líderes sunitas em relação aos processos políticos em curso no país. Mesmo entre a população xiita, essa desconfiança também era comum, principalmente em relação ao IGC, uma vez que as lideranças xiitas nele presentes eram majoritariamente ligadas às elites exiladas, e não à população que havia permanecido no Iraque – como era o caso de Moqtada al-Sadr (ROWLEY, 2013, n.p.). Nesse sentido, embora uma grande parcela da população estivesse satisfeita com a saída de Saddam Hussein do poder, havia pouco apoio popular à CPA e mesmo ao IGC. Ambos eram vistos como governos estrangeiros, com os quais a população se não poderia se identificar.

A dissolução das forças de segurança do país também contribuiu para o clima de insatisfação crescente entre a população; os antigos oficiais e soldados das Forças Armadas iraquianas encontravam-se agora desempregados, muitos inclusive impedidos pela CPA de receberem pensões. Dessa forma, grande parte da juventude do país encontrava-se desempregada e sem meios de sobrevivência. A desbaathificação do Estado e a dissolução das Forças Armadas foram motivo de diversos protestos e manifestações que pipocavam por todo o território iraquiano em 2003. A repressão a estas manifestações também constituiu motivo de insatisfação (YOSUFI, 2016, p. 96-98; ROWLEY, 2013, n.p.; CORDESMAN; DAVIES, 2008, p. 46-50).

Também foi problemático o uso extensivo de Companhias Militares Privadas (PMC, sigla em inglês para Private Military Companies) durante o pós-guerra. As PMC não possuíam compromisso com o código de conduta ao qual eram submetidos os soldados da coalizão, e frequentemente prejudicavam o esforço da coalizão em conquistar “corações e mentes” da população iraquiana, ao se envolverem em episódios de repressão a manifestações civis, desvios de conduta pública e, muito frequentemente, intimidarem e/ou alvejarem enganosamente civis inocentes (GLANZ; LEHREN, 2010,

online; TOWERY, 2006, 5-7). Não é de surpreender que o comportamento dos mercenários no Iraque causasse revolta na população, que não diferenciava entre os subcontratados das PMCs e soldados da coalizão.

Por fim, no pós-guerra, eclodiu o famigerado escândalo envolvendo os maus tratos e até mesmo tortura de prisioneiros praticados por oficiais estadunidenses, descobertos na prisão de Abu Ghraib, mas envolvendo outras prisões ianques no mundo, inclusive o complexo em Guantánamo, Cuba (VISENTINI, 2014, p. 112).

A destruição da infraestrutura estatal, representada pela desbaathificação e pela dissolução das Forças Armadas, a pouca presença estatal fora da capital nacional, somados à fragilidade política, corrupção generalizada e ao grande vácuo de poder deixado tanto pelo governo de Saddam Hussein quanto pela retirada dos EUA foram condições que propiciaram a permeabilidade do país à insurgência e a organizações terroristas, como a Al-Qaeda no Iraque. Muitos dos grupos insatisfeitos e brutalizados pelos EUA no pós-guerra imediato foram cooptados por estas organizações, que arrastariam novamente os Estados Unidos para um envolvimento militar no Oriente Médio em 2015 e 2016, desta feita procurando combater o Estado Islâmico.

Enquanto instaurava-se este o clima de insurgência no país, havia uma grande preocupação estadunidense em captura dos principais líderes políticos do Baath e, principalmente, de Saddam Hussein e seus filhos, Uday e Qusay Hussein (VISENTINI, 2014, p. 110-111). Infelizmente, tanto a Administração nos EUA como elementos importantes do comando da Coalizão no Iraque não levaram em consideração a variedade de motivações e a pluralidade de origens dos grupos insurgentes no Iraque. O discurso oficial era de que os diversos ataques provinham principalmente de ex-baathistas, reminiscentes do antigo regime (RUMSFELD, 2003, p. 11-12; DALE, 2008, 40-41), uma abordagem demasiadamente simplista para abranger a insurgência nascente no Iraque.

Segundo Cordesman (2006), os EUA não lidaram corretamente com a insurgência que nascia no Iraque, pois não conseguiram reconhecer que ela era crescente, de caráter doméstico e que tinha suporte popular. Para o autor, havia uma dimensão de negação de um problema real e crescente no Iraque:

Eles continuaram se referindo aos atacantes como ‘terroristas’, continuaram emitindo estimativas de que não poderiam ser mais de 5.000 [insurgentes], e afirmavam que eram uma mistura de elementos externos e de obstinados reminiscentes do antigo regime, que teriam pouco suporte popular [...]. Mesmo em julho de 2004, alguns membros da Administração Bush ainda

pareciam viver uma terra da fantasia pelos termos de seus pronunciamentos públicos, pela sua percepção acerca da hostilidade crescente iraquiana em relação às forças da coalizão e ao tamanho da ameaça. Seus porta-vozes ainda falavam em forças de apenas 5.000 [insurgentes], quando muitos especialistas da coalizão presentes no Iraque estimavam que o núcleo [da insurgência] fosse composto por, ao menos, 12 a 16 mil pessoas. Também ignoraram as evidências de tensões entre sunitas e xiitas, e da tensão étnica crescente no norte [do Iraque] (CORDESMAN, 2006, p. 1-2, tradução nossa)¹¹⁴.

4.2.1 Principais Atores da Insurgência

Cordesman e Davies (2008, p. 25-42), dividem os principais “atores” da insurgência entre

- a) sunitas nacionalistas e neo-salafistas;
- b) milícias xiitas; e
- c) partidos e milícias curdas.

Dentre os sunitas, Cordesman e Davies (2008) os dividem em dois grupos: nacionalistas e neo-salafistas. Os sunitas **nacionalistas** eram, em sua base, reminiscentes do regime baathista no país, que procuravam restaurar a ordem política anterior ou, ao menos, influenciar os eventos políticos no Iraque pós-Saddam. Não desejavam estar sujeitos a um governo xiita e, nesse sentido, se opunham a instituições como o Conselho Governante do Iraque (formado majoritariamente por xiitas e curdos). Em geral, seu foco de ataque eram os elementos de presença estadunidense no país, e não tinham alvos sectários.

Enquanto isso, os **neo-salafistas** viam a insurgência no Iraque como parte de uma luta maior pela formação de um Estado Sunita Puritano¹¹⁵ na região. Os neo-salafistas (que correspondem, em ideologia, a wahabitas) acreditam que governantes

¹¹⁴ Do original em inglês: “For all of 2003, and most of the first half of 2004, senior US officials and officers did not act on this plan or respond effectively to the growing insurgency. They kept referring to the attackers as “terrorists”, kept issuing estimates that they could not number more than 5,000, and claimed they were a mixture of outside elements and diehard former regime loyalists (FRLs) that had little popular support. The US largely ignored the previous warnings provided by Iraqi opinion polls, and claimed that its political, economic, and security efforts were either successful or would soon become so. In short, the US failed to honestly assess the facts on the ground in a manner reminiscent of Vietnam. [...] As late as July 2004, some senior members of the Bush Administration still seemed to live in a fantasyland in terms of their public announcements, perception of the growing Iraqi hostility to the use of Coalition forces, and the size of the threat. Its spokesmen were still talking about a core insurgent force of only 5,000, when many Coalition experts on the ground in Iraq saw the core as comprised of at least 12,000-16,000. They also ignored signs of Sunni versus Shi’ite tension, and growing ethnic tension in the north”.

¹¹⁵ É importante, entretanto, destacar que nem todo sunita puritano não defendem o uso de violência contra outros grupos.

devem governar com base exclusiva em uma interpretação estrita e literal do Corão e da Xaria¹¹⁶. Não são tolerantes a outras interpretações do Islã e tendem a perseguir não apenas outras religiões (judaísmo e cristianismo), mas também outras vertentes do Islã (xiismo, alaoísmo, zaiditismo, etc). Inicialmente, tinha a maior parte de seus quadros em estrangeiros, mas com o tempo, foram formadas lideranças iraquianas. Além do viés antiocupação, seus ataques tinham um viés sectarista, com alvos nas forças de ocupação, forças iraquianas e alvos xiitas, curdos ou de outras minorias étnico-religiosas no país (CORDESMAN; DAVIES, 2008, p. 25-28)¹¹⁷.

Por sua vez, as milícias xiitas tinham origens diversas; enquanto algumas datavam da década de 1980 (pós-Guerra Irã-Iraque) e se intensificaram após a invasão de 2003, outras tiveram sua origem no processo de invasão do Iraque (CORDESMAN; DAVIES, 2008, p. 25-26).

A **Organização Badr**, formada na década de 1980, encaixava-se no primeiro grupo; tratava-se do braço armado do Conselho Supremo para a Revolução Islâmica no Iraque (SCIRI, sigla em inglês para Supreme Council for the Islamic Revolution in Iraq), e procurava proteger o xiismo no país. Havia sido treinada e equipada pelo aparato militar iraniano desde a Guerra Irã Iraque até a OIF em 2003. Embora não combatesse diretamente as forças da coalizão, também não apresentava comprometimento com um estado nacional iraquiano, envolvendo-se em conflitos sectários. Oficialmente, o braço armado do SCIRI teria sido dissolvido em 2004, e muitos de seus combatentes foram de fato incorporados ao novo Exército Iraquiano. Na prática, entretanto, a Organização Badr permaneceu como uma milícia armada que,

¹¹⁶ A **Xaria** é o conjunto de leis da fé islâmica, que compreende o Corão, a Suna (relato da vida do profeta Maomé), as háditas (ensinamentos atribuídos ao profeta Maom por seus companheiros e que, de certa forma, integram a Suna), e, dependendo da vertente do Islã (vertentes não wahabitas), os ijmas (consensos entre os estudiosos e cléricos do Islã sobre a própria religião) qiyas (analogias utilizadas para analisar situações sem precedentes) e os costumes locais. O wahabismo/salafismo aceita como fontes preferenciais o Corão e a Suna, relutando em considerar os ijmas e qiyas como jurisprudência.

¹¹⁷ Por fim, ainda importa mencionar que, embora a Al-Qaeda no Iraque fosse o principal foco midiático da contrainsurgência, de forma alguma representava o único grupo insurgente sunita. Cordesman (2008) cita o estudo do Grupo de Crise (Crisis Group) de 2006, que elenca 12 grupos insurgentes sunitas. Dentre os 12, destacam-se, não só a al-Qaeda no Iraque, mas também os Partidários do Exército Sunna, o Exército Islâmico no Iraque e a Frente Islâmica da Resistência Iraquiana. Por fim, ainda importa mencionar que, embora a Al-Qaeda no Iraque fosse o principal foco midiático da contrainsurgência, de forma alguma representava o único grupo insurgente sunita. Cordesman (2008) cita o estudo do Grupo de Crise (Crisis Group) de 2006, que elenca 12 grupos insurgentes sunitas. Dentre os 12, destacam-se, não só a al-Qaeda no Iraque, mas também os Partidários do Exército Sunna, o Exército Islâmico no Iraque e a Frente Islâmica da Resistência Iraquiana (CORDESMAN; DAVIES, 2008, p. 30-31).

inclusive, recrutou combatentes em resposta à insurgência sunita (CORDESMAN; DAVIES, 2008, p. 26, 38-39).

Já o **Exército Mahdi** (tradução de Jaish al Mahdi), pertencente ao segundo grupo, apresentava forte oposição à presença das forças da coalizão. O Exército Mahdi era liderado por um clérigo xiita extremista, Moqtada al-Sadr e foi criado após a queda de Saddam, com forte base de apoio popular no bairro de Sadr City, em Bagdá. Moqtada al-Sadr acreditava que o clero xiita deveria ter uma participação ativa na política, no que era precedido por seus familiares¹¹⁸, cujo legado foi um movimento ideológico com grande capacidade de mobilização. Os sadristas, inicialmente, desejavam a unidade nacional islâmica e chegaram a colaborar com insurgentes sunitas em ataques à Coalizão em 2003 e 2004, notadamente durante a Primeira Batalha de Faluja. Entretanto, com o aumento do número de ataques sectários de sunitas salafistas/wahabitas, encerraram este apoio. Com o atentado ao Santuário de al-Askari, em fevereiro de 2006, o Exército Mahdi se tornaria abertamente anti-sunita (CORDESMAN; DAVIES, 2008, p. 25-26; 39-40). Em 2007, Moqtada al-Sadr declarou um cessar-fogo em relação as tropas da coalizão, entretanto, facções do Exército Mahdi se recusaram a acatá-lo, ficando conhecidas como “Grupos Especiais”. Estas facções, junto à Al Qaeda no Iraque, seriam o foco das operações de contra-insurgências no Iraque pós-2007 (DALE, 2008, p. 36).

Por fim, os partidos e milícias curdas eram já bem organizados desde a década de 1920. Os dois principais partidos (Partido Democrático do Curdistão – KDP – e a União Patriótica do Curdistão – PUK) tinham milícias teoricamente separadas, mas que já haviam lutado juntas pela derrubada do regime de Saddam Hussein. As milícias combinadas eram chamadas de Peshmerga. Na derrubada de Saddam, colaboraram com a Coalizão, mas não tinham comprometimento com a unidade nacional. Seus objetivos principais diziam respeito à manutenção da autonomia do território curdo e, como um objetivo limitado, a expansão da área sob seu controle. Suas forças foram em parte

¹¹⁸ **Moqtada al-Sadr** tinha relações de parentesco com dois Grandes Ayatolás que o precederam: Grande Ayatolá Muhammad al-Sadr e Grande Ayatolá Sayyid Muhammad Baqir al-Sadr. Baqir foi quem iniciou o movimento “antiquietista”, que se opunha à visão tradicional de que o clero islâmico deveria se manter removido da vida política. Ambos Muhammad e Baqir al-Sadr foram assassinados a mando de Saddam Hussein por causa de sua proeminência política. O pai de Moqtada, Sadiq al-Sadr era primo de Baqir al-Sadr, e o sucedeu em 1993 como Ayatolá, assumindo uma forma mais discreta do movimento “antiquietista”, mas mais envolvida com a população pobre – envolvendo-se em seu cotidiano. Sadiq foi assassinado, também a mando de Saddam Hussein, em 1999, mas deixou um legado ideológico capaz de mobilizar pobres e estudantes xiitas. Sadiq havia indicado como seu sucessor o Ayatolá Kadhim al-Ha'iri, mas este, já habitando no Irã, delegou a Moqtada responsabilidades que estavam acima de seu “escalão” na hierarquia religiosa.

incorporadas ao Exército Iraquiano nascente, e muitas já haviam sido treinadas por assessores estadunidenses (CORDESMAN; DAVIES, 2008, p. 26; 40-42).

4.3 ESTRATÉGIA AMERICANA DE CONTRAINSURGÊNCIA – OS CASOS DE FALUJA E TAL AFAR

Nesta seção, pretende-se identificar os diferentes modelos para a contra-insurgência estadunidense no Iraque. Na contra-insurgência no Iraque, podem-se identificar duas “abordagens” consolidadas e uma incremental. A primeira pode ser representada pelas operações Vigilant Resolve e Phantom Fury em Faluja, com as tropas americanas recuadas nas Bases Avançadas de Operação (FOB, sigla em inglês para Forward Operating Bases), executando missões de “busca e destruição”¹¹⁹ na cidade, com um elemento alienação e mesmo hostilidade à população. A segunda abordagem foi testada pela Operação Restoring Rights, em Tal Afar, mas pode também ser ilustrada pela Operação Together Forward, em Bagdá. Trata-se de uma abordagem com maior ênfase na presença das tropas no território a ser pacificado, nos moldes das operações de “limpeza e consolidação”¹²⁰ mais empática e próxima em relação à população. A abordagem incremental é representada pelo New Way Forward. Trata-se de uma abordagem semelhante, em essência, a limpeza e consolidação, com um proporcional aumento de tropas e eliminação de contingências políticas que viriam a possibilitar um maior sucesso.

Durante o ano de ocupação, os EUA e a CPA perseguiram uma estratégia multifacetada para a reconstrução do Iraque. As Forças Armadas, em particular, estabeleceram quatro linhas de operações, que exigiriam trabalho simultâneo para estabilizar o país:

- a) política (governança);
- b) economia;
- c) serviços essenciais; e
- d) segurança.

¹¹⁹ Operações de **Busca e Destruição** (“search and destroy”), em que são enviadas unidades terrestres a território hostil para “procurar” o inimigo e então “destruí-lo”, se retirando da área imediatamente depois.

¹²⁰ Operações de **Limpeza e Consolidação** (“Clear and hold”) procura-se limpar o território de inimigos/insurgentes (podendo, para isso, utilizar-se de operações de busca e destruição) para, depois, estabelecer autoridade policial local que mantenha esse território sob controle, impedindo que o inimigo retorne (USA, 2004, p.3.11-3.12).

Por óbvio, a prioridade das Forças Armadas era a Segurança, enquanto as outras linhas de operações tomariam um esforço secundário (DALE, 2008, p. 42). É importante destacar que, mesmo no âmbito da segurança, a prioridade era o treinamento das forças de segurança iraquianas para que pudessem assumir a responsabilidade, e não a segurança populacional. Este foco só seria invertido com as operações do New Way Forward e do Surge, sobre os quais trataremos abaixo (DALE, 2008, p. 53).

A estratégia de segurança era majoritariamente agressiva, tomando a forma de uma contra-insurgência destrutiva em relação à própria população civil. Nesta fase foi detido um grande número de iraquianos e foram relatados abusos aos presos em Abu Ghraib, como já mencionado. Em resumo, a hostilidade à população civil, as diversas prisões e abusos cometidos foram fonte de insatisfação crescente em meio à população. Ao fim do ano de ocupação, a situação securitária no Iraque se encontrava ainda pior que no pós-guerra imediato. A falta de recursos humanos e materiais fez com que não fosse possível implementar de forma coordenada as quatro linhas almejadas (DALE, 2008, p. 44).

4.3.1 Faluja: a Operação Phantom Fury

A cidade de Faluja encontra-se na província de Al Anbar, no triângulo sunita¹²¹, a oeste do país. Até a Operação Iraqi Freedom, a região gozava de relativa independência e participava ativamente da vida política iraquiana. Durante a OIF, a região ficou sob a responsabilidade inicial de forças de operações especiais (SOF, na sigla em inglês); mas com o fim dos combates majoritários, passou à responsabilidade do 3º Regimento de Cavalaria Blindada. Já no outono de 2003 (setembro a dezembro), passou à responsabilidade da 82ª Divisão Aerotransportada e, depois de seis meses, sob a responsabilidade da I Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais (I MEF). Deve-se ressaltar: trocou-se o comando da região pelo menos três vezes no espaço de um ano (DALE, 2008, p. 44).

Inicialmente, a cidade de Faluja não se opôs tão fortemente à invasão estadunidense. Foram organizados conselhos de governo e patrulhas de segurança na

¹²¹ **Triângulo Sunita** – área em formato de triângulo densamente povoada por sunitas a noroeste de Bagdá. Seus vértices estão na em Bagdá, ao sul, Ramadi, a oeste e Tikrit, ao norte, compreendendo ainda as cidades de Baquba, Faluja e Samarra. A região era o grande esteio de apoio do governo de Saddam, de onde saiam grande parte das lideranças do Baath e da burocracia do Estado iraquiano. Não confundir com o Triângulo da Morte, área entre Bagdá e Hillah, também de população sunita.

cidade, de forma a prevenir os saques e a destruição que se espalharia pelo restante das cidades do país. Quando a 82ª Divisão Aerotransportada assumiu o comando na região, diminuiu drasticamente a presença de soldados nas ruas de Faluja, com um decréscimo de 60% nos índices de violência. Quando se trocou novamente o comando na cidade, a IMEF assumiu uma postura mais agressiva, com incursões mais longas e violentas no território da cidade. Além disso, na tentativa de colocar a cidade novamente sob a órbita do IGC, são enviadas à cidade forças policiais recém-constituídas – formadas largamente por xiitas (ROWLEY, 2013, n.p.). O período também era conturbado pelos escândalos relacionados aos maus tratos a prisioneiros em Abu Ghraib, que recém eram revelados a público. Os presos, em sua maioria políticos ou membros das forças armadas de elite, tinham parentes e amigos na região de Faluja, mesmo por serem de maioria sunita.

O incidente catalisador para a intensificação das operações de contra-insurgência em Faluja, entretanto, foi uma consequência direta da presença das PMCs no Iraque. E em 31 de março de 2004; quatro terceirizados da Blackwater foram brutalmente assassinados e mutilados por insurgentes e população locais. Os subcontratados da Blackwater escoltavam um comboio kuaitiano em uma rota que passava pelo centro de Faluja. Os carros desaceleraram em virtude do trânsito da cidade quando foram alvo de uma emboscada insurgente. Os contratados foram mortos pela população local, desmembrados, arrastados pela cidade e os corpos de dois deles foram pendurados em uma ponte no centro da cidade.

É importante mencionar que não houve coordenação entre a Blackwater e a IMEF; esta última só ficou ciente do ocorrido quando um jornalista incorporado à unidade repassou as notícias do que ocorria na cidade. Ainda, segundo Singer (2007, online):

Um segundo aspecto notável sobre este incidente é como o comboio de subcontratados foi parar naquele lugar, primeiramente. [...] Enquanto o contrato exigia [equipes de] pelo menos seis homens em veículos blindados, e tempo para uma avaliação de risco de rota e planejamento pré-viagem, a empresa havia reunido às pressas uma equipe de quatro homens, que nunca haviam treinado juntos, e os enviaram sem veículos blindados. ou até mesmo uma rota bem definida. Mais tarde, descobriu-se que a missão crítica em que os homens estavam sendo levados às pressas era escoltar um [carregamento de] equipamentos de cozinha. A Blackwater acabara de ganhar o contrato e supostamente queria mostrar ao cliente, uma holding do Kuwait, que poderia fazer o trabalho (SINGER, 2007, online, tradução nossa)¹²².

¹²² Do original em inglês: “The second notable aspect of this incident is how the contractor convoy ended up there in the first place. While the contract had called for at least six men in armored vehicles and

A resposta estadunidense chegou já em 4 de abril de 2004, na forma de uma operação militar, sob o codinome de “Vigilant Resolve”. A operação Vigilant Resolve foi planejada como uma demonstração de força esmagadora com o objetivo de esmagar o que restasse dos apoiadores do antigo regime e, principalmente, capturar os responsáveis pela morte dos empregados da Blackwater. As estradas foram bloqueadas, hospitais foram fechados, e iniciaram-se bombardeios contra o que se consideravam posições inimigas (incluindo mesquitas que, acreditavam os estadunidenses, abrigavam depósitos de armamentos). A resistência, entretanto, foi ainda maior do que o esperado, contando com o apoio, em armas e homens, do Exército Mahdi. A insurgência se espalhou pela província de Al Anbar, extraindo custos crescentes, tanto das forças estadunidenses quanto da própria população civil. (ROWLEY, 2013, n.p.).

Com a imprensa internacional reportando mortes de civis, a pressão contínua do IGC, que desde o início havia se oposto à Vigilant Resolve, e a opinião doméstica crescentemente contrária às operações em Faluja, Os EUA declararam um cessar fogo unilateral em maio de 2004, buscando resguardar a opinião pública estadunidense, que devia ir às urnas em novembro daquele ano. A cidade ficou sob o controle da Brigada de Faluja¹²³ (ROWLEY, 2013, n.p.; WRIGHT, 2009; DALE, 2008).

O cessar-fogo americano dá aos insurgentes em Faluja uma sensação de vitória, que incentivaria suas atividades. Ao mesmo tempo, intensifica-se na região de Al Anbar a penetração do terrorismo estrangeiro, através das fronteiras com a Jordânia e a Síria. Com o influxo de sunitas estrangeiros, os líderes locais da insurgência gradativamente perderam o controle sobre o conjunto da insurgência sunita, que passa a cometer atentados sectários contra alvos xiitas. Além disso, nesse contexto, surge a figura de Abu Musab al-Zarqawi. Zarqawi surge como líder insurgente no momento em que sua imagem percorre o mundo através de execuções filmadas e postadas em vídeo, algo muito similar ao famoso *modus operandi* do Estado Islâmico em mídias sociais. Zarqawi torna-se, então, o insurgente mais procurado, identificado retroativamente

time for a route risk assessment and pre-trip planning, the firm had rushed together a team of four men, who had never trained together, and sent them out without armored vehicles or even good directions. It later turned out that the critical mission the men were being rushed into was escorting some kitchen equipment. Blackwater had just won the contract and reportedly wanted to impress the client, a Kuwaiti holding company, that it could get the job done”.

¹²³ **Brigada Faluja** – uma unidade ad hoc formada por combatentes locais de Faluja, comandada pelo General Muhammad Latif (antigo subordinado do regime baathista). A Brigada Faluja supostamente teria se comprometido a manter a paz na cidade, mas foi cooptada pelos insurgentes em Faluja (DALE, 2008; WRIGHT; REESE, 2008).

como o comandante de grande parte dos atentados realizados no Iraque. Sua captura se torna a prioridade na agenda dos EUA no Iraque (ROWLEY, 2013, n.p.).

Com a degradação da situação em Faluja, começou em setembro o planejamento para a Operação Phantom Fury/Al Fajr. A operação teria lugar apenas depois das eleições presidenciais nos Estados Unidos da América (de forma a não se tornar um ponto de debate dessas eleições, ou um motivo para a rejeição de George W. Bush). A estratégia utilizada na operação foi fortemente influenciada pela política em Washington: desejava-se um uso de força esmagadora, buscando tomar a cidade aliviando o sentimento de impunidade após a morte dos contratados da Blackwater, que havia gerado tanta comoção nos EUA (ROWLEY, 2013, n.p.; DALE, 2008, p. 45-46).

Os preparativos para a Operação iniciaram com o isolamento físico de Faluja através de barreira e com avisos à população para que evacuasse a cidade. Dos cerca de 300 mil habitantes, estima-se que entre 70 e 90% da população tenha evacuado a cidade, e que cerca de 4,5 mil insurgentes tenham permanecido. Foi cortada a energia elétrica na cidade e intensificaram-se os bombardeios (ROWLEY, 2013, n.p.; WRIGHT; REESE, 2008, p. 346).

A Operação Phantom Fury iniciou oficialmente em oito de novembro de 2004, com uma força de 13 mil soldados (tanto estadunidenses quanto iraquianos) que equivalem a dois Times de Combate Regimental – RCT-1 dos Fuzileiros Navais (composto pela Força Tarefa do 2º Batalhão do 7º Regimento de Cavalaria, pelo 3º Batalhão do 5º Regimento dos Fuzileiros Navais e pelo 3º Batalhão do 1º Regimento dos Fuzileiros Navais) e o RCT-7 dos Fuzileiros Navais (Força Tarefa do 2º Batalhão do 2º Regimento de Infantaria, 1º Batalhão do 8º Regimento dos Fuzileiros Navais e 1º Batalhão do 3º Regimento dos Fuzileiros Navais), um Time de Combate de Brigada (2º BCT da 1ª Divisão de Cavalaria), seis batalhões iraquianos (sob o comando dos RCTs dos Fuzileiros Navais) e um batalhão de elite britânico – o 1º Batalhão do Regimento Black Watch (CAMP, 2009, p. 123-131; WRIGHT; REESE, 2008, p. 352).

O BCT-2 ficava com a função de isolar a cidade, impedindo que insurgentes saíssem da cidade ou recebessem reforços de fora. O 1º Batalhão da Black Watch recebeu a tarefa de patrulhar as principais rotas de suprimentos entre Faluja e Bagdá, garantindo os suprimentos para a Operação Phantom Fury e impedindo a chegada de reforços para os insurgentes em Faluja. Os dois RCTs invadiram a cidade a partir de posições ao Norte, próximo às linhas de trem e à própria estação de trem de Faluja. O RCT-1 deveria atacar a oeste, tomando o Distrito de Jolan, enquanto o RCT-7 seguiria

para a tomada do Centro de Governo. A idéia era de que as duas Forças Tarefas do Exército (FT 2-7 e FT 2-2) fossem a ponta de lança da invasão da cidade, numa investida em profundidade para romper a capacidade insurgente de defesa. Em um segundo momento, os RCTs deveriam “limpar” a cidade, ou seja, procurar e deter ou eliminar os insurgentes. O combate foi majoritariamente de casa em casa, uma vez que os insurgentes buscavam abrigo nos edifícios ao seu redor, os quais fortificavam e guarneciam com armadilhas e artefatos explosivos improvisados (IEDs, na sigla em inglês de Improvised Explosive Devices), de forma a dificultar o esforço americano (CAMP, 2009, p. 131; WRIGHT; REESE, 2008, p. 352-355).

A resistência insurgente começou a decair já em 13 de novembro daquele ano, e nas semanas seguintes as forças estadunidenses se dedicaram a eliminar pequenos focos de resistência e a lidar com ataques esporádicos. Em 23 de dezembro daquele ano, considerava-se que a cidade estava completamente sob controle estadunidense. Pelos registros oficiais do governo dos EUA (Dale, 2008 e Wright; Reese, 2008)¹²⁴, dos 39 mil edifícios na cidade, cerca de 18 mil haviam sido destruídos ou danificados. Foram mortos 2 mil insurgentes, e mais 1.200 foram detidos. (DALE, 2008, p. 46; WRIGHT; REESE, 2008, p. 357). Ainda, estima-se que cerca de 800 civis tenham sido mortos durante o conflito (ROWLEY, 2013, n.p.).

Importa ainda destacar a alegada utilização de armas incendiárias, como fósforo branco e similares de napalm, contra civis durante o conflito em Faluja. O documentário “Fallujah: The Hidden Massacre”, de Sigfrido Ranucci e Maurizio Torrealta (2005), traz relatos pessoais e evidências argumentando o possível uso de fósforo branco¹²⁵ e de bombas incendiárias Mark 77¹²⁶ contra insurgentes e civis em Faluja. Tais evidências podem ser corroboradas, ao menos em parte, pelos relatórios pós-ação e depoimentos de soldados americanos (US USED..., 2005).

¹²⁴ Das duas referências citadas como oficiais, a primeira (Dale, 2008) é um relatório do Congressional Research Service, órgão que emite documentos para informar os membros do Congresso Estadunidense acerca das decisões a serem tomadas; o segundo (Wright; Reese 2008) é a historiografia oficial do Departamento de Defesa Estadunidense acerca dos 18 meses que se seguiram ao fim da fase de combates majoritários da Operação Iraqi Freedom.

¹²⁵ **Fósforo Branco** – é uma forma alotrópica do elemento fósforo. É uma forma altamente inflamável e pirofórica (auto-incendiária) do fósforo, utilizada para a confecção de munições incendiárias (além de munições de fumaça e iluminação). Como arma incendiária, queima ferozmente tecidos, pele, combustíveis, munições dentre outros. Sobre a pele, seu efeito é ainda mais profundo, uma vez que tende a aderir aos tecidos, podendo gerar queimaduras de 3º grau e, mesmo, superior.

¹²⁶ **Mark 77** – a bomba Mark 77 é a sucessora da Mark 47 (bomba de napalm), e utiliza uma combinação em gel de um combustível com base em querosene com baixa concentração de benzeno somada a agentes oxidantes ou comburentes (tornando a combustão resultante mais difícil de ser extinguida), ao contrário do napalm, formado por gasolina, benzeno e poliestireno. A diferença entre os dois agentes incendiários é meramente técnica. Na prática, os efeitos sobre seres humanos são bastante similares.

Seis semanas após o início da Operação, permitiu-se que os habitantes da cidade comecem a retornar a Faluja, para que encontrem suas posses destruídas e a maioria dos serviços públicos interrompidos (DALE, 2008, p. 46). Como compensação e condolências, a coalizão pagou aos cidadãos de Faluja risíveis US\$2.500,00¹²⁷ (WRIGHT; REESE, 2008, p. 358). Procurou-se ainda manter o controle sobre os cidadãos que voltavam a Faluja através de um sistema de revistas de segurança e passes para a população em geral e de identificação biométrica (através de impressão digital e escaneamento de retina) para residentes homens (DALE, 2008, p. 46). Mesmo assim, os insurgentes e organizações terroristas gradativamente voltaram à cidade (DALE, 2008, p. 46), provavelmente encontrando um apoio ainda maior na população local.

A contra-insurgência em Faluja teve uma forma extremamente agressiva e alienante em relação à população local. As primeiras fases (principalmente antes do assassinato dos subcontratados da Blackwater e no intervalo entre as operações Vigilant Resolve e Phantom Fury) seguiram um padrão muito similar ao das operações de busca e destruição do Vietnã: incursões de forças terrestres a um território hostil com o objetivo de “procurar” (search) focos de insurgência para então “destruí-lo” (destroy), abandonando-se a área imediatamente após a eliminação do inimigo. Esta abordagem não procura estabelecer vínculos com a população local, tendendo a hostilizá-la. Na Operação Phantom Fury, solicitou-se que seus habitantes (cerca de 250 mil) evacuassem a cidade, sem que fosse preparada nenhuma infraestrutura para recebê-los; quando retornaram a infraestrutura da cidade encontrava-se severamente prejudicada, afetando, segundo os próprios registros estadunidenses, cerca de 50% dos edifícios da cidade. Não é de se estranhar que os cidadãos de Faluja tenham novamente cultivado sentimentos de antiamericanismo e voltado a abrigar insurgentes em seu território. A distância entre a força de contra-insurgência e a população impediu que se formassem vínculos entre ambos, impediu que houvesse identificação do objetivo comum de pacificar a região. Como veremos a seguir, uma abordagem alternativa, mais próxima da população civil, como ocorreu em Tal Afar, poderia ter feito a diferença.

¹²⁷ Em valores atualizados, o montante pago a cada residente chega a US\$3.350,00 (USD 2018). Não se pode considerar que tal montante represente uma grande compensação monetária, ainda mais para famílias que tenham perdido seus lares e viviam em uma economia de crise.

4.3.2 O Caso de Tal Afar

A cidade de Tal Afar se localiza na província de Ninewa, a meio caminho entre Mossul e a fronteira com a Síria. Trata-se de uma cidade de cerca de 300 mil habitantes, com grande diversidade étnico-religiosa (árabes, turcomanos e curdos, sunitas e xiitas). É estrategicamente importante devido a sua posição, como meio de passagem de recursos para os insurgentes, e também como base para treinamento, organização e equipamento das forças insurgentes. Durante a OIF e, mesmo, até o início de 2004, ficou sob a responsabilidade da 101ª Divisão Aerotransportada, mas, no início de 2004, foi atribuída a uma Brigada Stryker, reduzindo substancialmente a presença da Coalizão na região. Nesse contexto, Tal Afar se transforma em uma das bases de operação para insurgentes de bases variadas, tanto de apoiadores do antigo regime quanto de extremistas islâmicos e elementos estrangeiros (FINER, 2017, online; DALE, 2008, p. 46-47).

A Contra-insurgência (COIN) em Tal Afar foi concebida como modelo de uma nova forma de contra-insurgência para as Forças Armadas dos Estados Unidos. A Operação de (COIN) em Tal Afar ficaria conhecida como Operação Restoring Rights e seria levada a cabo pelo 3º Regimento de Cavalaria Blindada, comandado pelo então Coronel H. R. McMaster¹²⁸ (FINER, 2017, online; DALE, 2008, p. 46; RICKS, 2006; online). O novo modelo seria caracterizado por uma abordagem mais humanizada, buscando uma maior aproximação com a população para resolver o problema da insurgência.

As diferenças já começaram no treinamento dos soldados e oficiais que levariam a cabo a Operação Restoring Rights: os soldados treinavam situações reais em que teriam que lidar com cidadãos de Tal Afar; eram incentivados a aprender a língua local, para melhor se comunicarem com a população; eram incentivados a exercitar a empatia e procurar compreender melhor as motivações da população, a tratá-la com respeito; (FINER, 2017, online; PACKER, 2006, online). A ideia era de que o foco não poderia ser apenas em deter e eliminar insurgentes, mas também em proteger e ganhar corações

¹²⁸ **H. R. McMaster** é veterano das Guerras do Golfo de 1991 e de 2003, e hoje é um general da reserva do Exército dos Estados Unidos. Tem uma produção intelectual ativa, incluindo o livro (derivado de sua dissertação) “DerelictionofDuty”, no qual versa sobre o Vietnã, e a monografia “Crack in the Foundation”, sobre a transformação militar estadunidense que, à época, estava em curso. Em 2017 foi alçado ao cargo de Assessor de Segurança Nacional do governo do Presidente Donald Trump, cargo que ocupou até abril de 2018.

e mentes de civis, para que estes não deixassem os primeiros se reinstalarem em seu convívio (FINER, 2017, online).

McMaster, portanto, dava ênfase à presença como forma de obter resultados duradouros, através de lições que seriam implementadas:

- a) manter forças na região, mesmo após a eliminação dos insurgentes, para impedir que voltem a se instalar (ainda mais tendo em vista que as forças iraquianas ainda não eram suficientemente fortes para lhes fazerem frente);
- b) derrotar a campanha de intimidação do inimigo sobre a população, provendo segurança aos cidadãos que contribuem com o esforço de contra-insurgência;
- c) deixar claro, para a população, as intenções da força, através do desenvolvimento de relações de confiança, de ações, do diálogo com a população e da solução de agravos locais;
- d) permanecer dentro das cidades (e não nas FOBs), mostrando à população a presença e a disponibilidade para cooperação; 5) Minimizar a destruição na cidade e da propriedade dos cidadãos (MCMMASTER apud FINER, 2017, online).

A Operação Restoring Rights incluiu meses de preparação in loco, com um ritmo deliberado, desacelerado. Isso porque priorizou-se o estabelecimento de boas relações com líderes locais sunitas e xiitas e com a própria população, cuja cooperação seria essencial durante as fases de preparação, de combate e de manutenção dos insurgentes fora da cidade. Procurava-se sempre manter engajado o exército iraquiano nas atividades, sendo que o treinamento das forças iraquianas também uma prioridade das operações no Iraque. Inicialmente, também se reforçou a segurança na fronteira com a Síria, buscando impedir a entrada de insurgentes estrangeiros, e procurou-se destruir refúgios insurgentes no deserto, estabelecendo bases de patrulha em seu lugar (DALE, 2008, p. 47; RICKS, 2006, online).

Inicialmente, construiu-se um acostamento (barreira) de terra ao redor da cidade, de modo a mantê-la isolada, com pontos de checagem para que se pudesse controlar e estudar os movimentos de entrada e saída na cidade – um dos princípios da contra-insurgência clássica, controlar e acompanhar a movimentação da população (DALE, 2008, p. 47; RICKS, 2006, online). Preparou-se um acampamento para os civis ao sul da cidade, para atender às necessidades dos cidadãos, a quem se pediu que saíssem da cidade por sua própria segurança. Já nesses processos (acompanhamento das

movimentações dos cidadãos e evacuação da população civil) mais de 120 insurgentes foram detidos (RICKS, 2006, online). Apenas depois disso iniciaram-se as operações de combate na cidade, em setembro de 2005.

O grosso do conflito ocorreu entre 2 e 6 de setembro, período em que se procurou “limpar” a cidade, quadra a quadra. Buscou-se limitar a destruição dos edifícios e infraestrutura da cidade, sem, entretanto, deixar de lado a linha dura contra a insurgência. Segundo Pike (2011a) artefatos explosivos improvisados foram destruídos com o uso de helicópteros de ataque e detonações; alvos de liderança foram atacados por cavalaria, com o suporte de infantaria na cidade. Ao fim e ao cabo, foram 118 insurgentes mortos e cerca de 341 capturados. Também foram descobertos diversos estoques de armamentos pela cidade. A maioria dos insurgentes, entretanto, conseguiu fugir da cidade (PIKE, 2011a, online).

A próxima fase seria voltada à manutenção da paz, da lei e da ordem na cidade. Nesse sentido, foram estabelecidos 29 postos de patrulha nas principais vias da cidade. Os postos de patrulha, em conjunção com patrulhamento constante, claro, garantiam que a maior parte das movimentações nas ruas principais da cidade fosse observada. Os postos de patrulha também serviam como bases ad hoc para ataques lançados dentro da cidade, evitando a previsibilidade de ataques vindos da base principal (RICKS, 2006, online).

Os postos de patrulha serviam, também, ao propósito de aproximar da população as forças de contra-insurgência. Buscou-se integrar as diferentes divisões étnico-religiosas como parte da força policial da cidade, principalmente os sunitas, que desconfiavam profundamente da polícia, que, como a maioria da nova administração do Estado no Iraque, era xiita. Entretanto, com o aumento da confiança nas forças estadunidenses, aumentou, também, a quantidade de recrutas sunitas, chegando a 60% dos 1400 policiais recrutados (RICKS, 2006, online).

Por fim, a permanência de soldados e oficiais dentro da cidade serviu ao duplo propósito de aproximar, por meio de experiências cotidianas semelhantes¹²⁹, população e forças de contra-insurgência e de ilustrar seu objetivo comum: a pacificação da cidade e a eliminação da ameaça insurgente. Com a aproximação constante e o aumento da confiança, a própria população passava a informar oficiais iraquianos e estadunidenses

¹²⁹ Experiências cotidianas em comum, como faltas de energia, barulho de tiros durante a noite, a própria convivência em sociedade. O próprio fato de o soldado não permanecer em uma base externa à cidade, onde tem acesso a serviços indisponíveis aos cidadãos, já ajuda na identificação entre soldados/oficiais e civis, diminuindo hostilidades.

sobre atividades insurgentes dentro da cidade, cooperando com o esforço para capturar elementos (MCMMASTER, 2006, online; RICKS, 2006, online).

A experiência americana em Tal Afar retoma o conceito de Creighton Abrams¹³⁰ de “clear and hold” (limpar e assegurar). Neste tipo de contra-insurgência, procura-se limpar o território de inimigos (no caso, insurgentes) para, depois, estabelecer autoridade policial local que mantenha esse território “limpo” de inimigos. A idéia é de que selecionem localidades (cidades ou regiões) estratégicas para os esforços iniciais para que depois sirvam de base para a expansão da operação (USA, 2004, p. 3.11-3.12).

A administração estadunidense ainda incrementaria o conceito, adicionando-lhe uma fase. O conceito de “clear, hold and build” adicionava um fator de construção, não apenas no sentido estrito, de reconstrução de infraestruturas destruídas, mas no amplo, referente à construção de instituições nacionais, que tornassem duradouros os efeitos da contra-insurgência. Ainda, importa mencionar que, nos meses seguintes à Operação Restoring Rights, foi lançada a uma nova “Estratégia Nacional para a Vitória no Iraque”, que adotaria, novamente, três caminhos (política, economia e segurança) que deveriam ser perseguidos simultaneamente para re-estabilizar o Iraque (DALE, 2008, p. 48-49).

A Estratégia Nacional para a Vitória no Iraque, lançada em março de 2006, traria para cada elemento (política, segurança e economia) um processo de três etapas, que culminaria na construção de novas e robustas instituições para o novo Iraque. Para a política, tratava-se de:

- **Isolar** elementos inimigos daqueles que podem ser persuadidos a favor do processo político, através do combate à falsa propaganda, e demonstrando a todos os iraquianos que eles têm uma participação em um Iraque democrático.
- **Engajar** aqueles que estão fora do processo político e convidar aqueles que estão dispostos a se afastar da violência através de vias de participação sempre em expansão; e
- **Construir** instituições nacionais estáveis, plurais e efetivas, que possam proteger o interesse de todos os iraquianos, e facilitar a integração por completo do Iraque na comunidade internacional (USA, 2006, p. 1, grifos do original, tradução nossa)¹³¹

¹³⁰ O **Gen. Creighton Abrams** foi o penúltimo comandante das forças estadunidenses durante a Guerra do Vietnã, entre 1968 e 1972. Abrams foi responsável por uma mudança na estratégia de contrainsurgência estadunidense no Vietnã. Seus antecessores eram partidários da estratégia de “search and destroy” (procurar e destruir), em que são enviadas unidades terrestres a território hostil para “procurar” o inimigo e então “destruí-lo”, se retirando da área logo depois. Abrams foi partidário da estratégia de “clear and hold” (limpar e assegurar), descrita acima.

¹³¹ Do original em inglês: “**Isolate** enemy elements from those who can be won over to the political process by countering false propaganda and demonstrating to all Iraqis that they have a stake in a democratic Iraq; **Engage** those outside the political process and invite in those willing to turn away

Para a segurança, por sua vez:

- **Limpar** áreas de controle inimigo permanecendo na ofensiva, matando e capturando combatentes inimigos e negando-lhes refúgio seguro;
- **Manter** áreas livres da influência inimiga assegurando que permaneçam sob o controle do governo iraquiano com uma presença adequada da força de segurança iraquiana; e
- **Construir** as Forças de Segurança do Iraque e as capacidades das instituições locais de prestar serviços, promover o estado de direito e alimentar a sociedade civil (USA, 2006, p. 2, grifos do original, tradução nossa)¹³².

Por fim, para a economia:

- **Restaurar** a infraestrutura do Iraque, para que atenda a demanda crescente e as necessidades de uma economia em crescimento.
- **Reformar** a economia do Iraque, que no passado foi conformada pela guerra, pela ditadura e pelas sanções, para que ela seja autossustentável no futuro; e
- **Construir** as capacidades das instituições iraquianas para que possam manter a infraestrutura, reingressar na comunidade econômica internacional e melhorar o bem-estar geral de todos os iraquianos. (USA, 2006, p. 2, grifos do original, tradução nossa)¹³³.

As operações de contra-insurgência em Tal Afar foram consideradas exemplos e confirmação desta nova estratégia para a vitória no Iraque, e a nova estratégia tornou-se a base de uma nova operação, desta vez voltada para a pacificação de Bagdá: a Operação Together Forward.

from violence through ever-expanding avenues of participation; and **Build** stable, pluralistic, and effective national institutions that can protect the interests of all Iraqis, and facilitate Iraq's full integration into the international community".

¹³² Do original em inglês: "**Clear** areas of enemy control by remaining on the offensive, killing and capturing enemy fighters and denying them safe-haven; **Hold** areas freed from enemy influence by ensuring that they remain under the control of the Iraqi government with an adequate Iraqi security force presence; and **Build** Iraqi Security Forces and the capacity of local institutions to deliver services, advance the rule of law, and nurture civil society".

¹³³ Do original em inglês: "**Restore** Iraq's infrastructure to meet increasing demand and the needs of a growing economy; **Reform** Iraq's economy, which in the past has been shaped by war, dictatorship, and sanctions, so that it can be self-sustaining in the future; and **Build** the capacity of Iraqi institutions to maintain infrastructure, rejoin the international economic community, and improve the general welfare of all Iraqis".

4.3.2.1 A Operação Together Forward

Em 2006, verificou-se um grande crescimento na violência sectária em Bagdá. O atentado ao Santuário de Al-Askari¹³⁴ em fevereiro daquele ano já havia incentivado tensões crescentes entre sunitas e xiitas na cidade; a violência sectária, já exacerbada até então, explodiu a partir de oito de julho daquele ano, quando um homem-bomba cometeu um atentado em uma mesquita xiita em Bagdá. Nesse contexto, a resposta do Exército Mahdí no dia seguinte foi a de criar pontos de checagem na vizinhança de Hay al Jihad e iniciar uma política de eliminação de sunitas (URBAN, 2012, p. 163-164).

O plano para a Operação Together Forward já havia sido anunciado pelo primeiro ministro iraquiano Nuri al-Maliki ainda em 14 de junho daquele ano, e a Operação teve início oficialmente em 9 de julho. Segundo Dale (2008, p. 50), foi mobilizado um contingente de 51 mil combatentes¹³⁵ – em sua maioria iraquianos; apenas 7.200 dos combatentes pertenciam a forças da coalizão. As operações envolviam novas medidas de segurança, como um novo toque de recolher (entre 21 h e 6 h), restrições mais severas ao porte de armas, novas linhas de denúncia e pontos de checagem, além de mais patrulhas de polícia. Segundo o planejamento, as forças da coalizão ficariam responsáveis por limpar as vizinhanças do controle insurgente, enquanto as forças iraquianas ficariam com a responsabilidade de assegurar que as vizinhanças não seriam retomadas pelos insurgentes (PIKE, 2011b, online).

A resistência insurgente foi intensa, a ponto de a Operação ser considerada um fracasso (DALE, 2008, p. 50). Observadores consideraram que a falha principal se deu por causa do reduzido contingente empregado na Operação; o reduzido contingente não era capaz de fazer a transição entre a fase de limpeza das vizinhanças (clear) e a fase de consolidação da pacificação (hold). Os insurgentes buscavam constantemente retomar território, então as forças da coalizão estavam constantemente engajadas na primeira fase do processo “Clear, Hold, Build” (DALE, 2008, p. 51).

¹³⁴ O **Santuário e Mesquita de Al-Askari** em Samarra é um dos principais locais sagrados para os xiitas no Iraque e no mundo. Construído no ano de 944, preservava os restos mortais dos 10º e 11º Imans (líderes supremos xiitas, por serem sucessores de direito do Profeta) do Xiismo, Ali al-Hadi e seu filho Hasan al-Askari. O Santuário foi alvo de um atentado em 22 de fevereiro de 2006, quando membros da Al Qaeda no Iraque explodiram bombas no local, destruindo seu domo característico.

¹³⁵ Dale (2008) ainda indica que, do contingente de 51 mil combatentes, cerca de 21 mil correspondiam à Polícia iraquiana, 13 mil à Polícia Nacional iraquiana; 8,5 mil ao Exército iraquiano e 7,2 mil a combatentes da coalizão.

4.3.3 New Way Forward (Surge): O Aumento de Tropas (2007)

Com o fracasso da Operação Together Forward, em fins de 2006, a liderança estadunidense inicia uma reavaliação estratégica acerca da Guerra do Iraque: decidiu-se perseguir o “Novo Caminho a Seguir” (New Way Forward). O New Way Forward considerava importantes todas as esferas definidas pela Nova Estratégia Nacional para a Vitória no Iraque (política, segurança, economia), mas era baseado no argumento de que a esfera segurança era um pré-requisito para que se pudesse haver progresso nas outras. O New Way Forward, portanto, teria a segurança como prioridade. A ideia era de que melhoras na segurança permitiriam que o governo iraquiano pudesse progredir nas demais áreas (DALE, 2008, p. 51-52).

Com o intuito de contribuir com os esforços do New Way Forward, o governo estadunidense decidiu por aumentar o contingente estadunidense no Iraque, no que ficou conhecido como o “Surge”, palavra em inglês que traduz um aumento súbito e considerável. As forças adicionais teriam uma função semelhante ao precedente “limpar, assegurar, construir” (DALE, 2008, p. 53): deveriam “auxiliar os iraquianos a limpar e assegurar as vizinhanças, ajudar a proteger a população local e a garantir que as forças iraquianas deixadas nas vizinhanças são capazes de prover a segurança que Bagdá” necessitava (USA, 2007, online). O contingente deslocado ao Iraque, durante o Surge, chegou a 168 mil combatentes, em outubro de 2007 (DALE, 2008, p. 53).

Como já mencionado acima, o Surge traz uma mudança nas prioridades das operações estadunidenses. Anteriormente, a prioridade era o treinamento e formação das forças de segurança iraquianas, para que pudessem assumir a responsabilidade sobre a segurança do país. Embora não tenha deixado de ser um objetivo principal, o treinamento das forças iraquianas passa a ser secundário em relação ao objetivo da segurança populacional, que assume prioridade máxima (DALE, 2008, p. 53).

O Surge não trouxe ao Iraque apenas um aumento de tropas, mas também uma abordagem revisada a respeito da contra-insurgência. Uma nova ênfase sobre o princípio do controle populacional trouxe o uso extensivo de barreiras de concreto, aumento do número de pontos de checagem, toques de recolher, além do uso de tecnologias biométricas para a identificação de cidadãos. O objetivo era ter o controle das movimentações da população em cada vizinhança, dificultando o retorno de

insurgentes. O isolamento total de algumas comunidades trouxe a comparação com comunidades gradeadas (DALE, 2008, p. 54).

Também se procurou modificar o impacto das forças junto à população: as tropas da coalizão não deveriam mais ficar isoladas nas FOB, como era de praxe, mas, a exemplo de Tal Afar, os soldados e oficiais da coalizão deveriam conviver com as comunidades, vivendo e trabalhando em meio à população e participando de seu cotidiano – fazendo com que a população os visse como parceiros na segurança e reconstrução do Iraque (DALE, 2008, p. 54). Nesse sentido, foram criadas Estações de Segurança Conjunta (JSS, do inglês, Joint Security Stations)¹³⁶ e pequenos Postos Avançados de Combate (COPs, do inglês, Combat Outposts)¹³⁷ em áreas povoadas, que permitiam, segundo o Gen. David Petraeus, o desenvolvimento de relações com a população local (DALE, 2008, p. 55).

As operações do Surge continuaram se baseando nas etapas de “limpar, assegurar e construir”, mas com uma mudança principal em relação ao que havia sido definido para a Operação Together Forward: agora, as forças estadunidenses seriam responsáveis também por assegurar as vizinhanças que tivessem “limpado”, uma tarefa que anteriormente cabia às forças iraquianas. A idéia do aumento de tropas era a de fornecer contingente suficiente para tornar essa etapa possível. Além disso, outra mudança majoritária em relação à Operação Together Forward era que, com o New Way Forward, os combatentes estadunidenses não teriam mais restrições étnicas ou políticas quanto às vizinhanças pacificadas – nas operações anteriores, um impeditivo (DALE, 2008, p. 55-56).

O New Way Forward incluía, também, a Operação Fardh al-Qanoon, prevista para ser realizada entre 15 de janeiro e 15 de junho. Tratava-se de uma nova tentativa de estabilizar Bagdá, reduzindo seus níveis de violência. Os resultados da Fardh al-Qanoon, entretanto, foram mistos. Embora o número de assassinatos motivados por fundamentos sectários tenham diminuído na capital iraquiana, outras formas de violência sectária aumentaram, dentre elas a expulsão de sunitas para as periferias da

¹³⁶ A **Estação Conjunta de Segurança** abriga unidades das forças da coalizão, da Polícia iraquiana e do Exército iraquiano. Cada componente continua a responder a sua própria cadeia de comando, mas dividem espaço e inteligência (DALE, 2008, p. 55).

¹³⁷ Os **Postos Avançados de Combate** só abrigam componentes da coalizão, e geralmente são guarnecidos por unidades iguais ou menores que uma companhia estadunidense – 80 a 150 combatentes (DALE, 2008, p. 55).

cidade por milícias xiitas¹³⁸. Em maio de 2007, quatro meses após o início da Operação, das 457 vizinhanças de Bagdá, 155 estavam ainda transicionando pela fase de limpeza da operação, e 128, estando “limpas” de insurgentes, encontravam-se na fase seguinte, “assegurar”. Apenas 18 estavam na fase de retenção (última fase) em que as forças iraquianas eram as responsáveis por sua manutenção (CORDESMAN; DAVIES, 2008, 479-497).

Houve sucesso, entretanto, em retirar a al-Qaeda e outros grupos sunitas violentos da maior parte da cidade, mas estes não estavam derrotados e, mesmo assim, as milícias xiitas permaneciam na cidade. Outro fator é que a estabilização relativa de Bagdá não irradiou segurança ao restante do país, como se acreditava que aconteceria. Pelo contrário, com a queda da violência em Bagdá, houve aumento da violência em outras regiões do país (CORDESMAN, 2008, p. 497-503).

A ideia aqui é de que o New Way Forward e o Surge constituem um incremento em relação à versão anterior (representada pela Operação Together Forward), em que não haviam tropas suficientes para a consolidação da segunda fase (“hold”) da estratégia estadunidense de Clear Hold Build. Deve-se admitir que o sucesso do New Way Forward foi limitado, uma vez que a diminuição da violência em Bagdá foi acompanhada do aumento da violência em outras regiões do Iraque. Entretanto, ainda deve-se fazer a ressalva de que possivelmente os resultados pudessem ser diferentes caso esta tivesse sido a estratégia inicial estadunidense no Iraque: forças suficientes para pacificar e assegurar a segurança da população desde o início da ocupação.

Ainda importa mencionar aqui o movimento que ficou conhecido como **Despertar Sunita**, em que chefes tribais sunitas, da província de al-Anbar, iniciaram um processo de cooperação com as tropas estadunidenses, em uma aliança contra os insurgentes neo-salafistas/wahabitas, considerados radicais demais, mesmo para os padrões da região. O movimento tem suas raízes remotas nos Protetores do Deserto, que surgiram em 2005. Em 2005, líderes tribais em al Qaim e Haditha se voluntariaram para trabalhar lado a lado com soldados das Forças Especiais e Fuzileiros Navais para derrotar os insurgentes neo-salafistas (DALE, 2008, p. 86).

¹³⁸ Muito embora tenha-se realizado um acordo de cessar-fogo com Moqtada al-Sadr, o Exército Mahdi continuava atuante em Bagdá.

O Despertar, de fato, iniciou em fins de março de 2007, quando as tribos sunitas em al-Anbar começaram a resistir a al-Qaeda na região e a cooperar com as tropas estadunidenses e iraquianas na luta contra a organização. As forças da coalizão há anos tentavam ganhar os corações e mentes daquela população, mas o que finalmente forçou as tribos sunitas a cooperarem com os EUA foi o extremismo e o desrespeito aos costumes locais, praticados pelos insurgentes neo-salafistas na região (CORDESMAN; DAVIES, 2008, p. 511-515).

Com a aliança com os líderes locais, a violência contra as tropas estadunidenses caiu drasticamente na região. Além disso, o número de atentados em geral também diminuiu. Aumentou o número de recrutamentos para a polícia iraquiana na região, particularmente depois que se permitiu que os recrutas policiassem suas próprias áreas tribais, e também aumentou o número de recrutas de al-Anbar para outras forças de segurança no Iraque (CORDESMAN; DAVIES, 2008, p. 515-518).

4.4 A RETIRADA DAS TROPAS (2008-2011)

Em 2008, com a melhora incremental proporcionada pelo aumento de tropas, iniciaram-se as negociações para a retirada das tropas estadunidenses do país. No final de 2008, foi assinado um acordo prevendo que, em 2009, as tropas ianques se retirariam das cidades iraquianas, e que a retirada total das forças armadas estadunidenses se daria até o final de 2011. Iniciaram-se, então, as medidas para retomada completa do controle pelo governo iraquiano (VISENTINI, 2014, p. 114).

Quando assumiu seu posto em 2009, Barack Obama anunciou que teriam fim as operações militares estadunidenses no Iraque ainda em 2010, mas que uma força de transição de cerca de 50 mil combatentes ainda permaneceria no país para auxiliar no treinamento das Forças Armadas iraquianas. Gordon Brown, Primeiro-Ministro do Reino Unido, similarmente, anunciou o fim das operações britânicas no país. As últimas tropas foram retiradas em dezembro de 2011 (VISENTINI, 2014, p. 115-116).

4.5 SURGIMENTO DO ESTADO ISLÂMICO

Atualmente, o Estado Islâmico¹³⁹ (EI) controla um amplo território no Oriente Médio – tanto no norte e no oeste do Iraque, quanto no norte e no leste da Síria –, muito maior do que qualquer área previamente controlada por Osama bin Laden. A expansão de seu poder chegou a tal ponto que o EI assumiu o posto – antes ocupado pela al-Qaeda – de grupo jihadista¹⁴⁰ mais forte do mundo. O grande crescimento na movimentação destes insurgentes, nos últimos anos, sinaliza um fracasso da Guerra ao Terror, uma vez que a invasão do Iraque pelos EUA, em 2003, fez com que os sunitas fossem marginalizados e, também, o apoio ocidental a movimentos rebeldes na Síria criou um campo propício para o tipo de combate adotado pelo EI (COCKBURN, 2015, p. 23-24).

O rápido avanço do Estado Islâmico, em todo o norte do Iraque, em junho de 2014, capturando sua segunda maior cidade, Mossul, e ameaçando avançar em direção a Bagdá, atordoou especialistas em segurança internacional e lideranças políticas do Ocidente. O colapso e verdadeira debandada de milhares de soldados do exército iraquiano era uma demonstração cabal do fracasso da chamada política de reconstrução dos Estados Unidos e seus aliados no Iraque, depois de dez anos de ocupação e mais de 100 bilhões de dólares investidos em infraestrutura e segurança (NASSER, 2015, p. 20).

De acordo com Abdul Yosufi (2016, p. 109), a ascensão e a consolidação do EI ocorreu, principalmente, devido às decorrências do conflito sectário e da intervenção estadunidense. O conflito sectário por fomentar a insegurança na região e, com isso, propiciar a proliferação do salafismo¹⁴¹/wahabismo¹⁴². Logo, com a derrubada de

¹³⁹ **Estado Islâmico** – Chamado, inicialmente, de Estado Islâmico do Iraque e da Síria. Trata-se de combatentes jihadistas que, a partir de 2014 – no que ficou conhecido como os “Cem Dias” –, combinaram “fanatismo religioso e expertise militar para alcançar vitórias espetaculares e inesperadas contra forças do Iraque, da Síria e dos curdos” (COCKBURN, 2015, p. 31).

¹⁴⁰ **Jihadista** – É aquele que realiza ações militares em defesa do Islã; pratica a jihad – palavra árabe que significa esforço/empenho e, segundo o Corão, representa a missão de se autogovernar e de universalizar os preceitos islâmicos (COCKBURN, 2015, p. 203).

¹⁴¹ **Salafismo** – “do árabe salad (predecessores), que diz respeito ao profeta Maomé, seus aliados e às primeiras gerações deste, sendo um designativo genérico para vários movimentos islâmicos que, ao longo da história, defendem uma volta às origens da religião, desprezando várias inovações práticas e teológicas. O termo salafista é muito amplo, sendo a mais influente corrente atual o wahabismo” (COCKBURN, 2015, p. 205).

¹⁴² **Wahabismo** – “subdivisão do islamismo sunita, de caráter salafista, fundada pelo estudioso Muhammad ibnAbd Al-Wahhrab, no século 18, na região central da Península Arábica. O movimento busca fazer o islamismo retomar suas raízes originais, desprezando os ensinamentos das escolas e, não raro, hostilizando os muçulmanos que não partilham de sua visão particular do Islã – no que se incluem, sobretudo, os xiitas. Sua disseminação está ligada à ascensão do clã Al-Wahhab, há um longo período. O Estado surgido do clã, a Arábia Saudita, tornou-se fiel aliado do Ocidente. Também

Saddam, ampliou-se o financiamento – proveniente da Arábia Saudita e de seus aliados – aos grupos insurgentes sunitas¹⁴³, que lutavam contra a tentativa xiita¹⁴⁴ de controle da região. Por conseguinte, a efetivação da exclusão sunita no poder do Iraque levou esta comunidade a apoiar o EI, que foi expandindo-se através da captura de províncias dominadas pelos sunitas e, eventualmente, proclamou seu Califado¹⁴⁵.

No que se refere às consequências da intervenção dos EUA no Iraque, o autor (YOSUFI, 2016, p. 109) apresenta duas razões:

- a) o fornecimento de um estímulo à mobilização popular em prol de uma insurgência que, mais tarde, evoluiria para o EI;
- b) a fraqueza das operações de contra-insurgência por parte dos EUA, já que a falta de uma resposta adequada permitiu o fortalecimento do movimento insurgente. Esta fraqueza pode ser constatada em três esferas:
 - política: fraca legitimidade, falta de um plano pós-intervenção e decisões políticas erradas (como o a desbaathificação e a dissolução das Forças Armadas iraquianas);
 - militar: tropas insuficientes e ausência de uma doutrina de contra-insurgência na fase inicial da intervenção;
 - administrativa: incompetência de fornecer serviços às pessoas e, portanto, a capacidade limitada do governo de conquistar a população.

Em resumo, “a falta de um compromisso de longo prazo dos EUA, a atitude hostil do governo iraquiano e a retirada prematura das tropas americanas levaram a um renascimento da insurgência”¹⁴⁶ (YOSUFI, 2016, p. 109, tradução nossa)¹⁴⁷.

se proclama guardião de Meca, em torno da qual foi erguido. O wahabismo exerce significativa influência no mundo islâmico, inspirando não só o regime de seu país, mas movimentos como o ISIS [Estado Islâmico] ou o BokoHarram” (COCKBURN, 2015, p. 206).

¹⁴³ **Islamismo sunita** – “professado pela maior parte dos muçulmanos, deriva da palavra árabe ‘sunnah’, que significa ‘hábito’, ‘prática usual’, ‘costume’ ou ‘tradição’. Possui subdivisões importantes, com sensíveis diferenças entre si, mas pode ser considerado o veio principal da religião islâmica. É a vertente mais popular na Península Arábica, Indonésia e no Magreb” (COCKBURN, 2015, p. 202).

¹⁴⁴ **Islamismo xiita** - “vertente minoritária do islamismo, cujo nome vem da palavra árabe ‘seguidor’, pois tal ramo funda-se na figura de Ali ibn Abi Talib, genro de Maomé, o qual é considerado o sucessor do Califado. Os xiitas atribuem autoridade espiritual à família e aos descendentes do Profeta, os quais seriam infalíveis. É majoritário em poucos lugares, nomeadamente no Irã, Iraque, Azerbaijão e no Bahrein” (COCKBURN, 2015, p. 202-203).

¹⁴⁵ **Califado** – forma de governo monárquica islâmica, sob comando de um califa, considerado um sucessor político do profeta Maomé. Historicamente, eram entidades políticas multiétnicas, transnacionais e cuja lei está submetida a shariah, a lei islâmica.

¹⁴⁶ Além disso, o autor aponta outro argumento, de que os centros de detenção estadunidenses no Iraque eram utilizados para a doutrinação de combatentes jihadistas e para encontros entre líderes da al-Qaeda – os quais, mais tarde, tornaram-se responsáveis pelo Estado Islâmico (YOSUFI, 2016, p. 109).

¹⁴⁷ Do original em inglês: “the lack of a long-term commitment from the US, unwelcoming attitude of Iraqi government and premature withdrawal of US troops led to a revival of the insurgency”.

O ISIS é filho da guerra. [...] Sua combinação tóxica, porém eficaz, de crenças religiosas extremas com capacidade militar é produto da guerra no Iraque desde a invasão norte-americana em 2003 e da guerra na Síria desde 2011. [...] Foram os Estados Unidos, a Europa e seus aliados regionais na Turquia, Arábia Saudita, Qatar, Kuwait e Emirados Árabes que criaram as condições para a ascensão do ISIS. Agora, os Estados Unidos e seus aliados tentam colocar as comunidades sunitas, no Iraque e Síria, contra o grupo, mas será difícil, num momento em que esses países estão convulsionados pela guerra. [...] Após ter transformado a cena política no Iraque e Síria, o jihadismo ressurgente já produz efeitos remotos na geopolítica global, com consequências sobre todos nós (COCKBURN, 2015, p. 50-51).

4.6 CONCLUSÕES PARCIAIS

Os objetivos da presente dissertação são os de explorar a influência das Doutrinas Bush e Rumsfeld na forma em que se deu o planejamento da Guerra do Iraque e analisar a influência dos resultados das operações no Iraque na própria condução política e militar das Operações na Guerra do Iraque e durante as operações de contra-insurgência. Já os objetivos deste capítulo procuraram abranger o surgimento, as respostas e as consequências da insurgência no Iraque. Eram eles:

- a) investigar os principais motivos e atores da insurgência iraquiana;
- b) aventar as principais respostas dadas pelos EUA a este movimento até a retirada americana em 2011; e
- c) verificar as consequências últimas da política americana no Oriente Médio.

Entretanto, à semelhança da política estadunidense para o Iraque, existe um objetivo oculto deste capítulo, qual seja averiguar o processo que levou ao fim do Capitalismo Monopolista de Estado no Iraque no pós-guerra. Nesse sentido, considera que embora o processo de desmonte do Capitalismo Monopolista de Estado (CME) tenha iniciado com a ocupação estadunidense, a insurgência fez do Iraque um Estado fraco, que muito pouco provavelmente retomará as rédeas de seu próprio desenvolvimento no curto prazo. Procuraremos, portanto, sintetizar estas conclusões preliminares a seguir.

Como já se destacou aqui, a redução do contingente estadunidense e o descaso em relação à estabilização do estado iraquiano durante o planejamento das operações (consequência das Doutrinas Bush e Rumsfeld) acarretaram no surgimento de uma

insurgência que fugiria ao controle estadunidense, insurgência esta fortalecida pela fraca resposta das forças de ocupação.

As motivações para a insurgência foram, de fato, multifacetadas. Acredita-se que a própria ocupação anglo-americana, o desmonte do Estado iraquiano (representado pela desbaathificação e pela dissolução das Forças Armadas iraquianas), a inserção problemática de Companhias Militares Privadas, o desrespeito aos direitos humanos, a infiltração de líderes estrangeiros neo-salafistas tenham sido fatores importantes para a ascensão de uma insurgência violenta no Iraque. Além disso, pode-se dizer que as respostas inadequadas dos EUA à insurgência nascente também tenham contribuído para o crescimento dessa insurgência. Diversos grupos xiitas, sunitas e curdos tiveram participações variadas na insurgência iraquiana, mas os principais elementos de resistência à presença estadunidense no Iraque correspondiam ao Exército Mahdi e a al-Qaeda no Iraque. Deve-se ainda mencionar que alguns dos maiores grupos insurgentes (como a Brigada Badr, por exemplo, e alguns elementos da Peshmerga) acabaram sendo incorporados às Forças Armadas regulares iraquianas.

As respostas americanas à insurgência, por sua vez, denotam novamente a retroalimentação: o fracasso do modelo americano em Faluja demonstrou a necessidade de reformulação da doutrina de contra-insurgência. Passou-se, portanto, de um modelo de “search and destroy” para o modelo de “clear, hold, build”, que seria base para a contra-insurgência em Tal Afar. Entretanto, novamente, a experiência da Operação Together Forward mostra a insuficiência do contingente americano para efetuar o controle populacional e, mesmo, o que era proposto pela estratégia “clear, hold, build”. A nova retroalimentação traria um aumento súbito de tropas (que ficou conhecido como “Surge”) e uma estratégia que priorizaria a segurança (e a eliminação dos focos insurgentes) como cerne das operações.

Considera-se que o efeito de longo prazo mais relevante da invasão e ocupação americanas no Iraque seja o surgimento do Estado Islâmico. As falhas estadunidense em (i) conceber um plano para a estabilização e reconstrução do Iraque no pós-guerra; (ii) responder de forma adequada à insurgência nascente durante a fase de ocupação; e (iii) estabelecer uma estratégia de contra-insurgência que buscasse uma aproximação com civis, de forma a não criar mais hostilidade tenham sido fatores determinantes para o nascimento do EI. Além disso, a saída em 2011 não permitiu que se tivesse tempo suficiente para se consolidarem os ganhos do New Way Forward, e logo o Iraque voltou a ser ameaçado pela insurgência.

O que nos leva ao objetivo não-declarado. O desmonte do CME no Iraque iniciou-se com a própria invasão, mas teve sua expressão principal com a CPA, liderada por Bremer. As duas primeiras ordens da CPA, emitidas na primeira semana de Bremer no Iraque, tratavam do expurgo dos níveis superiores da burocracia estatal e da dissolução das forças armadas nacionais. A liberalização e abertura econômica do Iraque seguiram este movimento, escancarando as portas da economia iraquiana aos bancos internacionais, ao investimento externo direto (sem restrição qualquer à expatriação de lucros), e principalmente à exploração do petróleo iraquiano pelas grandes petrolíferas estrangeiras.

Ademais, as proporções tomadas pela insurgência no Iraque e, mais recentemente, na Síria ameaçaram a própria existência do Estado iraquiano. Certamente, esta não era a intenção estadunidense, a de criar um adversário que arrastaria os EUA novamente para a guerra no Oriente Médio, entretanto, a insurgência que despropositalmente criaram teve o efeito de complementar o desmonte do CME iraquiano. Em outras palavras, se a ocupação foi a morte do CME no Iraque, a ascensão do EI foi seu funeral: é pouco provável que um Estado que dependeu das intervenções de duas potências do SI (Rússia e EUA) para desafogar-se de uma ameaça como o EI vá retomar um projeto autônomo de desenvolvimento.

5 CONCLUSÃO

Além de libertar o povo iraquiano de um regime brutal e remover a ameaça das armas de destruição em massa das mãos de Saddam, a Operação Iraqi Freedom apresenta uma tremenda oportunidade de aprender com esse conflito e basear as visões da guerra do futuro numa realidade, em vez de em ilusões. Se a América falhar em reparar a base intelectual da transformação da defesa, a segurança nacional futura estará em risco. A falácia da quase certeza na guerra gerará vulnerabilidades na força que os futuros adversários poderiam explorar. Estas incluem falhas nos conceitos estratégicos e operacionais, incapacidade de capitalizar os avanços tecnológicos, prioridades confusas que resultam em desperdício de recursos, menor prontidão de combate, comprometimento da interoperabilidade conjunta, desequilíbrios na estrutura da força e uma cultura militar fora de sintonia com as realidades da guerra (MACMASTER, 2003, p. 60-61).

Procurou-se ao longo deste relatório de pesquisa comparar a doutrina política, estratégica e operacional com a experiência militar real. Em termos mais específicos, realizou-se uma aproximação entre a Doutrina Bush e a Transformação Militar nos EUA com a experiência militar real na Guerra do Iraque (2003-2008). A pergunta que norteou a pesquisa presente nesta dissertação foi a seguinte: Como o processo de Transformação Militar nos EUA influenciou e foi influenciado pela Guerra do Iraque de 2003? A hipótese foi a de que a Transformação Militar nos EUA passou por um processo de retroalimentação em relação à experiência militar real: a Transformação influenciou o planejamento militar das operações na Guerra do Iraque; e os imperativos resultantes dessas operações, por sua vez, acarretaram mudanças no planejamento e execução dos planos operacionais.

Durante a pesquisa verificou-se que:

- a) o processo de Transformação induziu a diminuição do nível de tropas e a falta de um planejamento posterior pra estabilização no Iraque, minimizando a importância da presença (“boots on the ground”); e que
- b) os imperativos do combate reincidiram sobre o próprio planejamento militar e sobre a forma que tomou o processo de transformação, reformulando-se o planejamento e execução das operações mesmo durante a própria Guerra do Iraque e no pós-guerra. São exemplos disso a Pausa Operacional durante a Iraqi Freedom, as Incursões Relâmpagos para a tomada de Bagdá, as mudanças nas estratégias de contra-insurgência no pós-guerra (incluindo o chamado “Surge” e o New Way Forward).

No primeiro capítulo, procurou-se cotejar o estudo da evolução doutrinária a partir do Vietnã, com ênfase nos pós-guerra fria. Nesse sentido, voltou-se a análise tanto para o nível político-estratégico, quanto no âmbito da doutrina operacional e do Perfil de Força. O primeiro nível foi representado, em um primeiro momento, pela cosmovisão de Wolfowitz, expressa na *Forward Military Presence*, de 1992, e em um segundo momento, pela Doutrina Bush de 2003. Já no nível da doutrina operacional e do Perfil de Força analisou-se a Transformação Militar de Donald Rumsfeld (2003) fortemente influenciada pelas ideias de Willian Lind acerca da Guerra de Quarta Geração.

O segundo capítulo consiste em uma análise da experiência operacional da Guerra do Iraque, no período da invasão estadunidense (fevereiro a maio de 2003). Nele, procurou-se descrever o planejamento e as operações de combate iniciais submetendo-se à luz da doutrina da Transformação Militar, de Rumsfeld. À invasão seguiu-se a fase de ocupação do país e de luta contra a insurgência iraquiana. Esse período foi abordado no terceiro capítulo, em que a ênfase recai nas experiências das batalhas de Faluja (2004) e Tal Afar (2005).

A despeito de a guerra ter sido declarada finalizada em 2003, as políticas do Surge e da *New Way Forward*, propostas pela administração Bush em 2007, consistem na tentativa de resposta aos problemas surgidos na ocupação. É a partir destas ações que se procurou realizar a retroalimentação entre os níveis político-estratégico e operacional tático.

Tratou-se de um esforço preliminar, no sentido de estabelecer os fundamentos para um modelo analítico que permita a avaliação sistemática de formulações doutrinárias, a partir da experiência militar real. Certamente, esse primeiro esforço não logrou seu objetivo final, que é a formulação deste modelo. Para a consecução dessa tarefa, conta-se com a contribuição de trabalhos futuros.

Cumprido, no entanto, salientar a importância de um modelo de avaliação de políticas públicas na esfera da doutrina operacional. Acredita-se que tal modelo se justifique uma vez que, em seu limite superior, a doutrina incide sobre toda a Política Externa e de Segurança de um país. No presente trabalho, esse aspecto apresentou-se a partir dos estudos da cosmovisão de Wolfowitz e da Doutrina Bush. Espera-se que se tenha deixado claro, elas trouxeram graves consequências para a economia e política externa dos EUA até os dias de hoje. Já em seu limite inferior, a doutrina relaciona-se com a tática e as técnicas de combate. A retroalimentação entre esses dois últimos

aspectos, com o nível político e estratégico ocorre através da política de pessoal (Perfil de Força) ou da política de aquisições. Em qualquer um dos casos, a tática e as técnicas de combate constituem-se em parte essencial para a determinação do perfil que as Forças Armadas possuirão na vertebração da estratégia socioeconômica, na política industrial do Estado e na geração de emprego e renda.

Dada a importância da doutrina para as funções do Estado, acredita-se que tais questões não podem passar ao largo de analistas civis, pesquisadores da Universidade e formuladores de decisão. Existem diversos modelos que se propõem a estabelecer métricas e formas de avaliação de Políticas Públicas. O Secretário de Defesa dos EUA nas gestões Kennedy e Johnson (1961-1968), Robert MacNamara, foi um dos pioneiros neste campo. Aliás, MacNamara logrou produzir uma retroalimentação inesperada, contribuindo para a utilização de métodos quantitativos nas ciências sociais. Entretanto, passada mais de uma geração, ainda inexistente um debate claro acerca das métricas e técnicas que integram a Política de Defesa – caso da Doutrina de Operações.

Sem dúvida, existem inúmeros esforços nessa direção e sistemas de cálculo, como o Serviço de Pesquisa do Congresso dos EUA (Congressional Research Service) e o equivalente ao Tribunal de Contas da União naquele país, o Government Accountability Office (GAO). Conquanto tratem-se de estudos imprescindíveis e rigorosos, suas métricas servem para informar decisões do Congresso e avaliar sistemas em particular (e.g.:o F-35 Lightning II, o Litoral Combat Ship, entre outros), restando ainda pendente por se elaborar um método para análise mais ampla do nível operacional.

Outro esforço realizado na tentativa de cumprir essa tarefa tem sido a retomada do debate da Defesa informada pelo nível político, o debate acerca da Grande Estratégia. O mérito dessa iniciativa cabe, particularmente, a Anne Marie Slaughter e a Sheila Ronis, que no âmbito da National Defense University (NDU) promoveram uma série de seminários a fim de debater a formulação de uma nova Grande Estratégia estadunidense. Também essa abordagem, conquanto necessária, posto que estabelece o primado dos fins da política sobre os meios militares, também apenas tangencia a avaliação da doutrina à luz da experiência militar real.

Espera-se que com esse trabalho, mesmo que de forma modesta tenha-se contribuído para que o debate acerca da utilização do nível operacional da guerra dissemine-se enquanto categoria analítica. Conforme referido, é tomando-se o nível operacional enquanto categoria analítica que se pode efetuar a conexão entre aspectos

tão díspares do planejamento de guerra como os relacionados a tática e a técnica, e os que dizem respeito ao nível político, como a inserção internacional do país. Esta preocupação adquire maior relevo dada a preocupante situação internacional que ora se atravessa, em que se multiplicam tanto os desafios relacionados a transição tecnológica e a segurança, quanto as capacidades instaladas e as tarefas mais prementes afetas a Defesa.

Por fim, como fomento para uma agenda de pesquisa futura, pode-se indicar o estudo da retroalimentação entre a Transformação Militar e a Guerra do Iraque com a formulação da eleição de Donald Trump nos EUA em 2016 – sendo visto que seus principais apoiadores (Gen. Mattis, Gen. McMaster e Michael Flynn) eram veteranos da guerra do Iraque - no comando da Força Expedicionária dos Fuzileiros Navais, da operação de contra-insurgência em Tal Afar e da CIA, respectivamente. Além disso, pode-se procurar estender a análise aos documentos de defesa dos EUA, lançados em 2017 e 2018, que delineiam uma possível nova abordagem. Por fim, ainda pode-se analisar a adequação do modelo logístico de Supply Chain para atender às demandas da mobilização militar.

REFERÊNCIAS

ALBRIGHT, Madeleine K. Bridges, bombs or bluster?. **Foreign Affairs**, New York, v. 82, n. 5, Sept./Oct. 2003. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/2003-09-01/bridges-bombs-or-bluster>>. Acesso em: 04 set. 2018.

ALBRIGHT, Madeleine K. **Policy speech on Iraq**. Washington: Georgetown University, 26 Mar. 1997. Palestra ministrada aos professores, alunos e funcionários da Universidade de Georgetown. Disponível em: <<https://awpc.cattcenter.iastate.edu/2017/03/21/policy-speech-on-iraq-march-26-1997/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

BIANCHI, Alvaro. Os neocruzados: a guerra no Afeganistão e a nova ordem mundial. **Outubro**, São Paulo, n. 6, p. 31-46, 2002.

BUTLER, Richard. **Saddam Defiant**: The threat of weapons of mass destruction, and the crisis of global security. London: Weidenfeld & Nicholson, 2000.

CAMP, Dick. **Operation Phantom Fury**: The assault and capture of Fallujah, Iraq. Minneapolis: Zenith Press, 2009.

CHANT, Christopher. **The Air War in the Gulf 1991**. Oxford: Osprey, 2001.

CHENG, Dean. Chinese Lessons from the Gulf Wars. In: SCOBELL, Andrew; LAI, David; KAMPHAUSEN, Roy. **Chinese Lessons from Other People's Wars**. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2011. p. 153-200.

COCKBURN, Patrick. **A Origem do Estado Islâmico**: O fracasso da Guerra ao Terror e a ascensão jihadista. São Paulo: Autonomia Literária, 2015.

COHEN, Eliot. **Gulf War Air Power Suvey**: Summay Report. Washington: Department of the Air Force, 1993.

CORDESMAN, Anthony H. **Lessons of the Iraq War**: main report. Eleventh working draft: July 21, 2003. Washington: Center for Strategic and International Studies, 2003.

CORDESMAN, Anthony H. **The Iraq War and Lessons for Counterinsurgence**. Washington: Center for Strategic and International Studies, 2006.

CORDESMAN, Anthony H. DAVIES, Emma. **Iraq's Insurgency and the Road to Civil Conflict**. Washington: Center for Strategic and International Studies, 2008

COSGROVE, Ben. American Atrocity: Remembering MyLai. **Time**, [S.l.], 13 Mar. 2013. Disponível em: <<http://time.com/3739572/american-atrocity-remembering-my-lai/>>. Acesso em: 09 out. 2018.

DALE, Catherine. **Operation Iraqi Freedom**: Strategies, Approaches, Results, and Issues for Congress. CRS Report For Congress. Washington: Congressional Research Service, 2008.

- DAPONTE, Beth O. A Case Study in Estimating Casualties from War and its Aftermath: the 1991 Persian Gulf War. **The PSA Quarterly**, [S.l.], v. 3, n. 2, June 1993.
- DOBBINS, James, et al. **Occupying Iraq: a history of the Coalition Provisional Authority**. Santa Monica: Rand Corporation, 2009.
- DOYLE, Michael W. Liberalism and World Politics. **The American Political Science Review**, v. 80, n. 4, p. 1151-1169, Dec. 1986.
- DWYER, Jim. A Nation at War: In the Field – V Corps Commander; A Gulf Commander Sees a Longer Road. **The New York Times**, New York, 28 Mar. 2003. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2003/03/28/world/nation-war-field-v-corps-commander-gulf-commander-sees-longer-road.html>> Acesso em: 13 fev. 2018.
- FALLOWS, James. Interview. **PBS Frontline: The Invasion of Iraq**. Public Broadcasting System. [S.l.], 26 fev 2004. Disponível em: <https://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/invasion/interviews/fallows.html> (Acesso em 08 ago. 2018).
- FALLUJAH: The Hidden Massacre. Direção: Sigfrido Ranucci & Maurizio Torrealta. [S.l.]: Rai News. 27 min. 2005.
- FEHRENBACH, T. R. **This Kind of War: The Classic Korean War History**. Lincoln: Potomac Books, 2001.
- FIALA, Andrew. Crusades, Just Wars and the Bush Doctrine. **Peace Review: a journal of social justice**, San Francisco, v. 18, n. 2, p. 165-172, June 2007.
- FINER, John. H. R. McMaster is hailed as the hero of Iraq's Tal Afar: here's what that operation looked like. **The Washington Post**, Washington, 24 Feb. 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/posteverything/wp/2017/02/24/h-r-mcmaster-is-hailed-for-liberating-iraqs-tal-afar-heres-what-that-looked-like-up-close/?utm_term=.0c3f13c99967>. Acesso em: 10 out. 2018.
- FINLAN, Alastair. **Essential Histories: The Gulf War 1991**. Oxford: Osprey, 2003.
- FISHER, Marc. Watergate: The longshadow of a scandal. **The Washington Post**, Washington, 14 June 2012. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/lifestyle/style/as-years-go-by-watergate-drifts-toward-myth/2014/06/14/cff4080c-aa8a-11e1-b15f-a61faf9b4d76_story.html?utm_term=.11dfbba4f36a>. Acesso em: 10 out. 2018.
- FONTENOT, Gregory; DEGEN, E. J.; TOHN, David. **On Point: The United States Army in Operation IRAQI FREEDOM**. Fort Leavenworth: Combat Studies Institute Press, 2004.
- FRIEDMAN, Marcela Fisher. **A doutrina da Vantagem Militar Qualitativa (VMQ) e as relações entre Israel e os Estados Unidos**. 2016. 102 f. Trabalho de Conclusão de

Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

FUKUYAMA, Francis. **O Fim da História e o Último Homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GARFIELD, Richard. **The Impact of Economic Sanctions in Health and Well-Being**. London: Overseas Development Institute, 1999.

GLANZ, James, LEHREN, Andrew W. Use of Contractors Added to War's Chaos in Iraq. **The New York Times**, New York, 23 oct. 2010. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/10/24/world/middleeast/24contractors.html>>. Acesso em: 20 out 2018.

GORDON, Michael R. The Conflict in Iraq: Road to War; The Strategy to Secure Iraq did not foresee a 2nd war. **The New York Times**, New York, 19 oct. 2004. Disponível em: < <https://www.nytimes.com/2004/10/19/washington/the-conflict-in-iraq-road-to-war-the-strategy-to-secure-iraq-did.html>> Acesso em: 20 out. 2018.

GREGSON, Lt. Gen. Wallace C. Gregson. I Marine Expeditionary Force Summary of Action. In: KENNEDY, Christopher; RENFROW, Wanda; ENGLANDER, Evelyn; LOWREY, Nathan. **U.S. Marines in Iraq, 2003: Anthology and Annotated Bibliography**. Washington: United States Marine Corps, 2006. p. 1-14.

HAHN, Maria da Graça. **Tribunal Sul-Americano: Uma Concepção Cibernética de Integração**. 2006. 286 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

HAMDANI, Lt. Gen. Raad Al. Interview. **PBS Frontline: The Invasion of Iraq**. Public Broadcasting System. [S.l.], 26 feb 2004. Disponível em: <<https://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/invasion/interviews/raad.html>> Acesso em 08 fev. 2018.

JUHASZ, Antonia. It's Still About Oil in Iraq. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 08 Dec. 2006. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20180917010334/http://www.latimes.com/news/la-oe-juhasz8dec08-story.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.

KAMPFNER, John. The Truth about Jessica. **The Guardian**. London, 15 may 2003. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2003/may/15/iraq.usa2>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

KEEGAN, John. **A Guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2005.

KREMER, Christopher. **The Carpet Wars: From Kabul to Baghdad, a ten year journey along the Ancient Trade Routes**. Manattan: Ecco Press, 2002.

LIND, Willian S. Compreendendo a Guerra de Quarta Geração. **Military Review**, Fort Leavenworth, edição brasileira, jan./fev. 2005.

LIND, Willian S. et al. The Changing Face of War: into the fourth generation. **Marine Corps Gazette**, Quantico, v. 73, n. 10, p. 22-26, oct. 1989.

LOCK-PULLAN, Richard. **US intervention policy and army innovation**: from Vietnam to Iraq. New York: Routledge, 2006.

MCKIERNAN, Lt. Gen. David. Interview. **PBS Frontline**: The Invasion of Iraq. Public Broadcasting System. [S.l.], 26 feb 2004. Disponível em: <https://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/invasion/interviews/mckiernan.html> (Acesso em 08/02/2018)

MCMMASTER, Herbert R. **Crack in the Foundation**: Defense Transformation and the Underlying Assumption of Dominant Knowledge in Future War. Carlisle: U.S. Army War College, 2003.

MCMMASTER, Herbert R. Interview. **PBS Frontline**: The Insurgency. Public Broadcasting System. [S.l.], 21 feb 2006. Disponível em: <https://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/insurgency/interviews/mcmaster.html>. Acesso em: 08 set. 2018.

MEARSHEIMER, John J. Hans Morgenthau and the Iraq War: Realism Versus Neo-conservatism. **The National Interest**, Washington, v 1. n. 81., 2005.

MEARSHEIMER, John J. Why the Soviets Can't Win Quickly in Central Europe. **International Security**, Cambridge, v. 7, n. 1, p. 3-39, 1982.

MONTEIRO, Valeska Ferrazza. **Carro de Combate Principal**: Estudo Introdutório sobre sua origem e função. 2017. 116 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MILLER, Judith; MYLROIE, Laurie. **Saddam Hussein e a Crise do Golfo**. São Paulo: Scritta, 1990.

NASSER, Reginaldo. Apresentação: Uma Serpente entre as Pedras. In: COCKBURN, Patrick. **A Origem do Estado Islâmico**: O fracasso da Guerra ao Terror e a ascensão jihadista. São Paulo: Autonomia Literária, 2015. p. 1-7.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Conselho de Segurança das Nações Unidas. **Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas nº 661**. New York, 1990. Disponível em: <http://unscr.com/en/resolutions/doc/661>. Acesso em: 20 set. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Conselho de Segurança das Nações Unidas. **Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas nº 687**. New York, 1991. Disponível em: <http://unscr.com/en/resolutions/doc/687>. Acesso em: 20 set. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Conselho de Segurança das Nações Unidas. **Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas nº 1441**. New York, 2002. Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/doc/1441>>. Acesso em: 20 set. 2018.

OTTERMAN, Sharon. **Iraq: what is the Fedayeen Saddam?**. Council on Foreign Relations, 2005. Disponível em: <<https://www.cfr.org/background/iraq-what-fedayeen-saddam>>. Acesso em: 20 out. 2018.

PACKER, George. The Lesson of Tal Afar: Is it too late for the Administration to correct its course in Iraq? **The New Yorker**, Nova Iorque, 10 apr. 2006. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2006/04/10/the-lesson-of-tal-afar>>. Acesso em: 11 out. 2018.

PERKINS, Col. David. Interview. **PBS Frontline: The Invasion of Iraq**. Public Broadcasting System. [S.l.], 26 feb 2004. Disponível em: <<https://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/invasion/interviews/perkins.html>>. Acesso em 08 fev. 2018.

PIKE, John. **Operation Restoring Rights**. Global Security, 07 may. 2011a. Disponível em: <<https://www.globalsecurity.org/military/ops/oif-restoring-rights.htm>>. Acesso em: 10 out. 2018.

PIKE, John. **Operation Together Forward**. *Global Security*, 07 may. 2011b. Disponível em: <<https://www.globalsecurity.org/military/ops/oif-forward-together.htm>>. Acesso em: 10 out. 2018.

PIRNIE, Bruce R et al. Land Operations. In: PERRY, Walter et al. **Operation Iraqi Freedom: Decisive War, Elusive Peace**. Santa Monica: Rand, 2015. p. 57-148.

PIVATTO JUNIOR, Dilceu Roberto. **Os ThinkTanks do Reino Unido: interpretações a respeito da atuação do Brasil no cenário internacional (2001-2016)**. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

REIS, João Arthur da Silva. **A Industrialização da Guerra: Perfil de Força, gestão do Estado e mudança no regime de acumulação de capital (1850–1950)**. 2015. 113 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

REIS, João Arthur da Silva. Impactos da mudança do perfil das Forças Armadas sobre a Grande Estratégia dos Estados Unidos (1973-2003). In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA, 9., 2016, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: ABED, 2016. Disponível em: <http://www.enabed2016.abedef.org/resources/anais/3/1466355040_ARQUIVO_REIS ArtigoENABED.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

RICKS, Thomas E. The Lessons of Counterinsurgency: U.S. Unit Praised for Tactics Against Iraqi Fighters, Treatment of Detainees. **The Washington Post**, Washington, 16 feb. 2006. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/02/15/AR2006021502586_pf.html>. Acesso em: 10 out. 2018.

RITTER, Scott. **Iraq Confidential: The Untold Story of America's Intelligence Conspiracy**. London: I. B. Tauris&Co Ltd, 2005.

ROMJUE, John L; CANEDY, Susan; CHAPMAN, Anne. **Prepare the Army for War: a Historical Overview of the Army Training and Doctrine Command, 1973-1993**. Fort Monroe: United States Army Training and Doctrine Command, 1993.

ROWLEY, Rick. Iraq Part I – Counterinsurgency in Iraq. In: GURMAN, Hannah (Ed.). **Hearts and Minds: A People's History of Counterinsurgency**. Nova Iorque: The New Press, 2013. Chapter 5.

RUMSFELD, Donald H. **Transformation Planning Guidance**. Washington: Department of Defense of the United States, 2003.

SINGER, Peter W. **The Dark Truth About Blackwater**: Brookings Institution, oct. 2nd, 2007. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/articles/the-dark-truth-about-blackwater/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

SUSKIN, Ronald. **The Way of the World: a story of truth and hope in an age of extremism**. New York: Harper Collins, 2008. E-book.

TEIXEIRA, Aloísio. Capitalismo monopolista de Estado: um ponto de vista crítico. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 85-105, 1983.

TOFFLER, Alvin; TOFFLER, Heidi. **Guerra e Anti-guerra: sobrevivência na aurora do Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

TOWERY, Booby A. **Phasing Out Private Security Contractors in Iraq**. 2006. Paper (Master of Strategic Studies) – Strategic Studies Degree, U.S. Army War College, Carlisle, 2006.

TYLER, Patrick E. U.S. strategy plan calls for insuring no rivals develop. **The New York Times**, New York, 08 Mar. 1992. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1992/03/08/world/us-strategy-plan-calls-for-insuring-no-rivals-develop.html>>. Acesso em: 04 set. 2018.

URBAN, Mark. **Task Force Black: The Explosive True Story of the Secret Special Forces War in Iraq**. New York: St. Martin's Griffin, 2012.

US USED white phosphorus in Iraq. **British Broadcasting Company**, [London], 16 Nov. 2005. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/4440664.stm>>. Acesso em: 20 out. 2018.

USA. President. (1989-1993: George Herbert Walker Bush). **Transcript of President Bush's Address on the End of the Gulf War**. Washington, 6 Mar. 1991. Disponível

em: <<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-6-1991-address-joint-session-congress-end-gulf-war>>. Acesso em: 20 out. 2018.

USA. President (2001-2009: George Walker Bush). **President Bush Speaks at U.S. Naval Academy Commencement**. Annapolis, 25 May 2001a. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20130531214029/http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/05/print/20010525-1.html>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

USA. President (2001-2009: George Walker Bush). **Address to a Joint Session of Congress and the American People**. Washington, 20 Sep 2001b. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2001/09/20010920-8.html>>. Acesso em: 11 set. 2018.

USA. President (2001-2009: George Walker Bush). **President Bush Delivers State of the Union Address**. Washington, 29 Jan 2002a. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2002/01/20020129-11.html>>. Acesso em: 11 set. 2018.

USA. **The National Security Strategy of the United States of America**. Washington: The White House, set. 2002b.

USA. President (2001-2009: George Walker Bush). **President Says Saddam Hussein Must Leave Iraq Within 48 Hours**. Washington, 17 Mar 2003. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2003/03/20030317-7.html>>. Acesso em: 18 set. de 2018.

USA. **FMI 3-07.22. Counterinsurgency Operations**. Fort Leavenworth: Department of the Army, 2004

USA. **Dictionary of Military and Associated Terms**. Washington DC: Department of Defense, 2005a.

USA. **National Strategy for Victory In Iraq**. Washington, National Security Council, Nov. 2005b.

USA. President (2001-2009: George Walker Bush). **President's Address to the Nation**. Washington, 10 Jan 2007. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2007/01/20070110-7.html>>. Acesso em: 18 set. 2018.

VISENTINI, Paulo G. F. **O Grande Oriente Médio: da descolonização à primavera árabe**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

WALLACE, Lt. Gen. William Scott. Interview. **PBS Frontline: The Invasion of Iraq**. Public Broadcasting System. 26 Feb 2004. Disponível em: <https://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/invasion/interviews/wallace.html> (Acesso em 08 fev 2018)

WIENER, Norbert. **Cibernética e Sociedade**: o uso humano de seres humanos. São Paulo: Cultrix, 1954.

WOLFOWITZ, Paul. **Defense Planning Guidance FY 1994-99**. Washington DC: Department of Defense of the United States, February version, 1992a.

WOLFOWITZ, Paul. **Defense Planning Guidance FY 1994-99**. Washington DC: Department of Defense of the United States, April version, 1992b.

WONG, Edward. Iraqi Cabinet approves national oil law. **The New York Times**, New York, 27 Feb. 2007. Disponível em:
<<https://www.nytimes.com/2007/02/27/world/africa/27iht-iraq.4734414.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.

WRIGHT, Donald P.; REESE, Timothy R. **On Point II**: Transition to the New Campaign. Fort Leavenworth: Combat Studies Institute Press, 2008.

YOSUFI, Abdul Basir. The Rise and Consolidation of Islamic State: External Intervention and Sectarian Conflict. **Connections**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 91-110, 2016.